

RADIOGRAFIA DO JEOVISMO

**Uma Avaliação do Sistema Denominado
"Testemunhas de Jeová"**

ARNALDO B. CHRISTIANINI

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Santo André - São Paulo
Segunda edição refundida e ampliada
Sete Milheiros - 1975**

ÍNDICE

Prefácio	3
Introdução	4
1. A Data Crucial de 1975	9
2. A Pretensão dos Jeovistas	24
3. O Verbo é Deus	29
4. O "Eu Sou"	39
5. "Senhor Meu e Deus Meu"	45
6. Mais Uma Fraude	48
7. "Existindo em Forma de Deus"	54
8. Duas Subtilezas Desmascaradas	58
9. Ligeiro Estudo de Provérbios 8:22-24	61
10. Cristo Identificada com Jeová	66
11. E o "Anjo de Jeová"?	74
12. Provas Suplementares da Deidade de Cristo	76
13. A Deidade do Espírito Santo	81
14. O que se Deve Saber sobre "Jeová"	85
15. Considerações Sobre a Trindade	93
16. "Presença" ou Vinda Visível?	100

17. Falsos Esquemas Proféticos	104
18. Provas Fotostáticas de Algumas Fraudes	114
19. A Criação em 42.000 Anos	124
20. O Sábado e os "Descansos" Bíblicos	132
21. Revelação Progressiva	139
22. O Dogma da Transfusão de Sangue	144
23. Outros Pontos Arrevesados	152
24. Cruz ou Estaca?	159
25. Algumas Objeções Confutadas	165
26. Alterações e Inovações Doutrinárias	182
27. O Primeiro Líder	190
28. A Carga Incômoda	197
Bibliografia	202

PREFÁCIO

A Bíblia sempre encontrou em Arnaldo Christianini um brilhante e talentoso intérprete. Com um estilo elegante e argumentos insofismáveis ele se tem erguido repetidas vezes contra os adversários das Escrituras Sagradas, que animados por um espírito crítico, ferrenho e parcial têm pretendido invalidar a autoridade do Sagrado Livro.

Agora, em "Radiografia do Jeovismo" ele se agiganta com uma dialética firme, sutil, não somente para advogar a Bíblia – a Palavra inspirada – contra as interpretações espúrias e fantasiosas dos modernos discípulos de Russel, mas também para defender a ortodoxia ameaçada, que em sua memorável confissão proclamou a unidade de substância e natureza entre a Palavra encarnada e o Pai.

Valendo-se de uma sóbria exegese gramatical ele denuncia as contradições existentes na difusa e confusa literatura publicada pelos jeovistas em sua intensa propaganda sectária.

Com o mesmo entusiasmo pela investigação honesta revelado em seu último livro "As Subtilezas do Erro", o autor analisa na segunda parte deste livro a singular história dos Testemunhas de Jeová, destacando a participação e influência de alguns dos seus dirigentes no período formativo deste grupo religioso.

Denunciando, na última parte deste volume, as intoleráveis heresias jeovistas relacionadas com o mistério da Trindade e a Divindade de Jesus, o autor responde com a indisputável autoridade das Escrituras a memorável pergunta de Cesaréia de Filipo: "Que dizes tu a respeito do Filho do Homem?"

Fiel à exegese ortodoxa que se contrapõe ao unitarismo intransigente dos russelitas, Christianini apresenta com cuidado e objetividade a união hipostática das duas naturezas de Jesus, "verdadeiro Deus e verdadeiro homem".

Creemos que aqueles que lerem este valioso livro, com espírito investigador e coração sensível, pesando-lhe os argumentos e ensinamentos, robustecerão a fé e confiança na autoridade da Bíblia e contemplarão em Jesus o brilho fulgurante da glória divina.

Enoch de Oliveira

INTRODUÇÃO

Dentre os muitos movimentos religiosos marginais do cristianismo, sobressai-se, pela desbragada heterodoxia e sobretudo pela agressividade proselitista, esse "engano dos últimos dias" que é o jeovismo, movimento de herança russelita-rutherfordiana, que, a partir de 1931, evoca para si o pretensioso título "Testemunhas de Jeová".

De último, objetivando mais alto nível de penetração, procuram modernizar sua máquina de propaganda, tentando imprimir caráter erudito às suas heresias, editando sua versão própria das Escrituras, visando embasar-se nas línguas bíblicas originais, para afinal rejeitarem como inservíveis as traduções clássicas e aceitas da Bíblia. Já nos primórdios do movimento, ainda na fase russelita, o "The Emphatic Diaglott" era o *vade mecum* em que procuraram estribar suas interpretações heréticas. O endereço telegráfico da "Associação dos Estudantes da Bíblia" em Londres, por exemplo, era simplesmente "Diaglott".

Ainda hoje o "The Emphatic Diaglott" é, para eles, material subsidiário de altíssimo valor. Porque editam o conteúdo da Bíblia numa tradução a que chamam "Novo Mundo". Não admitem a palavra "Bíblia", "Velho Testamento" nem "Novo Testamento", porque, segundo eles, constituem velharias religionistas, sem abono no texto sagrado (ver "A Verdade Vos Tornará Livres" p. 210). Então editam as "Escrituras Hebraicas", e as "Escrituras Gregas Cristãs". Uma análise serena de conteúdo escriturístico revela que o objetivo dessas edições é tendenciosa e visa dar outra feição textual às passagens tangenciadas com o Deidade de Cristo, a Personalidade do Espírito, a Volta de Cristo e Sua ressurreição, procurando criar uma dogmática peculiar sobre estes e outros assuntos.

Antes de entrarmos no mérito de sua tradução própria, a decantada "Novo Mundo", achamos de interesse informar aos leitores acerca da tradução, freqüentemente invocada por eles, o "The Emphatic Diaglott".

Que tradução é essa, chamada "The Emphatic Diaglott"?

Em bom português, poderíamos designá-la por "O Diaglotão Enfático". Tem mais de um século, pois foi publicada, pela primeira vez, em 1864. Seu autor foi Benjamin Wilson, redator autodidata (sem cursos formais) de uma revista quinzenal denominada "A Bandeira Evangélica e o Advogado Milenial". O massudo livro é uma edição curiosa do texto grego do Novo Testamento de G. G. Griesbach, com uma tradução rija, colada, interlinear, e ainda mais uma tradução paralela para o inglês. Em muitos aspectos e minúcias pode ser considerado o "Pai" da Tradução Novo Mundo, esta editada previamente pelos jeovistas. O "Diaglotão" é sempre citado pelas "testemunhas" como sendo a última palavra, a grande autoridade a amparar suas asserções presunçosas e dogmáticas, insistindo que "o sentido literal do grego é tal e tal" porque assim está no "Diaglotão". *Nec plus ultra!*

Contudo, a tradução é anódina, deficiente, carece de valor, e as eruditos simplesmente a ignoram como fonte de consulta. Não a citam, porque não oferece garantia, nem resiste a uma análise seria.

Por outro lado, os prelos da grande editora jeovista sediada em Brooklyn, Nova Iorque, EE. UU., em 1950 deram à luz a primeira edição do Novo Testamento da "New World Translation of the Christian Greek Scriptures" (Tradução Novo Mundo das Escrituras Gregas Cristãs). De então para cá, completando a tradução própria da Bíblia, imprimem-na em vários idiomas. A edição em inglês é recheada de notas à margem e rodapés "elucidativos" do texto. Em 1963 lançam o Novo Testamento, Edição Brasileira, versão que evidentemente se situa abaixo da crítica. É mera retradução do inglês e, como aquela, feita sob medida, toda pré-moldada à heresia jeovista, fazendo "*pendant*" especialmente com o unitarismo enfermigo que caracteriza a seita. Do ponto de vista consultivo é nula. É extravagante, tendenciosa, medíocre e também, à vista de seu flagrante demérito, é igualmente ignorada pelos eruditos como fonte de consulta e estudo.

Estas traduções não têm o valor que lhe atribuem as iludidas "testemunhas". Na sua boa fé, trombeteiam, de maneira irritante, que a apreensão de sentido do grego original do Novo Testamento é, nelas, correta e impugnável? No entanto, não resistem a um cotejo sério, em profundidade. E citamos um fato rigorosamente verdadeiro, relatado pelo Sr. Norman Klann, co-autor da obra *Jehovah of the Watchtower*, páginas 99 e 100. Certo elemento do *staff* intelectual da Sociedade Torre de Vigia, Sr. Bowman, propôs-se a "esclarecer" o autor daquele livro no que concerne à exata tradução do "The Emphatic Diaglott". Eis as palavras textuais de Klann:

"Nessa reunião apresentei-lhe o Sr. Robert Moreland, professor de grego e hebraico no **Shelton College**, que se ofereceu voluntariamente para ajudá-lo na pesquisa da tradução correta de S. João 1:1, Colossenses 2:9, S. João 8:58 e outros textos que as 'testemunhas' traduzem errônea e tendenciosamente com a finalidade de 'provarem' suas doutrinas não-ortodoxas. O Sr. Bowman, instrutor categorizado das Testemunhas de Jeová, foi completamente derrotado pela exegese lingüística e lídimos postulados gramaticais do grego apresentados com maestria e autoridade pelo Prof. Moreland, a tal ponto que Bowman admitiu francamente não poder refutá-lo, ficando tão desconcertado como uma criança que acabara de ficar privada de seus brinquedos prediletos".

Nos primeiros capítulos deste trabalho apresentaremos uma dissecação de suas traduções deformadas dos textos divinitórios de Cristo, os principais deles, mas o suficiente para demonstrar que, neste ponto, os amigos jeovistas embarcam em canoa furada. Seus "ministros" de certa cultura decoraram urna "oferta verbal" destes pontos – cuja orientação lhes vem no Escola Bíblica de Gileade (South Lancing, Nova York), inaugurada em 1943. Contudo, não resistem a uma contraprova firme e documentada.

Outra tática que empregam presentemente, nos contatos proselitistas, é a amabilidade, a cortesia estudada, pois verificaram que seus métodos diretos e ríspidos de outros tempos (de orientação rutherfordiana que aconselhava a odiar os "religionistas") não produziam

os resultados esperados. Enfim resolveram aplicar os princípios das relações públicas. Passaram a usar a cabeça. Contudo até mesmo dez anos depois do falecimento de J. F. Rutherford ainda mantinham a doutrina do ódio. Prova? A revista *The Watchtower* (A Torre de vigia), edição de 1.º de outubro de 1952, num extenso artigo intitulado "Jeová – Forte Refúgio Para Hoje", páginas 596-604, defende o "ódio" ao denominado mundo cristão, à cristandade, ali averbada de "inimigos de Deus". Reproduzamos alguns trechos:

"Os que aborrecem a Deus e a Seu povo [as Testemunhas de Jeová] devem ser odiados, mas isto não quer dizer que se busque urna chance de feri-los com espírito de maldade e rancor, porque estas coisas pertencem ao diabo, ao passo que o ÓDIO PURO não lhe pertence. Precisamos odiar ao mais completo sentido, o que vem a ser votar a mais viva e extrema aversão, considerar [os tais] como nojentos, odiosos e imundos, e detestar mesmo. Por certo os que aborrecem a Deus não estão capacitados para viver em Sua bela terra...

"Não haveremos, então, de aborrecer aos que aborrecem a Deus? Sim, não podemos amar esses inimigos odiosos, pois eles apenas servem para a destruição". (Grifos e versais nossos),

Mais adiante, no mesmo artigo, depois de citarem trechos dos salmos 74 e 59, em que Davi se refere aos inimigos, prosseguem no mesmo diapasão:

"Estes são os verdadeiros sentimentos, desejos e orações dos justos de hoje [as 'testemunhas de Jeová']. Não são também estes os vossos sentimentos? Como odiamos aos obreiros da iniquidade, e aqueles que querem demolir a organização de Deus!...

"Os moabitas de hoje são os professos cristãos... os quais contra as Testemunhas de Jeová movem um ódio que não procede da justiça, mas do diabo. . . Detestam o crescimento do povo de Deus... Serão humilhados, porque Jeová liquida com eles..."

Basta! Compare-se isto com o ensino de Jesus que manda amar os inimigos e orar pelos que nos perseguem. Hoje, no entanto, adotam a tática da cortesia estudada, e não dizem que "odeiam".

O Sr. William J. Schnell, autor do livro *Trinta Anos Escravizado à Torre de Vigia*, falando das alterações doutrinárias dos jeovistas, é taxativo:

"O Evangelho da Sociedade da Torre de Vigia sofreu três mudanças nos últimos setenta anos e, entre 1917 e 1925, a Sociedade da Torre de Vigia mudou 148 pontos de doutrina e interpretação". (W. 1. Schnell, *Outro Evangelho*, p. 24).

Nosso desiderato, ao radiografarmos o jeovismo, é mostrar o que se contém realmente em seu bojo, sem nutrir para com seus membros nenhuma animadversão, e para com o sistema nenhum *odium theologicum*. Este livro, contudo, destina-se a alertar os desavisados contra os enredos bem urdidos, com foros de verdade, mas que não passam de *pitfalls* armados ao longo do caminho do cristão.

Creemos que, conhecendo-se os pretensos fundamentos doutrinários da seita agressiva, e os fatos indesmentíveis que há no bojo do sistema, mais se reforça a convicção de que o ensino disforme e obtuso do jeovismo deve ser rejeitado. Daí a razão dessa radiografia que apresenta um retrato interior e transparente da esdrúxula seita, inclusive divulgando fatos pouco conhecidos no Brasil.

Conhecemos almas sinceras enredadas no sistema jeovista. Conhecemos outros que já o deixaram, desencantadas com sua escatologia e a lúgubre "esperança" de salvação que apregoa.

Destina-se o livro a reforçar a fé dos crentes em Cristo, "o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém". Rom. 9:5.

Que Deus ilumine os sinceros!

A DATA CRUCIAL DE 1975

As chamadas Testemunhas de Jeová, nos últimos anos, em seus escritos e especialmente em suas palestras e estudos orais, têm dado muita ênfase à data de 1975, como ano decisivo "nos planos de Jeová". Nos seus contatos missionários diziam abertamente que surgiria o Armagedom e até outubro desse ano tudo estaria consumado na Terra, seria o início do milênio sabático, coincidindo com seis mil anos da existência do homem. Em sua literatura proselitista, essas afirmações, embora não categóricas, são insinuadas de forma bem persuasiva. Transcrevemos algumas dessas declarações, extraídas do livro *Vida Eterna – na Liberdade dos Filhos de Deus*, editado em 1966.

Página 29:

"Os seis mil anos desde a criação do homem terminarão em 1975 e o sétimo período de mil anos da história da vida humana começará no outono (segundo o hemisfério setentrional) do ano de 1975 E.C. (...) Quão apropriado seria se Jeová-Deus fizesse deste vindouro sétimo período de mil anos um período sabático de descanso e livramento, um grandioso sábado de jubileu para se proclamar liberdade através da Terra e todos os seus habitantes!"

Página 30:

"Não seria por mera acaso ou acidente, mas seria segundo o propósito amoroso de Jeová-Deus que o reinado de Jesus Cristo, o Senhor do sábado, correspondesse ao sétimo milênio da existência do homem".

Página 57:

"O atual sistema de coisas fútil da humanidade escravizada será completamente eliminado, e então o sistema divino de libertação assumirá o controle completo sobre a Terra".

No mesmo livro há exaustiva Tabela de Datas Significativas, que assim conclui:

Era Cristã	Ano do Mundo
1975	6.000 – Fim do 6.º dia de mil anos de existência do homem (em princípios de outubro)
2975	7.000 – Fim do 7.º dia de mil anos.

Fica claro, portanto, que, segundo essas declarações, e as palestras e estudos verbais apresentados pela seita, o Armagedom estaria terminado antes de outubro de 1975, seguindo-se o início do milênio sabático, o sétimo e último, a consumação dos séculos, o livramento jubilar, o reinado de Cristo com os 144.000 no decurso desse milênio. E não haverá um oitavo milênio.

Nada, porém, acontece em 1975. Por quê? Simplesmente porque o cálculo profético dos jeovistas baseou-se em duas falsas premissas. Primeiro, o conceito errôneo do "dia-milênio". Segundo, uma falsa cronologia da criação do homem. Vamos analisá-las a seguir.

É Bíblico o Dia Milenar?

Seria correto deduzir dos textos de Sal. 90:4 e II S. Ped. 3:8 que cada dia profético vale mil anos?

Respondemos convictamente: Não, não é correto. Não há o menor fundamento para isto. Seria um falseamento dos princípios exegéticos.

1. Esses textos não estabelecem uma medida de tempo profético, nem sugerem uma EQUIVALÊNCIA, mas apenas uma COMPARAÇÃO. Que isto fique bem frisado. Citemos o primeiro versículo, da versão Revista e Atualizada:

"Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite." (Sal. 90:4)

a) O contexto do Salmo esclarece sobejamente o sentido do versículo: a brevidade da vida humana *em comparação* com a eternidade de Deus. Comparação e não equivalência, pois esta redundaria em absurdo como se verá.

b) A palavra "mil," no caso, é um hebraísmo (maneira de expressar própria da língua hebraico), que designa uma grande quantidade indefinida. Eis um exemplo clássico: "Caíam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita, tu não serás atingido" (Sal. 91:7). É evidente que a palavra *mil* aí não é expressão aritmética, mas apenas uma figura literária indicando quantidade indefinida, embora grande.

c) Documentemos isto com mais exemplos:

"... um dia nos Teus átrios vale mais do que mil". Sal. 84:10.

"*mil* homens fugirão pela ameaça de apenas um". Isa. 30:17.

"nem a uma das *mil* coisas lhe poderá responder". Jó 9:3.

"Entre *mil* homens achei um como esperava". Eccl. 7:28.

"um só perseguir *mil*, e dois fazer fugir dez *mil*". Deut. 32:29.

"o mais pequeno virá a ser *mil*". Isa. 60:22.

A palavra "mil" é idiomatismo do Hebraico que, além de significar o numeral ordinal, significa também, por extensão de sentido, uma quantidade elevada indefinida. É usual no Velho Testamento, e em nenhum dos exemplos apontados poderá significar uma numeração exata.

2. O original também esclarece muito o exato sentido do texto. No hebraico lemas: *'êleph* (mil) *shaniym* (nos) *bcêy-neypha* (aos olhos Teus) *keyom* (COMO o dia) *éthemôl* (último) *kiy* (que) *icabir* (se apresentou).

Mesmo leigo notará que "como o dia," no hebraico é *KE-yom*, sendo a conjunção KE correspondente a COMO. É, portanto, nitidamente comparativa. Apenas comparativa. Equivale à conjunção grega *hôs*, e assim a Septuaginta (texto do Velho Testamento em grego, iniciado em Alexandria no séc. III A.C.) a verteu.

Como a comparação é sobre a brevidade da vida humana, o mesmo verso a compara ainda "*COMO a vigília da noite*". Convém notar mais o seguinte: o sistema de 4 vigílias com duração de aproximadamente três horas cada, vigente nos tempos de Cristo, se estabeleceu pela influência greco-romana. Nos recuados tempos bíblicos do VT, a noite dividia-se em três vigílias de maior duração, sendo que a primeira ia do pôr-do-sol

à meia-noite, a segunda da meia-noite ao cantar do galo, e a última desse limite até ao amanhecer (Êxo. 14:24; Juí. 7:19; Lam. 2:19). Essas vigílias não tinham uma duração rigorosamente matemática, pois a primeira quase equivalia às duas últimas. Isto é importante, porque jamais poderia servir para indicar um período profético exato. Portanto, a expressão "como a vigília da noite" é apenas comparativa a um tempo indefinido. Comparação a um tempo que se escoia, que deflui, que passa, que transcorre certo mas indefinido. Nunca, porém um lapso de tempo cronometrado, exato, aritmético e fatal.

a) No mesmo salmo a conjunção comparativa hebraica *ke* surge em outros passos:

Verso 5: "... são COMO um sono..." são "COMO a relva".

Verso 9: "nossos dias... nossos anos COMO um breve pensamento".

b) Em outros salmos:

37:2: "murcharão COMO a erva verde".

72:16: "floresçam os habitantes COMO a erva da terra".

92:7: "os ímpios brotam COMO a erva".

92:12: "o justo florescerá COMO a palmeira... COMO o cedro do Líbano".

Ainda outros textos poderíamos alinhar. Conclusão: "mil" é hebraísmo, e "como" é conjunção comparativa, *nada indicando medida profética de tempo*.

3. Citemos o segundo texto. Está assim na versão Revista e Atualizada:

"... para o Senhor um dia é COMO *mil* anos e mil anos COMO um dia". (II S. Ped. 3:8.)

A ênfase é nossa. O próprio contexto esclarece o sentido: aos impacientes quanto à vinda de Cristo, Pedro fala da longanimidade divina que quer dilatar o tempo desse grandioso acontecimento para que todos cheguem ao arrependimento, se possível. A palavra grega *hôs* aí é meramente comparativa. Jamais poderia estabelecer uma equivalência,

porque então chegaríamos a este absurdo: mil anos na Terra correspondem a um dia no Céu, e lá então existe *tempo*.

E o grego ainda nos ajuda muito neste ponto. Por exemplo, *hôs* em S. Mar. 5:13 significa "aproximadamente", "cerca de", "mais ou menos" (dois mil porcos). Por quê? Porque há uma regra gramatical que estabelece: **diante de numerais, "hôs" significa "mais ou menos", "cerca de", "perto de", "condição semelhante" e "idéias afins"**. E vamos exemplificar biblicamente:

Em S. Mar. 4:26: "O reino de Deus é ASSIM COMO (*hôs*) se um homem lançasse a semente à terra", Seria o mesmo que dizer: "O reino de Deus É COMPARADO A"

Em S. Mat. 10:16: "Eu vos envio *COMO* (*hôs*) ovelhas no meio de lobos". O sentido é: "numa condição semelhante" a ovelhas entre lobos.

Em Rom. 5:8 "andai *COMO* (*hôs*) filhos da luz". O sentido é: "ao estilo de", "comportando-vos como" filhos da luz.

Em Apoc. 8:8: "O segundo anjo tocou a trombeta, e uma *COMO QUE* (*hôs*) grande montanha. . . ." O sentido de *hôs* aí é: "coisa parecida".

Em Heb. 7:9: "E POR ASSIM DIZER (*hôs*) também Levi..." Trata-se, é evidente, de meras comparações, nunca equivalências matemáticas.

O sentido correto de II S. Ped. 3:8 é: "para o Senhor um dia é POR ASSIM DIZER mil anos, e mil anos COMO SE FOSSEM um dia". Ou, ainda conforme a regra: "um dia é COMO CERCA DE mil anos para Deus". E isto visto pelo ângulo humana, temporal, limitado.

4. Quando a Bíblia quer estabelecer uma medida profética de tempo, *não emprega idiomatismos nem comparações vagas*. Exemplos:

Núm. 14:34: "Quarenta dias, CADA DIA REPRESENTANDO UM ANO, levareis as vossas iniquidades, quarenta anos".

Ezeq. 4:7: "Quarenta dias te dei, CADA DIA POR UM ANO".

Maior clareza não pode haver. Não se trata de idiomatismo, nem de comparação. Temos a *equivalência* clara, lógica, insofismável. E o

conteúdo dos versículos alude inequivocamente a um futuro. Portanto é profético. No primeiro caso, a correlação de sentido é tão clara que estabelece a equivalência, e pode ser perfeitamente traduzido assim: "UM DIA EQUIVALE A UM ANO". No segundo caso, há um fato que reforça o sentido. No original hebraico está repetida a expressão "cada dia por um ano". Está literalmente assim: "um dia para o ano, um dia para o ano". Ou melhor traduzindo: "um dia equívale a um ano, sim equívale a um ano".

Tal é o critério divino de expressar padrões de tempo profético.

É de 6.000 Anos a Duração do Homem na Terra?

O segundo assunto acha-se relacionado com o primeiro. A teoria dos 6.000 anos do mundo habitado é uma antiquíssima especulação que não se originou da Bíblia mas das antigas mitologias persa e etrusca. É, portanto, da pior origem pagã.

Zoroastro (ou Zaratustra) pregava os *seis milênios*, no fim dos quais surgiria Soksan (o Libertador) que exterminaria Bivarasp (agente de Ahriman) livrando de seu poder os justos. Então teria início o milênio de Sonksan (o sétimo), com a imortalidade e incorruptibilidade dos justos. Ver *Antologia de Leyendas*, de Garcia de Diego, Tomo II, página 1214. Consultar também *Zoroastrian Theology*, de M. N. Dhalla, Nova York, 1914.

E agora a lenda etrusca. "De um ciclo de 12.000 anos (exatamente em correspondência com os doze signos do Zodíaco), dos quais 6.000 transcorreram na formação do mundo, *OS RESTANTES 6.000 ANOS* são reservados à história do homem na terra". – *Enciclopédia Italiana*, ed. 1949, (Vol. XIV, p. 521, 1.^a coluna). Em outras palavras, a existência do homem na Terra limita-se a 6.000 anos. Com base nos signos do Zodíaco, valendo cada signo mil.

A teoria dos 6.000 anos, pois, teve origem há mais de 500 anos antes de Cristo. Mas não é só. Algumas interpretações rabínicas, *sob*

influência pagã, como as anotadas por Breithaupt sobre Isaaki, admitem a duração do mundo habitado em 6.000 anos, e – muita atenção que isto é importantíssimo – foi baseado nessa suposição que o arcebispo Ussher elaborou sua discutida cronologia, modificada em 1879 por J. B. Dingleby sendo que este, com base na falsa teoria dos 6.000 anos, marcou o fim do mundo para 5926 A.M., ou seja 1928 A.D. E deu com os burros nágua:..

Há, na Patrística, uma obra espúria e indigna de crédito pelos disparates que contém, a chamada Epístola de Barnabé (que alguns supõem datar do séc. III de nossa era. Diz esse pseudo Barnabé, no seu duvidoso livrucho capítulo XV, verso 4.

"*Em seis dias os terminou*. Isto significa que em 6.000 anos o Senhor consumará todas as coisas, porque para Ele um dia é como mil anos. Ele mesmo o atesta quando diz: *Eis que o dia do Senhor será como mil anos*. Portanto, filhos, em seis dias, isto é, em seis mil anos, todas as coisas serão consumadas".

Nessas águas turvas, lodosas, indignas de crédito, nasceu a teoria dos seis milênios, e é parvoíce forçar um abono escriturístico em seu favor. Interessante que mesmo os que acatam os ensinamentos dos Pais da Igreja vetam Barnabé. Lange afirma: "inferir de II S. Ped. 3:8, como o fez Barnabé, que o mundo durará seis mil anos... é sem nenhum fundamento". E adiante: "O sabatismo do Heb 4:9 tem outro sentido".

Nosso *SDA Bible Commentary* afirma:

"Esta teoria dos 6.000 anos não se baseia em nenhum período profético da Bíblia, que em parte alguma, apresenta este algarismo. Isto se originou na antiga Mitologia (persa e etrusca, por exemplo) e numa analogia judaica dos dias da Criação. Foi adotado por alguns pais da Igreja, como Agostinho. Os algarismos 6.000 são, sem dúvida, uma grosseira aproximação com o tempo da Criação, baseado na cronologia patriarcal hebraica para o presente século, mas a relação deste número com a teoria dos 6.000 anos é mera coincidência".

Matematicamente, bíblicamente, e em fontes idôneas, porém, nada se prova a favor da teoria. Mera especulação, antiga que ressurge agora.

Adão, Criado no Ano 4.026 A.C.

Prega-se o fim do Armagedom para outubro de 1975, com suposta base, entre outras, na fixação do ano de 4.026 para a criação do homem. Pode-se ter certeza disto?

Convictamente respondemos que não se pode, e só o charlatanismo exegético, pretensioso e cego, se atreveria a dogmatizar sobre uma data remota, de exatidão inalcançável pelos meios informativos presentemente disponíveis à documentação e pesquisa. E com plena segurança podemos informar que mesmo os mais credenciados e melhor aparelhados organismos de pesquisas escriturísticas e assuntos orientais que há no mundo, como as categorizadas *American Schools of Oriental Research*, os especialistas do *The Trustees of the British Museum*, os departamentos bem aparelhados das universidades de Oxford, Chicago, Princeton e outras, não obstante as mais recentes descobertas no campo da Cronologia, *não conseguiram* estabelecer precisos dados calendarianos de numerosos e marcantes eventos bíblicos mais recuados no tempo.

Sem receio de errar pode-se dizer que não existe nem existirá uma cronologia absolutamente exata, e isto porque *os dados cronológicos fornecidos pela Bíblia* são falhos e insuficientes para com eles elaborar-se a base de um sistema de datas matematicamente e historicamente corretas, precisas, infalíveis.

Principais Fontes de Cronologia

Será bom dizer que a cronologia dos tempos bíblicos mais remotos dispõe das seguintes fontes:

1. Bíblicas
 - a) Texto Hebraico Massorético
 - b) Pentateuco Samaritano
 - c) Septuaginta (versão do Velho Testamento, em grego)

2. Extrabíblicas

a) Flávio Josefo, escritor judeu

b) Cronologia da história do Egito (para comparações).

Para épocas posteriores, principalmente os tempos pré-exílicos e exílicos, além das deduções cronológicas extraídas da Bíblia, temos:

a) Cânon de Ptolomeu (Almagesto), obra astronômica do segundo século A.D., que procura cronologar um período de 1.400 anos, a começar com o reinado de Nabonassar, na Babilônia, em 747 A.C. (para comparações).

b) *Cânon Epônimo*, formado de tabelas de oficiais assírios. Coincide com o "Cânon de Ptolomeu", e abrange o período de 900 a 650 A.C. (para comparações).

c) *Tábuas Afonsinas*, muito recentes (1252 A.D.) elaboradas por ordem do rei Afonso X, de Castela, e tenta abranger todos os períodos da história humana.

d) Outros computistas de menor peso.

Dificuldades Para a Conciliação das Fontes

A data do aparecimento do homem na Terra é dada como provável ou aproximada, por qualquer fonte honesta. Milhares de estudiosos, ao longo dos anos, tentaram fixá-la com a maior exatidão possível, e o resultado é este: há perto de 150 datas diferentes apresentadas por cronologistas qualificados, *como data da Criação*, o que implica na época do surgimento do Adão. Falta-nos espaço para mencionar essas datas, mas diremos que a mais curta é a judaica, que a fixa em 3.483 anos da era cristã, e a maior data é de Afonso de Castela: 6.984 A.C.

Esbarram as cronólogos e computistas com óbices intransponíveis, dos quais citaremos alguns.

1. É impossível resolver satisfatoriamente a disparidade de informações para a primitiva cronologia de Adão ao Dilúvio que,

segundo o **Texto Massorético** é de **1.656 anos**,
segundo a **Septuaginta** é de 2.242 anos,
segundo o **Pentateuco Samaritano** é de **1.307 anos**, e
segundo informações de Flávio Josefo temos dois totais, um de
2.156 e outro de 2.256.

2. Seguindo-se as indicações bíblicas, mesmo cotejando-as com datas que os historiadores estabelecem para as dinastias do antigo Egito e reis hititas, fatos posteriores ocorridos na Mesopotâmia, Pérsia, Grécia e Roma, chega-se à conclusão de que de Adão a Cristo temos um *número variável* de anos ao redor de 3.900 a 4.000. O arcebispo Ussher, por exemplo, fixou a data de 4.00 (que devido ao engano de Dionísio, o Exíguo, em determinar o início da era cristã, foi retificada para 4.004 A.C.) mas fê-lo sem base científica, iludido pela teoria dos "seis milênios". O problema da cronologia exata continua insolúvel e desafiante, embora aceitemos o **Texto Hebraico Massorético** como a mais fidedigno na atribuição das idades dos patriarcas.

3. Há um problema, ainda não resolvido, quanto à idade de Terá quando nasceu Abraão. Gên. 11:26 diz que tinha setenta anos e gerou a três filhos (não eram certamente trigêmeos) sendo um deles Abraão. Gên. 11:32 diz que Terá morreu com 205 anos de idade, e logo Abrão deixou Ur, com 75 anos de idade, segundo Gên. 12:4. Como harmonizar isto? Continua desafiando os estudiosos.

4. Outro problema insolúvel é fixar o início dos 430 anos, período da Promessa a Abrão ao Êxodo, ou tempo da peregrinação dos filhos de Israel no Egito. Êxo. 12:40 e 41. Há várias opções, destacando-se três:

- a) Conta-se sobre a data inicial?
- b) Conta-se sobre a data do pacto com Abraão, quando ele tinha 75 ou 85 anos? Gên. 12:4; 16:13?
- c) Conta-se sobre a data da descida para o Egito, como Ussher?

Alguns, com base nas dinastias faraônicas, admitindo ser Ramsés II o opressor dos israelitas, datam o Êxodo como ocorrido *provavelmente* no ano 1.320. E esta data pode ainda *ser reduzida a menos de 40 anos*, se Ramsés reinou de 1.348 a 1.281 A.C. segundo outros especialistas, destacando-se Mahler, baseado em cálculos astronômicos. Certeza, porém, não há, e é temeridade dogmatizar sobre datas.

5. Outra grande dificuldade de conciliação cronológica é a que procura delimitar o período que vai do Êxodo até a Construção do Templo de Salomão. Notemos a disparidade de informações:

a) A Bíblia, pelo Texto Massorético (que adotamos) dá 480 anos.
I Reis 6:1.

b) Flávio Josefo estranhamente nos fornece duas datas: a de 592 em "Antigüidades", 8:3. 1, e 612 anos no livro "Contra Apion" 2:2.

c) O apóstolo Paulo nos dá 574 anos. Isto se deduz de Atos 13:18-22 em que se mencionam períodos de 40, 50 e 40 anos, e Davi (que reinou também 40 anos segundo I Reis 2:11 e Salomão que começou a construir o templo no ano 4.º de seu reinado).

6. É incerta a duração exata do tempo dos juízes. Impôs-se entre os judeus a chamada "tradição dos 40 anos", e em decorrência surgiu o modismo do número redondo 40 para designar unidades que dele se aproximasse. Porque Otoniel, Débora, Baraque, Gideão julgou cada um 40 anos, como Eli, muitos críticos supõem *não serem exatamente matemáticas* essas cifras. Devido a isso, o tempo do Êxodo ao Templo de Salomão baseava-se em doze períodos de 40 anos, totalizando 480. Um fato é certo. A extensão dos períodos dos juizes não pode ser dada em termos precisos até que venham novos elementos de cálculo.

7. A Divisão dos reinos após a morte de Davi oscila entre as melhores autores, de 983 a 931 A.C.

8. Da fundação do Templo ao Cativo e Volta do Exílio há muita disparidade de dados. Diz Davis: "Entre os hebreus, como entre outros povos vizinhos, não existia regra fixa para determinar o ano em que um rei subia ao trono, ou se o ano civil subsequente devia ser contado como o primeiro ano do reinado". Aqui é o sério problema de resolver a falta de uniformidade dos escribas em registrar as datas.

Por exemplo: no reinado do mesmo monarca, uns escribas fixavam a data de sua ascensão ao trono; outros começavam a contar o ano civil doze meses depois da subida do rei ao poder. E ainda se deve considerar o caso de o filho associar-se ao pai na realeza, gerando dois processos cronológicos díspares entre si.

Alguns escribas tomavam como ponta de partida o primeiro ano da associação com o pai; outros amanuenses reais tomavam por base o primeiro ano do reinado do pai. Temos aí quatro coisas diferentes, impossíveis de harmonizar:

1. processo *ano da ascensão*
2. processo ano antedatado
3. processo *ano-conjunção* (reinado em parceria)
4. processo *ano-reinal*

9. Voltando ao tempo mais recuado, diremos que não era difícil que um copista hebraico incorresse em erros na transmissão do números. As cifras eram assinaladas por letras do alfabeto; ora, estes por vezes se assemelhavam tanto entre si que se podiam facilmente confundir com os outros. Por exemplo, o *daleth* (letra D) vale o número 4, e o *resh* (letra R) vale 200. Não seria difícil tomar uma pela outra. Assim também o *vav* (letra V) vale 6, o *zayin*, (letra Z) vale 7 e o *iôd* (Y e I) vale 10, e todas têm semelhança entre si. Disto poderia facilmente resultar engano nas transmissões, que eram feitas à mão.

Alguns desses enganos podem ser constatados:

a) Em Gên. 2:2 lemos: "E havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra..." Mas na Septuaginta, bem como numa versão siríaca do

segundo século A.D. lemos: "E havendo Deus terminado no *sexto* dia... repousou no sétimo".

Aqui houve evidentemente confusão das letras *vav* e *zayin*, muito parecidas feitas à mão, e que valem respectivamente 6 e 7.

b) Outra flagrante diferença numérica, por erro de copistas observa-se em I Reis 4:26 (na Almeida Antiga, mais fiel neste passo) onde se lê que Salomão possuía *quarenta mil estrebarias*, e na passagem correlata de II Crôn. 9:25 lê-se que eram *quatro mil estrebarias*. A versão Revista e Atualizada diz tratar-se de 40.000 e 4.000 cavalos, mas o erro numérico é patente.

c) Outra divergência numérica no texto hebraico (ver Almeida Antiga) está em II Crôn. 36:9: "Era Joaquim da idade de oito anos quando começou a reinar", mas na passagem paralela de II Reis 24:8 se lê: "Tinha Joaquim dezoito anos quando começou a reinar".

d) Caso curioso é o de I Sam. 18:1. No original hebraico não há numeração, e está literalmente assim: "Saul tinha a idade de ... anos quando começou a reinar; reinou ... anos em Israel". A tradução americana *Revised Standard Version* assim a verteu, mas a Vulgata traduziu este disparate: "Saul tinha *um* ano quando começou a reinar; reinou *dois* anos em Israel". As mais modernas versões simplesmente OMITEM os dois primeiros versos de I Sam. 13. Não sabemos de que fonte se valeu S. Paulo para afirmar que Saul reinou quarenta anos. Atos 13:31.

e) Outro exemplo de disparidade numérica acha-se em I Crôn. 21:5 que, narrando o recenseamento de Israel afirma que havia 1.100.000 guerreiros, e Judá 470.000. Ora, o texto paralelo de II Sam. 24:9 diz que Israel tinha 800.000 guerreiros, e Judá 500.000.

10. Voltando aos primitivos tempos da história humana, podemos afirmar que a Cronologia Egípcia é também lacunosa e incerta, e pode ser fixada razoavelmente ao redor de 1.600 A.C. Sabemos que Menes foi o primeiro rei histórico, contudo, há total discordância entre os

historiadores e egiptólogos, que o situam entre 2.000 a 5.500 A.C. É muita diferença! Pelo texto hebraico da Bíblia pode-se situar o Dilúvio em aproximadamente 2.400 A.C., mas os egiptólogos, baseados na tradição *egípcia* do Dilúvio, situam-na em 3.000 A.C.

Outro pequeno problema há em Gên. 11:10: "Sem era da idade de 100 anos quando gerou a Arfaxade, *dois anos* depois do Dilúvio". Segundo alguns cronologistas esses "dois anos" são adicionados ao total de anos da criação até Terá gerar seus filhos. A data, que é geralmente estabelecida em 1946, passará a ser então de 1948.

As Profecias Não São Afetadas

A imprecisão cronológica das datas bíblicas mais remotas nada significa nem afeta a veracidade dos fatos narrados. A Bíblia registra os fatos, porque eles ocorreram. E isto basta. Quanto à época exata em que ocorreram, é de somenos importância. E o mais importante, para nós, é que, a despeito dessas dificuldades, os tempos proféticos NÃO SÃO AFETADOS por divergências cronológicas, e isto simplesmente porque as Escrituras *não informam as datas* da profecia. A Bíblia descreve a profecia, mas as datas devem ser procuradas na História. A Bíblia aponta a profecia, mas as datas estão nos fatos, que a confirmam e a cumprem.

Outro ponto importante. A profecia sempre se projeta para a frente, para diante, para o futuro, e é exata, precisa, matemática. O absurdo, o ilógico, o irrazoável é *recuar no tempo*, em cálculo retroativo *para se chegar a uma data pré-fabricada*, principalmente varando a confusa e imprecisa cronologia dos tempos patriarcais. Não dá certo mesmo. Por isso reafirmamos: é charlatanice afirmar que Adão foi criado em 4.026 A.C.

Além da fantasia de que Adão fora criado em 4.026 A.C. pretendem justificar a ano de 1975 em mais dois pontos: 1) o "ano sabático" de Lev. 25:3, 4, que ocorria depois de seis anos de colheita; e 2) no Jubileu de

Lev. 25:8-13. Eram sete semanas de anos, que totalizavam 49 anos e o 50.º era o ano da libertação.

Nada disso, porém, tem qualquer aplicação ao ano de 1975. Quanto ao ano sabático aplicam-se tão-somente ao regime agrário israelita e local. Não tem nenhum simbolismo, nenhuma aplicação profética, e não fornece nenhum suporte para essa estranha teoria de que o Armagedom terminará em 1975.

Pior ainda invocar o Jubileu, isto é, o quinquagésimo ano, que era o ano de resgate. Sob outra cavilação, qual a de que os "dias" da criação tinham sete mil anos cada, e que se consumará em 49.000 anos (estariamos presentemente vivendo o sexto *dia*, o da criação do homem), construíram esta) rematada tolice de que estamos às vésperas do início do 50.º ano, portanto, da libertação para os eleitos. Também a Jubileu era prática da economia israelita, e nada tinha que ver com a dispensação futura, nem sugere base para interpretações escatológicas.

A PRETENSÃO DOS JEOVISTAS *

A nota tônica da seita é seu messianismo. Julga-se predestinada, detentora dos oráculos divinos. Seus membros, imbuídos desse espírito carismático, candidamente se julgam "enviados divinos" com a missão de restaurar o nome de Deus, que, segundo entendem, sofreu uma espoliação nominal praticada pelos "religionistas", por inspiração do diabo.

O nome intocável "Jeová" foi criminosamente substituído – proclamam – pelo de "Senhor", e isto é a maior ignomínia da História. E para indicar esse agravo, surgiram profeticamente as "testemunhas de Jeová" que se empenham nessa tarefa reabilitadora, redentora!

Como se disse, têm edição própria das Escrituras. Em 1963, surgiu a edição brasileira do NT. "Tradução" feita sob medida, alambicada, feita com vistas a pontos-de-vista preestabelecidos, especialmente ao sabor da doutrina ariana. Fazem questão de grafar "Jeová", a exemplo da Versão Brasileira. Espírito e Espírito Santo grafados com inicial minúscula. No NT especialmente (a que chamam de "Escrituras Gregas Cristãs"), os textos trinitários e os divinitórios de Jesus sofreram deformações, algumas bem grosseiras. Os principais deles serão analisados nos capítulos que se seguem.

Antes de terem tradução própria, utilizavam-se de um sistema eclético, citando de inúmeras versões, os textos cuja redação melhor calhava com sua dogmática desconchavada. Ora citavam a Versão Brasileira, ora a Almeida; num ponto, a Trinitariana, e predominantemente o texto de "The Emphatic Diaglott"; quando convinha, citavam Matos Soares; e muitas outras versões estrangeiras como King James, Leeser, a "Emphasized" de Rotherham, etc.

Muitas delas de autoridade discutível. Uma verdadeira colcha de retalhos.

* Na tradução para o espanhol: Que Crêem as "Testemunhas de Jeová". (Nota do digitador)

Pois bem, agora têm a versão própria que reúne exatamente esses "retalhos". É a "Novo Mundo" (sempre que lhes favorecem, contudo, outras versões, delas se servem sem fastio o que é de fácil verificação na contracapa das revistas que editam). E a *edição brasileira*, errônea e tendenciosa em inúmeros textos, está sendo empunhada euforicamente pelas "testemunhas" como arma, principalmente para "provarem" a falsidade do texto das demais versões bíblicas existentes. Assumem ares doutorais, inflam a peito, e afirmam que essa "tradução" segue exatamente o original. Consideremos rapidamente o NT (*Escrituras Gregas Cristãs*).

Diga-se de passagem, que a "tradução" é de penalizar, tal a sua pobreza franciscana! Não vem direta; declara-se ser uma retradução da versão inglesa, portanto, uma obra de segunda mão. Não traz os célebres "Apêndices", margens e rodapés da versão inglesa. Nem mesmo é obra da Comissão de Tradução da Bíblia, segundo se declara no prefácio. É o que é: uma traduçãozinha destituída de valor, vazada num português chocho, canhestro, duro e inatural. Há expressões deste tipo: "Parai de julgar", "parai de armazenar tesouros", "pulai de alegria", ou então essa de S. Mar. 2:21: "Ninguém costura um remendo de pano não pré-encolhido numa velha roupa exterior", e centenas de outras que não são bem da índole dá língua. Entre colchetes há palavras com que pretendem suprir a deficiência do original em relação ao português, mas não raro descambam para a interpretação, o mais das vezes tendenciosa. Pretendendo tornar o texto "atualizado", consignam em Apoc. 22:15: "Lá fora estão os cães e os que praticam o espiritismo ..." Isto não é traduzir, é interpretar. O Espírito Santo é grafado sempre com iniciais minúsculas.

Vamos, porém, analisar coisa mais maciça. À página 5, no Prefácio, há este trecho:

"Jeová, o nome exclusivo de Deus, aparece 237 vezes no texto da Tradução da Novo Mundo das Escrituras Gregas Cristãs. A razão disso é explicada no Prefácio da tradução inglesa, sob o cabeçalho 'O Nome Divino'; e nas páginas 10 a 27, junto com fotografias; e nas páginas 30 a 33 fornece-se uma lista de dezenove traduções, feitas do grego original para o hebraico,

as quais contêm o nome divino conforme representado pelo tetragrama hebraico (IEVE)".

Antes de tecermos considerações sobre a fragilidade deste argumento, convém lembrar que no prefácio da versão inglesa, afirmam que as traduções existentes da Bíblia têm o vício das tradições religiosas que falseiam o pensamento dos escritores sagradas. E concluem, no prefácio da versão inglesa: "O esforço da Comissão de Tradução do Novo Mundo tem sido evitar este embuste do tradicionalismo religioso".

Desta forma, procuram os jeovistas incutir na mente dos desavisados a idéia de que a eles, exclusivamente a eles se reservou, como únicas, verdadeiras e intocáveis testemunhas de Deus, a supergloriosa tarefa de restaurarem o divino nome "Jeová" ao texto do Novo Testamento, fraudulentamente omitido pelos "religionistas". Pois à página 18 da versão inglesa, afirmam com fumos de erudição:

"A evidência é, portanto, de que o texto original das Escrituras Gregas Cristãs foi falsificado, da mesma forma como o foi o texto da Versão dos LXX. E, pelo menos a partir do terceiro século A.D. o nome divino em tetragrama tem sido eliminado do texto pelos copistas... Em lugar dele, puseram em substituição as Palavras **KYRIOS** (geralmente traduzida por "O Senhor") e **THEOS**, significando "Deus".

Aqui está outro tópico que só pode impressionar os que não conhecem os fatos. Aqui está uma informação destituída de fundamento. Que "evidência" de falsidade é esta? Sem dúvida os tradutores jeovistas referem-se a um rolo de papiro da Versão dos Setenta, recentemente descoberto, que contém a segunda metade do livro de Deuteronômio (entre os chamados "rolos do Mar Morto"), a qual registra o tetragrama (nome "Jeová"). Além disso, citam em abono de sua tese Áquila (128 A. D.) e a Orígenes, mencionando que ambos empregaram o tetragrama, aquele na sua Versão e este na Hexapla. E finalmente dizem que Jerônimo, no quarto século, mencionou, que o nome "Jeová" era visto em certos escritos gregos, mesmo no seu tempo. E baseando-se nesta pequena coleção de "evidências" fragmentárias, as chamadas "testemunhas de Jeová" assim concluem:

"Isto prova que o original da versão dos LXX continha a nome divino sempre que ele ocorria no original hebraico. Considerando ser um sacrilégio usar algum substituto como *kyrios* ou *theos*, os escribas inseriram o tetragrama em seu devido lugar na texto da versão grega". Pág. 12 da prefácio da versão inglesa.

Ora, quem conheça ainda que elementarmente a história dos manuscritos sagrados, percebe logo a calvície dessas afirmações. Para arrasar isto tudo que reproduzimos de seus livros, basta o seguinte:

1. Muito facilmente se pode demonstrar que milhares – vejam bem os leitores que não é força de expressão; são literalmente *milhares* mesmo – de manuscritos e fragmentos do Novo Testamento grega em que NENHUMA VEZ aparece o tetragrama, nem mesmo no Evangelho de S. Mateus que, ao que se crê, fora originalmente escrito em hebraico ou aramaico e, por conseguinte, mais do que os outros, propenso a conservar os vestígios do nome divino. No entanto, tal não se dá. Os famosos códices unciais e os milhares de cursivos não o consignam.

2. O citado rolo de papiro que contém a última metade do livro de Deuteronômio, versão dos LXX, contendo o nome divino só prova que *um exemplar continha o nome* divino "Jeová" enquanto que – e isso é de suma importância – OUTROS EXEMPLARES EXISTENTES da mesma versão empregam *kyrios* e *theos*, que os russelitas clamam serem termos "substitutos".

3. Os testemunhos de Áquila, Orígenes e Jerônimo, por sua vez, apenas demonstram que ALGUMAS VEZES se empregava o divino nome, mas a verdade geral, sustentada pelos eruditos, é que a Septuaginta (ou versão dos Setenta) com raras exceções, SEMPRE EMPREGA *kyrios* e *theos* em lugar do tetragrama, e o Novo Testamento jamais o emprega. Isto faz ruir a cidadela jeovista!

4. Quanto às dezenove fontes referidas no prefácio, e citadas na versão inglesa do NT jeovista, basta notar que *todas são apenas traduções do grego* QUE EMPREGAM OS NOMES "KYRIOS" E "THEOS" E NÃO O TETRAGRAMA, para o hebraico. E a mais antiga destas versões, isto é, das 19 citadas *data de* 1385 e, portanto, de valor nulo como prova.

Os jeovistas são superficiais e dogmáticos, e seus trabalhos indignos de confiança. Não é verdade que os manuscritos antigos contivessem *obrigatoriamente* o tetragrama IEVE, e muito menos que os russelitas foram comissionados por Deus para restabelecer o nome divino, dolosamente eliminado pelos "religionistas". As "provas" que citam são insubsistentes.

É de penalizar que tenham uma *religião de nomenclatura*, só preocupada com nomes. Não deveria existir "Deus", "Senhor", mas unicamente Jeová. Não deve existir "cruz", mas "estaca de tortura". Não deve existir "Mestre", mas unicamente "Instrutor" ou "Líder". Nada de "Bíblia" mas somente "Escrituras Hebraicas e Gregas Cristãs".

Isto em nada altera a veracidade dos fatos.

O VERBO É DEUS

Um dos passos bíblicos que, de forma explícita e categórica, apresenta a natureza divina do Filho de Deus é S. João 1:1, que reza: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus".

Apesar da clareza meridiana que envolve o versículo, os atuais russelitas, na sua tradução consignam: "Originariamente era o Verbo e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era um deus". Assim está na Tradução "New World", em inglês. Na subtradução brasileira está: "No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com o Deus, e a Palavra era um deus". E o medíocre "The Emphatic Diaglott" verte: "Num princípio era a Verbo, e o Verbo estava com Deus, e um deus era o verbo". Pois bem, sobre estas três traduções equívocas em que a nome augusto de Jesus, referido como Deus, é grafado com inicial minúscula, rebaixado, assim, à categoria dos deuses pagãos representados por ídolos, tentam os jeovistas armar o frágil jirau de seu doentio unitarismo.

Haverá realmente base para tal desconchavo lingüístico? O que motivou tal perversão tradutória? Por que "um deus era o Verbo"? Estarão, de fato, erradas todas as traduções clássicas e aceitas da Bíblia, que nos vêm às mãos desde a descoberta da Imprensa? Por que, só agora surge a "inovação"? Merece crédito a sensacional "descoberta" dos jeovistas?

Analisemos pacientemente o texto em lide, como se encontra no original grego; com tradução interlinear *ad literam*:

ÉN ARCHÉ ÉN HÓ LOGOS, KAI HÓ LOGOS ÉN PRÓS

No princípio era o Verbo, e o Verbo era junto a

TÓN THEÓN, KAI THEÓS ÉN HÓ LOGOS".

o Deus, e Deus era o Verbo

Neste período há três orações, que vamos individualizar para maior clareza:

1.^a *Ἐν ἀρχῇ ἐν ᾧ Λόγος* (No princípio era o Verbo). Verifica-se o seguinte: a) que *Logos* (o Verbo) é o sujeito da oração, e b) isto é determinado pelo artigo *ᾧ*.

2.^a *Καὶ ᾧ Λόγος ἐν πρὸς τὸν Θεόν* (E o Verbo era, ou estava junto com Deus). Verifica-se o mesmo fato ocorrido na primeira oração, pois *Logos* (Verbo) é também sujeito desta segunda oração.

3.^a *Καὶ Θεός ἐν ᾧ Λόγος*, que aí está numa ordem inversa, mas que se traduz corretamente "E o Verbo era Deus". Por quê? Porque *Theós* (Deus) aí é predicado e não sujeito, pois o sujeito da oração ainda é *Logos* (Verbo). O certo é que *Theós* qualifica *Logos*, determinando-o como sujeito. Em outras palavras, *Theós* (Deus) é o que se afirma de *Logos* (Verbo).

Ensinam os gramáticos helenistas, e é princípio elementar da sintaxe do Grego, que o adjetivo vindo antes do artigo é *predicado*; vindo o adjetivo também depois do substantivo sem tomar artigo, é *predicado*. Ora, na última oração *Theós ἐν ᾧ Λόγος*, funciona esta regra sintática porque a palavra *Theós* vem ANTES do artigo, *ᾧ*, e portanto funciona como adjetivo qualificativo de *Logos*. Além disso, a palavra *Logos* (Verbo) vem precedida do artigo *ᾧ* que aponta nela o sujeito da oração. Necessariamente *Logos* é sujeito e *Theós*, predicado, e a tradução carreta, única, irreversível é: "o Verbo era Deus".

Salta aos olhos que nenhum artigo é necessário para *Theós* (Deus), e traduzi-lo por "um deus" é crasso erro gramatical, pois *Theós* é o predicado nominativo de *era*, e necessariamente se refere ao sujeito. Assim se desfaz o tremendo equívoco do Diaglotão Enfático.

Também errada a tradução Novo Mundo, porque calcada no Diaglotão mantém "um deus", diminuindo a Divindade de Jesus, reduzindo-a a uma entidade secundária, criada, de poderes limitados, não da mesma natureza que o Pai. No Novo Testamento tradução Novo Mundo, nos Apêndices 773-777 procuram desautorar o texto grego neste ponto. Argumentam elas, as chamadas Testemunhas de Jeová, que ocorrendo o artigo definido Τὸν *Theón* em S. João 1:1 segunda oração,

e não ocorrendo o artigo com *Theós* na terceira oração da mesma passagem do Evangelho, é porque essa omissão se destina a mostrar uma diferença. E vão mais longe ainda: dizem que essa "diferença" é no primeiro caso significar o Único Deus Verdadeiro (Jeová), e no segundo caso significa apenas "um deus", outro que não o primeiro, inferior a Ele, sendo este último "deus" Jesus Cristo.

Ora, isto é um contra-senso, além de ser um sacrilégio! Não há nenhuma base lingüística nem lógica para tal desconchavo. Pura invencionice! Sabendo que isto não tem amparo nos fatos, então à página 776, segundo parágrafo do Novo Testamento referido, escrevem esta grande tolice: que a tradução "um deus" é correta porque "toda a doutrina das Escrituras Sagradas confirma esta tradução". Argumento fenomenal!

A omissão do artigo junto de *Theós* de modo algum significa "um deus" diferente do Deus verdadeiro. Isto é uma fantasia. Basta examinar outras passagens em que igualmente não ocorre o artigo junto de *Theós* para se convencer da improcedência desta ficção. Por exemplo:

S. Mateus 5:9: "porque eles serão chamados filhos de Deus"

S. Lucas 1:3.5: "será chamado Filho de Deus"

S. João 1:6: "um homem enviado por Deus"

Pode-se honestamente traduzir-se por "filhos de *um* Deus", "Filho de *um* Deus" e "enviado por *um* Deus"? Embora *Theou* nestas passagens signifique "de Deus", caso genitivo do mesmo nome (segunda declinação) e há também o caso dativo "por Deus". as próprias Testemunhas de Jeová não traduziram por "de um Deus" ou "por um Deus", embora também com ausência do artigo. Assim não está no Diálogo nem na Novo Mundo. Por que, então deveria estar somente em S. João 1:1? Isto quer dizer apenas que os russelitas apresentam ou deixam de apresentar a ênfase sobre o artigo ou sua ausência conforme convenha à fantasia que criaram, sem considerar as normas gramaticais que se lhes opõem. Essa é a verdade crua!

Num dos muitos Apêndices da Tradução Novo Mundo, em inglês, citam uma reconhecida autoridade no Grego, o Dr. Robertson, mas nisto revelam falta de lisura. Na página 776 do Novo Testamento em exame, citando palavras do Dr. Robertson "entre antigos escritores **O THEOS** era empregado para designar a religião absoluta distinguindo-a dos deuses mitológicos", deixam propositadamente de citar a sentença seguinte em que o Dr. Robertson diz: "No Novo Testamento, contudo, embora tenhamos **PROS TON THEON** (S. João 1:1, 2), é muitíssimo mais comum encontrarmos *simplesmente* **THEOS**, especialmente nas Epístolas". E isto destrói todo o castelo de cartas construído sobre a omissão do artigo!

Mais ainda: indica falta de honestidade mental. Porque o que o erudito Dr. Robertson quis dizer é que os escritores do Novo Testamento não empregam freqüentemente o artigo com *Theós* e mesmo assim o sentido é perfeitamente claro no contexto, ou seja, que significa o Único Deus Verdadeiro. Examine alguém as seguintes referências em que em versículos sucessivos e até na mesma sentença o artigo é empregado em relação a *Theós* (por exemplo S. Mat. 4:3 e 4; 12:28; Atos 5:29 e 30, e muitas outras passagens), e a conclusão é de que é insustentável a teoria jeovista. Especialmente em S. Mar. 12:26 e 27, e S. Luc. 20:37 e 38, NÃO HÁ O ARTIGO, e no entanto refere-se a Jeová, inquestionavelmente ao "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó". Isto pulveriza a pretensão das "testemunhas".

Convém repisar o fundamento gramatical em que nos baseamos para destruir o disparate russelita: no grego o predicado geralmente dispensa o artigo. porém o sujeito quase sempre o tem. E quando um nome está em relação predicativa com outro nome, o nome que representa o predicado não leva o artigo. Isto é ponto pacífico.

E vamos documentar exaustivamente o que afirmamos, deitando por terra os falsos pilares do erro. Invoquemos uma *nuvem de testemunhas*, colhidas entre renomados gramáticos e abalizados cultores do grego.

1. Na sua gramática "Beginners of the Greek New Testament", página 63, **WILLIAN H. DAVIS**, é taxativo:

"Observe-se que o sujeito diferencia-se do predicado sempre que o sujeito leva o artigo e o predicado não leva. Exemplo: **agape estin o Theos**, Deus é amor. Neste caso, **agape** é o predicado **porque não leva o artigo**, ao passo que **Theos** o leva".

2. Os autores do "Beginners Greek Book", **ALLEN R. BENNER** e **HERBERT W. SMYTH**, à página 50, declaram:

"O predicado substantivo geralmente não leva a artigo. Ex.: **strategos en o kuros**, Ciro era general".

3. **A. FREIRE**, em sua "Gramática Grega", página 178, confirma:

"Omite-se o artigo diante do nome predicativo do sujeito. Ex.: **outos enos etairos en**. Este era meu companheiro".

4. Em "Noções da Língua Grega", **ARNALDO DE SOUZA PEREIRA**, à página 145, sentencia:

"O predicado, em geral, não tem artigo. Ex.: **Kuros egeneto Basileus ton Person**. Ciro tornou-se rei dos persas.

5. **Prof. E. C. COLWELL**, catedrático da Universidade de Chicago. Considerado uma das maiores autoridades no assunto. Num extenso trabalho de sua autoria, intitulado "*A Definite Rule For the NT Greek Article Usage*" (Uma Regra Definitiva Para o Emprego do Artigo no Grego do Novo Testamento), afirma:

"Um predicado nominativo definido tem o artigo **quando vem depois do verbo**. O primeiro versículo do Evangelho de S. João encontra-se em uma das muitas passagens que, conforme esta regra, sugere a tradução de um predicado como nome definido. A ausência do artigo antes de "Theós" **NÃO** torna esse predicado indefinido, pois que vem antes do verbo "én". Nesta posição só poderá ser definido quando o

contexto o requer. Mas o contexto, no Evangelho de S. João, **não justifica tal exigência**, porquanto esta declaração não pode, de modo algum, ser julgada estranha ao prólogo do Evangelho que chega ao seu ponto culminante na confissão de Tomé, na capítulo 20, verso 28: 'Senhor meu, e Deus meu'."

Essa afirmação, partida de uma das maiores autoridades na matéria, pulveriza a aberração jeovista que insiste na tradução tendenciosa: "e o Verbo era um deus". O predicado não pode ser indefinido.

6. Invoquemos, a seguir, o testemunho de outra profundo helenista, o **Prof. BRUCE M. METZGER**, especializado no grego do NT, mestre emérito do Seminário de Princeton (EE.UU.), que, no seu trabalho "Jehovah Witnesses and Christ", comenta:

"Empregando o artigo indefinido "um" os tradutores da Tradução Novo Mundo desprezaram o bem conhecido fato de que na gramática grega os nomes podem ser **definidos** par várias razões, quer **esteja presente ou NÃO o artigo definido**. Uma frase prepositiva, na qual o artigo definido não vem expresso pode ser definida na grego, como ocorre realmente em S. João 1:1".

7. Outro gramático grego de renome universal é o **Prof. J. W. WHITE**, que no seu famoso *First Greek Book*, p. 266, também define com propriedade a regra da sintaxe do artigo. Diz textualmente:

"Um adjetivo, quer **preceda** o artigo, quer venha **depois** do substantivo sem tornar artigo, é sempre **predicado** adjetivo".

E, para ilustrar a regra, o Prof. White, cita uma frase grega em duas versões.

A oração é a seguinte: MIKRAI (pequenas) HÁI (as) OIKIAI (casas) EÍSEN (eram). A frase "Mikrai hái oikiai eísen" significa: "As casas eram pequenas". A ordem é inversa. Nota-se que o adjetivo "mikrai" (pequenas) vem **antes** do artigo "háí" (as). O adjetivo aí é o predicado da oração. Claro?

No entanto, há outra maneira de se escrever a mesma oração "HÁI (as) OIKIAI (casas) MIKRAI (pequenas) EÍSEN (eram)". Significa "Hái oikiai mikrai eísen ", também "As casas eram pequenas". Vemos, porém que aqui o adjetiva "mikrai" (pequenas) está sem artigo e vem **depois** do substantivo precedido do artigo ("háí oikiai", as casas).

Em ambas os casos, o substantivo é sempre "oikiai" (casas), e o adjetivo "mikrai" **é infalivelmente o predicado** adjetivo.

Ora, no texto de S. João 1:1, última sentença, aplica-se esta regra. Diante deste fato irrecusável, é evidente que B. Wilson, autor do "Diaglotão Enfático" cometeu erro crasso em traduzir "*kai Theós én hó Logos*" por "e um deus era o verbo". Por quê? Já o dissemos e repetimos: **Theós** (Deus) é predicado adjetivo, vindo antes do artigo "hó". O sujeito é "Logos". Daqui não há fugir. O correto é "e o Verbo em Deus".

8. **W. MARTIN & KLANN**, também doutos no grego, no seu trabalho *Jehovah of the Watchtower*, páginas 50, 51 e 52, comentando a insustentável pretensão russelita na versão de S. João 1:1, concluem:

"Contrariamente às traduções do 'Diaglotão Enfático' e 'Novo Mundo, a construção gramatical grega não deixa nenhuma dúvida de que esta [a tradução clássica e usual] é a única possível do texto. O sujeito da oração é "Verbo" (Logos), e o verbo, "era". Não pode haver objeto direto seguindo "era", pois de acordo com a praxe gramatical, os verbos intransitivos não pedem objeto, mas, em vez disso **pedem predicado nominativo**, o qual se relaciona com o sujeito que, no caso vertente, é "verbo" (Logos). Salta aos olhos que **nenhum artigo é necessária para "Theós"** (Deus) e traduzi-lo por "um deus" é não apenas uma incorreção gramatical como um grego estropiada, Pois "Theós" é o predicado nominativa de **era**, na terceira oração da versículo, e certamente se relaciona com o sujeito "Verbo" (Logos)".

As chamadas Testemunhas de Jeová não têm nem mesmo o senso do ridículo ao insistirem na sua esdrúxula "tradução". Seus "ministros" (todos os membros são *ministros*) não admitem que ninguém mais

conheça o grego. Todas as sumidades de renome mundial daquele idioma são uns ignorantes. Só as traduções "diaglótica" e "novo mundo" são intocáveis. Não querem examinar. Não querem cotejar. Não querem analisar. Escondem a cabeça sob a areia, como o avestruz. Tudo que não proceda deles, é falsidade dos "religionistas". É de penalizar!

9. **W. C. TAYLOR**, na sua conhecida "Introdução ao Estudo do NT Grego", afirma (edição de 1932, página 195):

"Quando se emprega o artigo, a substantivo é definido; quando não se emprega, **pode ser definido** ou indefinido. ... Nunca devemos falar de 'omissão do artigo'. O grego não **omitiu** ... mas escreveu segundo a sua própria índole. Se não há artigo é porque não lhe era natural usá-lo."

"Em geral o sujeito tem o artigo, mas o predicado não o tem. **Hó Theós agapé estin** (Deus é amor) (I S. João 4:16). Deus é amor, mas o amor nem sempre é Deus Em S. João **Theós én hó Logos**, traduzimos 'A Palavra era Deidade', e não 'Deus era a Palavra'. Porque o adjetivo sem o artigo é geralmente predicativo".

10. A maior autoridade, talvez, no idioma helênico, é o **Prof. A. T. ROBERTSON**, que além de sua monumental gramática, muito escreveu sobre questões lingüísticas e um tratado especial sobre o artigo. Ele é citado na Tradução Novo Mundo das chamadas Testemunhas de Jeová, mas truncado e torcido, e incompleto. Falando do emprego do artigo, e sua ausência em S. João 1:1 e 2, conclui:

"No Novo Testamento... embora tenhamos "prós ton Theon", é muitíssimo mais comum encontramos simplesmente "Theos" [sem artigo], especialmente nas Epístolas".

Essa opinião arrasa o castelo de cartas jeovista, não há dúvida.

Poderíamos ainda citar **William H. Davis**, **Samuel G. Green**, **Július R. Mantey**, **H. E. Dana** e outros notáveis gramáticos da língua grega. Mas os que citamos são suficientes para fulminar a cidadela jeovista erguida sobre S. João 1:1.

Para provar a falta de sinceridade e de coerência das chamadas Testemunhas de Jeová, vamos citar um só exemplo, dentre muitos. Teimam de maneira irritante que a tradução "um deus" é certa devido à ausência do artigo. Pois bem. Em S. João 1:18, lemos "Ninguém jamais viu a Deus". No grego está textualmente: "*Théon oydeis eóraken popote*". Vamos decompor a frase, por amor aos leitores menos cultos.

"Theon" (*Deus*, no acusativo, grego), "oydeis" (*ninguém*), "eóraken" (*viu*, no perfeito), "popote" (*de alguma maneira*, ou *de modo nenhum*). Como se observa, NÃO há o artigo. Pela lógica vesga dos jeovistas, deveria ser "um deus", devia ser indefinido. Mas, na sua famigerado tradução "Novo Mundo", traduziram este passo por "Deus" (Deus mesmo, o Jeová) e não "um deus", menor, criado, o Rei Jesus. Os tradutores por certo perceberam que a tradução "um deus" aqui seria uma aberração gramatical.

Devemos ainda dizer que, no Novo Testamento, tradução "Novo Mundo", com o objetivo de apoiar a tradução errada de S. João 1:1, há um longo Apêndice no qual citam mais 35 passagens de S. João nas quais o nome-predicado tem o artigo definido no grego (p. 776). Pretendem com essas citações provar que a ausência do artigo em S. João 1:1 significa que "Theós" ali precisa ser traduzido por "um deus". Verifica-se, porém, que *nenhum* dos 35 casos é paralelo, porque em cada exemplo o nome-predicado vem *depois* do verbo e, por conseguinte, levam apropriadamente o artigo, conforme a regra que citamos e repetimos: "Um predicado nominativo definido tem o artigo quando vem *depois* do verbo". (E. C. Colwell). Em última análise, esses 35 exemplos, em vez de serem contrários à tradução usual e aceita de S. João 1:1, constituem uma confirmação, uma prova adicional da regra para a emprego do artigo definido no grego. Esta é a verdade.

As "testemunhas" fazem tremendo estardalhaço em torno da omissão do artigo definido grego junto da palavra "Deus" na frase "E o Verbo era Deus". Ignoram, porém, (ou fingem ignorar) que esta forma de omissão é comum junto aos substantivos (nomes) NUMA CONSTRUÇÃO

PREDICATIVA. O emprego do artigo aí igualaria o "Verbo" e somente o "Verbo" com Deus, ao passo que sua omissão força o sentido: "E o próprio Verbo era Deus".

O artigo também é omitido, no original, em outras construções e, nesse mesmo capítulo joanino, isto ocorre quatro vezes, melhor dito nos versos 6, 112, 13 e 18 todos referentes a Deus mesmo e não a "um deus".

Em S. João 13:3 há um fato curioso que também reduz a frangalhos a pretensão dos jeovistas. Diz: "Ele viera de Deus e voltava para Deus" (no grego: *oti apo Theou e ezhefthen kai pros TON Theon upagei*). Nesse versículo, a palavra "Deus" ocorre duas vezes, contudo na primeira não leva o artigo e na segunda leva. *Ora, seria absolutamente indefensável traduzir a primeira ocorrência por "um deus"*. Meditem seriamente nisto os jeovistas sinceros, e não venham com bobagens do "The Emphatic Diaglott" – que não é seguro – ou do "Novo Mundo" (Escrituras Gregas Cristãs) – que o é menos ainda! Meditem no fato indisputável que estamos apresentando. Meditem nele honestamente.

Para finalizar, se fosse exata a versão "e um deus era o Verbo", como está no "Diaglott", então, pela mesma lógica, deveríamos traduzir I S. João 4:16 "o amor é Deus" em vez de "Deus é amor". E ainda S. João 1:14 "a carne se fez Verbo". Vejam a que ponto se chega!!!

O "EU SOU"

Consideremos outro claro texto neotestamentário que proclama, sem sombra de dúvida, a preexistência do Filho de Deus, a que os russelitas dão uma interpretação "sui generis" com o objetivo de elidir a conclusão da Divindade de Jesus. Encontra-se em S. João 8:58, e diz: "*Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: Antes que Abraão existisse, Eu sou*".

O texto é de clareza meridiana para os cristãos, mas não para os jeovistas que, para expungirem o sentido irreversível da preexistência e Divindade do Mestre, claramente explícita na expressão "EU SOU", recorrem a um expediente extremamente *reprovável*. Simplesmente inventaram um tempo de verbo *inexistente* no grego, a que denominam "tempo perfeito indefinido", e fazem a texto dizer: "Antes que Abraão existisse, *Eu tenho sido*". Sem a menor cerimônia, eliminam a forma presente do verbo "ser", isto é, "Eu sou". Isto pode ser visto na famigerada Tradução Novo Mundo (*New World Translation*), editada por eles, na qual, à página 312, há um rodapé, e na parte **c** declara-se de maneira dogmática, que a expressão grega "EGO EIMI" (EU SOU), no caso vertente deve ser "traduzida com propriedade no 'tempo do perfeito indefinido' (eu tenho sido) e não 'eu sou'."

O mesmo ocorre na traduçãozinha brasileira "Novo Mudo".

Isto, antes de mais nada, constitui uma afirmação atrevida, sem o menor fundamento nos fatos.

Reproduzamos o texto original de S. João 8:58:

Eipen aytois Iesus Amén Amén lego ymin,

Falou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade digo-vos:

prin Abraam genesthai Ego eimi.

Antes que Abraão tivesse nascido Eu sou.

Notemos, de passagem, o emprego de "genesthai", que indica *nascimento, geração*, atribuído a Abraão, em comparação com "eimi" que significa "ser existente" atribuído a Jesus.

O grande gramático Dr. Robertson declara que "EIMI" é *absoluto*, o que simplesmente quer dizer que *não há predicado algum expresso com ele*. E este mesmo emprego de "EIMI" ocorre mais três vezes no mesmo Evangelho de S João:

8:24 – "... se não credes que **Eu sou** [Ego eimi] morrereis nos vossos pecados".

13:19 – "Desde já vos digo, antes que aconteça, para que quando acontecer, creiais que **Eu sou** [Ego eimi]".

18:5 – "Então Jesus lhes disse: **Sou Eu** [Ego eimi]".

Experimente o leitor sincero alterar a expressão dos textos acima pela "Eu tenho sido". Não, em todos estes passos, a expressão é a mesma empregada pela Septuaginta, ou Versão dos LXX (em grego) nos textos Deut. 32:29, Isaías 43:10; 46:4, e outros. Indica um tempo *presente*, e mais ainda, um presente perdurável, infundável, especialmente em S. João 13:19, onde Jesus diz aos discípulos coisas "antes que aconteçam" para que "quando acontecessem", eles deveriam crer que "EU SOU" (EGO EIMI). Ora, Jeová é o único que conhece "o fim desde o princípio" (Isa.. 41:10), donde se conclui, em que pese a esdrúxula tese russelita, que, ao dizer Jesus "Ego eimi", estava Se identificando com Jeová.

O grego jamais admitiria esta violência "Eu tenho sido", e a única tradução possível é "Eu sou", e uma vez que Jeová é o único "Eu sou" (Êxo. 3:14; Isa. 44:6), segue-se que Ele e Cristo são "Um" em substância, poder e eternidade. É o que a Bíblia revela, e preferimos crer nela.

As chamadas "testemunhas de Jeová" argumentam ainda que, em S. João 8:58, a frase "Eu sou" pode estar empregada no chamado "presente histórico", tendo um duplo sentido. Isto é uma cavilação, porquanto, embora exista o tempo de verbo denominado "presente histórico", de modo algum pode aplicar-se na texto em lide. Simplesmente porque Jesus *não estava narrando*. Estava falando, discutindo, advertindo os discípulos. O presente histórico, de acordo com comezinha regra

gramatical, é empregado *nas narrativas somente* e não no discurso comum. E assim rui por terra mais uma grotesca pretensão russelita.

Ainda a Septuaginta

Insistimos em comparar à expressão "Eu sou" [Ego eimi] referindo-se à Jeová, na Septuaginta, ou Versão dos LXX, em grego. Em vários textos, como Gên., 17:1; Sal. 35:3; Isa. 16:1; 43:10-13; Jer. 3:12; 23:23, e outros, consta "Ego eimi", sendo que na maior parte das vezes é simples tradução do pronome hebraico pessoal, caso reto, primeira pessoa, singular "ANI" (Eu). Por quê? Porque o hebraico tem duas formas para este pronome pessoal, a forma simples "Ani", e a chamada forma reforçada ou enfática "Anoki". Na gramática hebraica (em francês) de J. Touzard, página 158, há a seguinte observação a respeito:

"As formas verbais hebraicas incluem o sujeito e, por esta razão, os pronomes pessoais separáveis [ani, anoki] não são empregados **a não ser quando se queira dar ênfase ou relevo ao autor da ação expressa pelo verbo.**"

Segue-se; pois, que, nas passagens atrás referidas, aparece *separado* o pronome pessoal "Ani" (Eu) com o objetivo de dar ênfase à Pessoa que, no caso em tela, é Jeová. Necessariamente a tradução "Ego Eimi" é corretíssima e significa "Eu sou". Daqui não há fugir.

O Sentido Exato de "EU SOU"

Comentando S. João 8:58, diz J. H. Bernard, em *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel of St. John* (Comentário Crítico e Exegético do Evangelho de S. João), volume II, p. 118:

"É evidente que o EGO EIMI (Eu sou) usado por Jesus reflete a maneira apropriada e peculiar de Deus falar de Si mesmo no Velho Testamento e, na boca de Jesus referindo-se à Sua própria Pessoa, esta

expressão implica na sua Divindade, sendo exatamente isto o que Jesus quer significar".

Que Jesus, ao dizer EU SOU, quis expressar aos judeus: "EU SOU JEOVÁ", não padece dúvida, *pois assim eles entenderam*. E tanto entenderam que, por isso, quiseram apedrejá-Lo. Sim, porque Jesus abertamente Se proclamara Deus, em igualdade com Jeová, e isto eles consideraram uma blasfêmia, pecado punível com a morte, consoante a lei civil judaica (Lev. 24:16).

Diante deste fato irretorquível, as chamadas "testemunhas de Jeová" procuram uma escapatória dizendo que os judeus queriam apedrejar a Jesus porque, no verso 44, Ele os chamou de filhos do diabo. Ora, se isto fosse exato, então porque não O apedrejaram em outras ocasiões em que Ele os chamou diretamente de "raça de víboras"? (S. Mat. 23:33, por exemplo). É simples a resposta. É que, nessas ocasiões, não havia uma base legal para o apedrejamento, pois não configurava o crime de blasfêmia, por mais dura que fosse a reprovação.

A questão fica inapelavelmente liquidada com as próprias palavras dos judeus, registradas em S. João 10:35: "Responderam-Lhe os judeus: Não é por obra boa que te apedrejam, e, sim, por *causa da blasfêmia*, pois, sendo tu homem, **TE FAZES DEUS A TI MESMO**." (Grifos e versais nossos). Diante disso, não há o que argumentar!

Mas os jeovistas não se dão por vencidos e vêm com nugas que nada provam. Analisemos as principais:

a) Dizem que *Uma Tradução Americana* assim verte o texto em lide: "Eu existia antes que Abraão nascesse". Ora, isso não favorece, de modo algum, os unitarianos, porque o passado imperfeito denota aí uma *continuidade indefinida ANTERIOR* ao nascimento de Abraão. Sobre quanto tempo antes de surgir Abraão, não se tem medida!

b) Citam a versão de *Stage*, que reza: "Antes que Abraão viesse a existir, Eu era". Também não vemos como isso abona a tese ariana. Apenas confirma a preexistência de Cristo de modo *ilimitado*.

c) Citam também *Lamsa*: "Antes de Abraão nascer, Eu era". Isso não estabelece uma época em que Jesus teria sido criado; apenas afirma a preexistência do Filho de Deus, em tempo imensurável. Nada mais.

Essas versões dizem, em suma, que Cristo EXISTIU num tempo remoto, imensurável, que foge a um ponto de fixação. Abraão tornou-se um ponto de referência, unicamente porque os judeus perguntaram a Jesus: "Ainda não tens 50 anos, e viste a Abraão?" Se o assunto fosse, por exemplo Satanás, Jesus teria dito: "Antes que Satanás existisse, Eu sou, ou Eu já existia, ou Eu era" – o que, afinal, dá no mesmo.

Alegam as "testemunhas" que dois tradutores hebraicos admitiram a tradução "tenho sido". Isso nada prova. O fato de dois tradutores terem, por iniciativa própria e com seu risco, vertido "tenho sido" onde essa tradução é inviável, somado ao fato de também os jeovistas inventarem um tempo de verbo INEXISTENTE NO GREGO, e por eles denominado "perfeito indefinido" apenas para justificar esse disparate ("eu tenho sido") que desborda de todos os cânones lingüísticos, não destrói o fato de ser a tradução correta, única, irreversível: "Eu sou".

Chamamos a atenção dos sinceros para este interessante paralelo. Em S. João 8:58 lemos: "Antes que Abraão existisse (gr. *ginomoi*, tornar-se, vir a ser, produzir-se), Eu sou (gr. *ego eimi*). Pois bem, no Salmo 90:2, a Septuaginta assim verte: "Antes que os montes viessem à existência [gr. *ginomoi*], desde a eternidade até a eternidade Tu és (gr. *eimi*) Deus". Os mesmos verbos, em emprego semelhante. Por que as "testemunhas" não afirmam que também aqui se deveria traduzir "Eu tenho sido"? Por aí se vê a inconsistência do "argumento".

Mas em Êxodo 3:14 no hebraico está *ehêiêh*, palavra composta de pronome e verbo "ser", significando "Eu sou". Não tem cabimento a tradução "Eu tenho sido". Os mais autorizados léxicos hebraicos aplicam a expressão a Deus, como o "Eu sou", ou "O que existe por Si".

Mas os jeovistas inventam nova arenga: de que a Septuaginta verte Êxodo 3:14 por "ho on", ou "o Ser". Na verdade, "ho on", em grego,

significa "o que é", "o que está", "o que existe". Há algumas ocorrências no NT, e entre elas:

1. **S. João 1:18**: "O Deus unigênito que *está* no seio do Pai" (Gr. **monogenes Theos ho on eis ton kolpon tou Patros**). Refere-se a Cristo como *O que existe, o que é, o que está* no seio do Pai, COMO DEUS UNIGÊNITO. Isso sinceramente não favorece o unitarismo. Ao contrário, reforça a Deidade de Cristo. Porque se a expressão "ho on" (aquele que existe) *se torna um título* da Deidade, como em Êxodo 3:14, pode perfeitamente aplicar-se a Cristo. O "ego eimi" (Eu sou) como forma intransitiva pode igualmente tornar-se um título da Deidade. Portanto, ainda que a Septuaginta haja vertido "ho on" isso não destrói o fato de Cristo poder reclamar para Si título idêntico.

2. **S. João 3:13**: "A não ser o que desceu do Céu" (gr. "**ei me HO EK tou ouranou**"). Aí há a forma "ho ek", *o que procede, o que vem do Céu*. Ora, se os unitarianos apresentam isso como argumento, verão que lhes é contrário porque o texto reafirma a origem divina de Jesus: *o que procede do Céu*.

3. **S. João 3:31**: "Quem vem da terra, é terreno e fala da terra" (Gr. "**ho on ek te ges, ek te ges estin kai ek tes ges lalei**".) A expressão "ho on" (Aquele que é) aplica-se perfeitamente a Cristo. "Aquele que é, que era, e que há de vir" também se pode aplicar a Cristo, porque de fato Ele é o mesmo "ontem, hoje e para sempre".

Antes de concluirmos este capítulo, convém lembrar que no grego não existe tempo verbal denominado "perfeito indefinido" que os jeovistas inventaram para tapar o Sol com a peneira. E no texto de S. João 8:58, o aoristo infinitivo, como tal, *não* forma uma cláusula. Aqui no texto é o advérbio **PRIN** (antes que) altamente significativo e *dominante*, de modo que a construção deve denominar-se *Cláusula Prin* ("Antes que"). O Dr. Robertson declara que o verbo *eimi* "é absoluto". Isto quer dizer que não pode haver predicado algum expresso com ele. Isto liquida a questão.

"SENHOR MEU E DEUS MEU"

Nosso objetivo, ao escrevermos estes capítulos, é reafirmar a Divindade de Jesus, negada arduamente pelas chamadas "testemunhas de Jeová", useiros e vezeiros em truncarem os textos das Escrituras e dar-lhes sentido distorcido. E o fazem procurando apoio nas línguas originais da Bíblia, no intuito de impressionar os menos avisados. Isto é o que se verifica nomeadamente nas traduções Novo Mundo e Diaglotão, não apenas na seu inseguro conteúdo textual como nos apêndices, rodapés e margens onde há comentários e referências de uma pobreza franciscana.

Em capítulos anteriores, esquadriamos e pulverizamos dois desses truncamentos: os de S. João 1:1 e 8:58. Consideremos agora a resposta pronta e decisiva do apóstolo Tomé diante da evidência concreta da ressurreição do Senhor, proclamando-Lhe a Divindade.

De forma alguma, porém, aceitam os jeovistas a clareza solar do texto, que se encontra em S. João 20:28, consistente nas seguintes palavras: "*Respondendo-Lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu?*", importando numa adoração ao "Deus manifestado em carne".

A simples leitura textual não deixa dúvida quanto à Divindade de Cristo, proclamando de modo categórico, formal, incisivo. Mesmo assim, procuram os russelitas burlar o sentido claríssimo dessa afirmação, objetivando elidir a idéia da Divindade do Filho de Deus, com processos discutíveis. Contudo, em pura perda, e nesse particular, o tiro saiu-lhes pela culatra, como veremos.

Vamos recompor todo o verso, como se acha no original, literalmente traduzido entre linhas:

Apekrithe Thomas kai eipen auto ho Kyrios moy kai ho Theós moy

Respondeu Tomé e disse lhe (o) Senhor meu e (o) Deus meu.

A expressão de Tomé: "ho Theós moy" só pode ser traduzida por "Deus meu". Não há outra saída. Tanto assim que o próprio *Diaglotão Enfático* (massuda versão bilingüe usada à larga pelos jeovistas), à

página 396 traduz "ho Theós moy" literalmente por "O Deus de mim" ou "meu Deus".

Mesmo os leitores leigos podem notar, no original grego, a presença do artigo "ho" tanto junto de "Kyrios" (Senhor) como junto de "Theós" (Jesus). A presença do artigo definido neste passo é muito importante porque, de acordo com o argumento dogmático das próprias "testemunhas de Jeová" – segundo o qual só a existência do artigo distingue o Deus Verdadeiro e Único Jeová, de um "deus" secundário, inferior - temos aqui a prova provada, que elas mesmas nos fornecem, de que Tomé se dirigiu ao Deus Único e Verdadeiro: Jesus, que é Um com Jeová. E assim, os jeovistas caíram dramaticamente na cilada do "artigo" que eles mesmos armaram.

E isto se comprova na *Tradução Novo Mundo*, em inglês, pois nela há um Apêndice à página 776, com a seguinte declaração:

"Assim também S. João 1:1 e 2 emprega no HO THEÓS para distinguir Jeová Deus, do verbo (Logos) como 'um deus', 'o unigênito de Deus' como S. João 1:18 o chama".

É uma confissão de que no texto em lide (S. João 20:28) a referência é a Deus Jeová mesmo!

A bem da verdade deve ser dito que essa declaração, diante dos legítimos cânones lingüísticos do grego, nada esclarece, e apenas reitera a idéia fixa ariana, com o objetivo confesso de negar, a todo custo, a Divindade de Jesus, pretendendo reduzi-Lo a um "deus" de segunda mão, criado em algum tempo.

Para pulverizar essa infâmia sacrílega bastaria este simples raciocínio. Se Tomé chamou a Cristo ressuscitado de Jeová (à vista da existência do artigo definido "ho" diante de "Theós", como querem os russelitas), e Cristo não protestou, não negou essa qualificação divina, mas a confirmou plenamente ao dizer, no verso 29: "Porque Me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram", então, amigos, nenhum malabarismo exegético, nenhuma distorção do texto, poderá alterar o pensamento básico, a saber, que Jesus Cristo é Jeová-Deus!

Há mais a considerar. A Tradução Novo Mundo em inglês evita cuidadosamente qualquer explicação ou comentário deste texto, mas registra na margem, à página 350, com asterisco (*) uma meia dúzia de passagens com referência a Cristo, que eles entendem mencioná-Lo como um "deus", e desta forma desprimorosa tentam engodar o leitor desprevenido. Apresentam-lhe textos que não têm correlação alguma com o versículo em causa, e são mencionadas abstratamente, sem sentido, sem lógica, sem adequação, numa confissão tácita de que o argumento vale zero.

O ponto capital é este: *há outro "deus" além de Jeová?*

As Escrituras só dão uma resposta: NÃO HÁ! *Não há outro deus a não ser Jeová.* Leia-se Isa. 45:21-23; 37:16-20; 44:8 e outros passos. Para sermos exatos, há muitos chamados "deuses" nas Escrituras, porém não são deuses pela identidade, pela existência própria, pela soberania, mas o são por aclamação e adoração humanas; são ídolos. O próprio Satanás caiu nesta categoria, e é chamado o "deus deste século".

Cristo, porém, é Deus – Um com o Pai, em substância, natureza e poder. Tomé, dizendo "Deus meu" adorou a Cristo como a ressurreta encarnação da Divindade: Jeová, único, eterno, verdadeiro na Pessoa do Filho, Deus manifestado em carne. O cúmulo do contra-senso é a seguinte interpretação que nas foi dada por um russelita: quando Tomé disse "Senhor meu" dirigia seu pensamento a Cristo que estava à sua frente, mas quando disse "Deus meu", dirigiu-se a Jeová, no Céu. Primeiramente a frase é uma só, ligada pela aditiva "kai" (e), isto é, "*Senhor meu E Deus meu*". Em segundo lugar, isto corre parelha com o sistema jesuíta das restrições mentais, da duplicidade, do bifrontismo por parte de Tomé, o que não aceitamos.

MAIS UMA FRAUDE

Há um texto da autoria do apóstolo S. Paulo, que exalta a soberania de Cristo como agente da Criação, proclamando-Lhe, de modo inequívoco, a Divindade:

Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Col. 1:15-17.

É exatamente o que diz a Bíblia, nem mais nem menos. Como, porém, vamos lidar com uma grosseira falsificação, reproduzamos o texto original grego, com tradução interlinear *ad litetam*:

hos estin eikon tou theon tou asratou, protokos pasés
o qual é imagem do Deus do invisível, primogênito de toda
ktiseos, hoti én auto ektisthe ta panta én tois ouranos
criação porque nEle criaram-se as todas as coisas em os céus
kai epi tes ges ... Ta panta di autou kai eis autún
e sobre a terra ... as todas as coisas por meio dele e para Ele
ektistai. Kai autós estin pró panton. Kai ta
se criaram. E Ele é antes de todas as coisas. E as
panta én auto unesteken.
todas as coisas em Ele subsistem.

Pois bem, com o objetivo de forçar o texto a dizer o que não diz e amparar suas heresias, as chamadas "testemunhas de Jeová" não se peçaram de ACRESCENTAR nele palavras apócrifas, que *absolutamente não existem no original*, e isto não constitui apenas violência ao texto e perversão das Escrituras, mas uma falsificação pura e simples. Vamos primeiramente citar o mesmo texto como se encontra na Tradução Novo Mundo, em inglês:

"Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, porque por meio dEle todas as **outras** coisas foram criadas nos céus e

sobre a terra... Todas as **outras** coisas têm sido formadas por meio dele e para Ele. Também Ele é antes de todas as **outras** coisas e por meio dEle todas as **outras** coisas foram tornadas existentes".

Neste trecho, a palavra "outras", que não consta do original, foi inserida quatro vezes sem nenhuma justificação. É uma excrescência, um acréscimo indevido, uma interpolação. Sem nenhum sentido, a não ser sugerir a errônea cristologia ariana. Na "traduçãozinha" Novo Mundo, *Edição Brasileira*, a palavra *outras* vem entre colchetes:

"Também, Ele é antes de todas as [outras] coisas e todas as [outras] coisas vieram a existir par meio dEle".

Procurando justificar esse disparate, a Tradução Novo Mundo em inglês traz um rodapé, assinalado com um (a) cada emprego da palavra "outras", indicando ao leitor que leia S. Luc. 13:2, 4, "e em outros lugares" em busca de apoio para essa tradução anti-gramatical. Contudo, lendo-se os textos indicados no grego verifica-se que também não consta a palavra "outras", embora algumas versões o consignem. Admitir-se-ia neste último caso, em que Jesus contrasta certos galileus com outros galileus; mas *jamais* seria admissível em Col. 1:15-17 inserir-se palavras apenas para provar ponto doutrinário, nem se trata aí de *comparação* de espécie alguma. É totalmente incabível, e não se pode citar o testemunho de nenhuma autoridade no grego para abonar um desconchavo tão gritante. Além do mais, todo o contexto é uma descrição exaltada e superlativa de Jesus como imagem do Deus invisível. Leia-se também S. João 1:3 e Heb. 1:3, e ter-se-á o sentido exato do que S. Paulo afirma.

Portanto, a inclusão da palavra "outras", mesmo entre colchetes, só tem o objetivo de referir-se a Jesus *como igual às demais coisas criadas*. A Bíblia comina uma praga apocalíptica para os que *acrescentam* palavras à Palavra de Deus. Apoc. 22:18. No caso em tela, se S. Paulo quisesse dizer "outras", teria escrito "*(ta) alla*", mas não o fez. E é em pilares como este que escoram suas doutrinas.

Desmascarada mais essa fraude jeovista, convém determo-nos um pouco sobre duas expressões por eles muito exploradas no deliberado

intuito de justificarem a doutrina de que Cristo, em Sua existência pré-terrestre, foi "criado" por Deus, o Pai. A primeira encontra-se no texto em causa: "o primogênito de toda a criação" (Col. 1:15); a segunda, em Apoc. 3:14: "o princípio da criação de Deus". Procurando ligar estes dois textos com S. João 1:1, deturpado, concluem que Cristo foi "criado" e "teve um princípio".

Querem os jeovistas que "primogênito" signifique unicamente e exclusivamente "criado primeiro", antes da criação geral. Ora, se fosse realmente assim, S. Paulo teria escrito *PROTOKTISTOS* que é a palavra grega a significar exatamente "criado primeiro". No entanto o apóstolo dos gentios escreveu *PROTOTOKOS*, que significa coisa bem diferente, significa "primogênito". Note-se que tem o elemento "primo" que se refere tanto à posição como ao *tempo*. Isto é importante. Assim S. Paulo refere-se não somente à *prioridade de Cristo sobre toda a criação*, mas também à SUA SOBERANIA SOBRE TODA A CRIAÇÃO. "Gerado" e não "criado" é o que está implícito no vocábulo. É uma *primazia* sobre as coisas criadas.

Aliás o abalizado J. H. Thayer, no seu velho léxico grego-inglês declara que "protos" "é primeiro, o Eterno". Idéia de prioridade e exaltação.

Os textos de modo algum indicam que Cristo fora um ser criado, a não ser no sentido físico (S. João 1:14) por ocasião de Sua encarnação (S. Luc. 1:35).

Em Apoc. 3:14, temos: "O princípio da criação de Deus" (Grego: *he archê tês ktiseos tou theou*). Houve tempo em que os russelitas *interpretavam* esta expressão como Cristo Se referindo a Si mesmo como "criado por Deus", mas dada a insustentabilidade desta posição em face do artigo "tou" na forma genitiva (de), viram-se forçados a aceitar a versão clássica "criação de Deus" a assim consta também da traduçãozinha brasileira "Novo Mundo, pois não ousaram verter "por Deus". Se o sentido fosse realmente "criação por Deus", haveria

obrigatoriamente a preposição *ypó*. Tal, porém, não se dá. E recuaram, derrotados no grego!

Além disso, a palavra *archê* pode ser corretamente traduzida por "origem", e o sentido exato seria "a origem da criação de Deus". Tanto é esse o sentido que os jeovistas, na sua versão inglesa Novo Mundo (edição 1950), traduzem S. João 1:1 assim: "*Originariamente* era o Verbo". *Archê*, como princípio, dá idéia de origem, fonte primária. Convém ler S. João 1:3 para confirmação.

Acrescentaríamos ainda que *primogênito* encerra, em muitos casos, a idéia de importância e não de prioridade. Por exemplo: Em Êxo. 4:22, Israel é chamado primogênito, mas Esaú nasceu antes dele. Em Jer. 31:9, Efraim é chamado primogênito, contudo Manassés nasceu antes dele. Evidentemente o sentido é de importância, dignidade, eminência, e não circunscrito a um acidente genético. A esta altura recomendaríamos aos jeovistas "buscarem a sabedoria", a exercerem "os olhos do entendimento"!

Diríamos ainda que, da mesma fonte etimológica, nos vem a palavra "primícias" que se traduz por "primeiros frutos". No entanto Jesus é chamado "primícias dos que dormem", não no sentido de prioridade de tempo, *porque houve ressurreições antes da dEle*. O sentido é de dignidade, exaltação, eminência, soberania. Poderíamos invocar autoridades lingüísticas em abono desta verdade.

Reafirmamos nossa crença trinitariana, bíblica e cristã: Cristo é Deus, a Segunda Pessoa da Trindade.

Sentido Real de "Unigênito"

Outra palavra bíblica de que abusam é unigênito. É tradução do grego "monoguenes". No seu inglório empenho de firmar a Cristologia ariana, as "testemunhas" agarram-se também a esta palavra, e, com astúcia, conseguem, por vezes, engodar pessoas não bem informadas, levando-as à conclusão de que "unigênito" significa e tão-só "único

gerado", "único filho" nascido de Deus. Partindo desta idéia errônea, sugerem que, *desde que esta palavra se aplica a Jesus Cristo cinco vezes no Novo Testamento*, a conclusão irreversível é de que Ele é uma criatura. E gostam de citar o texto de S. João 1:18 como se acha no *Códice Alexandrino*: "O único Deus gerado".

No entanto, por ignorância ou má fé, esquecem-se de que *os mais autorizados léxicos e gramáticas*, os quais, sem exceção, vertem "monogenes" por "só e único membro de uma raça ou espécie, daí ser *único* (mono)". Esta definição, a mais autorizada, foi extraída de *Liddell and Scott Greek English Lexicon*, Vol. 2, pág. 1.144.

Para reforçar a verdade dos fatos, citamos ainda os abalizados Moulton and Milligan, os quais, em seu vocabulário do grego do NT, páginas 416 e 417 traduzem:

"Monogenes: Um de uma espécie. Único. Singular".

Primogênito é no NT empregado no sentido da máxima exaltação de Cristo como Filho de Deus. Lemos em Rom. 8:29: "... a fim de que Ele *seja o primogênito* entre muitos irmãos". E isto nada mais é do que uma ênfase à posição privilegiada e honradíssima de Cristo como o Irmão Mais Velho da família redimida por Ele. Não Se envergonha de nos chamar "irmãos". Heb. 2:11.

Há também a "igreja dos primogênitos", isto é, dos crentes que, por terem nascido de novo, formam a igreja invisível. A primogenitura indica sempre uma posição elevada. Pois bem, "unigênito" por seu turno, indica unicidade, singularidade, especialidade, alguém que é alvo de carinho especial. Tanto no grego clássico como no *koiné* (grego do NT) o termo *monogenes* traz a idéia de "único, solitário, só, único membro de uma família particular".

Convém notar a esta altura que a Septuaginta – tão do agrado dos jeovistas – também emprega a palavra "monoguenes" como equivalente ao adjetivo hebraico "yachid", que significa "solitário", e assim se acha em Salmo 68:6, por exemplo. Isto denota que os tradutores da

Septuaginta viram em "monoguenes" o sentido de *unicidade*, daí o realce posto em "único", "só" ou "um" (mono) e não em *genus*.

Se as "testemunhas de Jeová" insistem que "unigênito" seja tão-só "único gerado", então como se arranjam com o texto de Heb. 11:17 que afirma ser Isaque o "unigênito" de Abraão? Pois a Bíblia regista que Abraão teve, pelo menos, 8 filhos: Ismael, o primeiro, nascida de Hagar; Isaque, nascido de Sara; e mais seis filhos nascidos de Quetura. Contudo, Isaque é denominado "unigênito", não por ser o único filho, o único gerado (que tal não é o caso), nem por ser o filho mais velho, *mas por ser o filho dileto, o filho da promessa, e por isso Abraão o amava de modo especial*.

"Este é *Meu Filho amado*, em quem Me comprazo". S. Mat. 3:17. "Eis o Meu servo, que escolhi, o *Meu amado*, em quem a Minha alma Se compraz". S. Mat. 12:18. Tal é o sentido de "unigênito".

Uma comprovação de peso é o insuspeito Thayer, por ser unitariano. No seu "*Greek English Lexicon of the New Testament*", página 417, declara:

"Monogenes: .. Único de sua espécie; único... (monos) aplicado a Cristo indica o único filho de Deus".

A insistência dos russelitas tem origem num fato que eles desconhecem, ou preferem ignorar: que *monogenes* (grego) *não tem* o mesmo sentido de *unigenitus* (latim).

A propósito, N. Klann, co-autor de "*Jehovah of the Watchtower*", naquela obra à página 417, faz a seguinte observação:

"Lamentavelmente, na literatura antiga a palavra **monoguenes** tornou-se indevidamente ligada ao temo latino *unigenitus*. No entanto, esta igualdade de sentido é basicamente incorreta e basta um sério estudo lexicográfico para a demonstrar".

Como já se disse e se reitera, o jeovismo é uma religião mais preocupada com nomenclatura do que com fatos.

"EXISTINDO EM FORMA DE DEUS"

As fraudes tradutórias das chamadas "testemunhas de Jeová" não se limitam ao abuso de verterem erroneamente ou truncarem os textos sagrados. Vão além e, quando não encontram na Bíblia um cabide em que dependurar suas idéias heréticas, recorrem então ao processo da subtileza, da *especiosidade no sentido* da frase sacra, forçando-a a amoldar-se ao esquema ariano, que nega a Divindade de Jesus.

Um caso típico temo-lo na versão que fazem do pensamento paulino exarado na carta aos filipenses, capítulo segundo, verso seis. Tão subtil que, lendo-o pela primeira vez na versão Novo Mundo – *Edição Brasileira* – confesso não ter dado com o engodo. Relendo posteriormente, com mais atenção, pudemos verificar o sentido sibilino que procuraram dar à soleníssima declaração do apóstolo, de exaltação a Cristo.

Para melhor esclarecermos os leitores, vamos primeiramente dissecar o texto original, com a tradução ao pé da letra:

hos én morphê theou uparchôn ouch
 o qual em forma de Deus subsistindo não
arpagmon hegesato to einai isa theo.
 usurpação julgou o ser igual Deus.

A frase acima, devidamente transposta, na ordem lógica, e na índole da nossa língua, assim fica, com absoluta correção:

"O qual, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação ser igual a Deus".

Como é óbvio, até uma criança entende o que aí se acha escrito. Salta aos olhos o sentido de que Cristo, sendo da natureza de Deus, Ele *não considerou este fato uma usurpação*, uma coisa indevida, uma coisa a que não tinha direito e por isso – diz o versículo seguinte – *esvaziou-se*, assumindo forma humana. Sem perder Sua Divindade, adquiriu a humanidade.

O helenista William C. Taylor, na sua obra didática "Introdução ao Estudo do Grego do Novo Testamento", edição 1948, página 363, assim traduz Fil. 2:6.

"O qual, existindo essencialmente em natureza de Deus não considerou o estar em pé de igualdade com Deus uma presa..."

E a seguir, explicando a razão de ter usado a palavra "presa" acrescenta: "presa (o ser cobiçado e retido como a leoa segura a presa ou o salteador o seu espólio)". O sentido da palavra grega *arpagmon* é de amplitude difícil de ser transposta com justeza no português. Há traduções que rezam: "coisa de que não devesse abrir mão" (a Divindade, o ser igual a Deus). Cristo não considerou o ser igual a Deus uma coisa de que não devesse abrir mão, e então resolveu *baixar até ao homem*.

Contudo, a despeito da clareza meridiana do texto, os jeovistas na sua subtradução brasileira (?) vertem:

"O qual, embora existisse em forma de Deus não deu consideração a uma usurpação, a saber, que devesse ser igual a Deus".

Notaram os leitores como o sentido é totalmente diferente? Com esse flagrante e grosseiro torcimento procuram impingir a idéia de que Cristo despreza a Divindade, não Lhe interessando ser igual a Deus. Na Tradução Novo Mundo, em inglês, transpõem o pensamento paulino de maneira pior:

"Cristo Jesus, embora existisse na forma de Deus não deu nenhuma atenção a uma CAPTURA, isto é, a ser igual a Deus".

E há ainda uma nota, no inglês, que comenta: "Embora existisse em forma de Deus, desprezou..." E outra nota atribui à palavra grega *arpagmon* (usurpação, retenção) o sentido de "apreensão, uma coisa que pode ser apreendida". Desta maneira torcem a linguagem neotestamentária a fim de forçá-la a combinar com a seu unitarismo, ou seja, inculcando o sentido de que Cristo não era igual a Deus a até mesmo *desprezou esta igualdade*.

Descendo ao terreno da argumentação, clamam os jeovistas que a expressão em forma de Deus significa meramente uma "semelhança",

uma "figura externa", e que isto eles admitem. Nisto, porém, revelam-se apedeadas, desconhecedoras da *índole*, da força expressional do grego.

O citado W. C. Taylor, na mesma obra, página 393, afirma, com relação ao texto em lide:

" '**Morphê**', significa forma, implicando caráter e natureza essenciais. Está em contraste com **schêma** que significa figura, semelhança exterior e efêmera. **Morphê** salienta a natureza divina e real humanidade de Jesus em Fil. 2:6 e 7, e **schêma** salienta a fase passageira de sua humilhação".

Ora, a palavra "forma" que aparece em Fil. 2:6 é exatamente **morphê**, indicando a natureza divina de Cristo. No verso 7, a palavra para designar a figura humana de Cristo é, então, **schêma**. É preciso "buscar a sabedoria" e ver com "os olhos do entendimento"!

Para reforço do que estamos explicando, invoquemos o que escreveu Sabatini Lalli, em sua obra "O Logos Eterno", página 38:

"No texto de Fil. 2:6-11, ocorrem duas palavras cujo sentido deve ser notado, porque revelam o propósito definido que Paulo tinha em mente: 'morphê' e 'schêma'. A palavra 'morphê' significa 'forma' e envolve também a idéia de 'substância. ou 'essência'. A palavra 'schêma', por outro lado, tem, entre outros, o sentido de 'forma', 'aparência', 'semelhança' e 'figura'. Sófocles, por exemplo, empregando a palavra 'schêma', escreveu: '**tyrannon schêma échein**' (tem ares ou aparência de rei). Isto significa que qualquer pessoa pode ter 'ares' ou 'aparência' de rei, sem ser, necessariamente, rei! A palavra 'morphê' portanto, em contraste com 'schêma', denota a forma que é a expressão externa de determinada substância e essa forma é concebida como intimamente relacionada com a natureza dessa substância. ... Ao dizer que Cristo Se aniquilou, Paulo não está dizendo que Ele renunciou a Sua natureza divina, mas que renunciou apenas a forma ou **o modo de Sua existência como Deus**. Como **Logos á Sarkós** (Verbo não encarnado), Cristo é Deus existindo na forma ou no modo de existência divina; como **Logos é Sarkós** (Verbo encarnado), Cristo é Deus existindo na forma, isto é, na essência ou substância da natureza humana".

Afirma ainda Taylor, na obra citada, p. 309, que a palavra **uparchôn**, forma gerundial do verbo "uparchô, sou, existo, indica uma condição essencial ou original que perdura, em contraste com o fugaz ou acidental". É correta a tradução de "subsistindo anteriormente", "existindo essencialmente" e conexas. Por que tal é o sentido implícito no grego.

Um helenista profundo, J. H. Thayer, insuspeito por ser unitariano, na seu famoso *Thayer's Greek English Lexicon of the New Testament*, edição 1889, explica a passagem de Fil. 2:6 da seguinte maneira:

"(Cristo Jesus) que embora (quando previamente era **Lógos asarkós**) teve a forma (em que apareceu aos habitantes do Céu) de Deus (o soberano, oposto **morphê dóulou**) todavia não julgou que essa igualdade com Deus devia ser zelosamente segura ou retida". - p. 418, coluna b.

Ora, isto é importante, principalmente porque os jeovistas citam a Thayer como autoridade (e de fato o é)! Pois bem, mirem-se nele na exposição desta passagem!

Arthur S. Way, hábil tradutor de clássicos gregos, em "The Epistles of St. Paul" (edição 1921), página 55, assim traduz o passo:

"Ele mesmo, quando subsistia na forma de Deus, não se agarrou egoisticamente à Sua prerrogativa de igualdade com Deus..."

E o erudito G. B. Phillips, em *Epistles to New Churches*, 1948, página 113, em tradução perifrástica, assim verte o texto:

"Porque Ele, que sempre fora Deus por natureza, não se ateu às Suas prerrogativas de igualdade com Deus, mas despiu-se de todo o privilégio, consentindo tornar-Se escravo por natureza e nascendo como homem mortal".

Diante dessa *nuvem de testemunhas*, as mais autorizadas, verdadeiras sumidades na língua original do Novo Testamento, em que fica o arremedo de tradução, o mistifório jeovista?

Respondam os sensatos.

DUAS SUBTILEZAS DESMASCARADAS

Prosseguindo o esquadramento das anomalias verificadas nas traduções editadas ou perfilhadas pelas denominadas "testemunhas de Jeová", vamos espatifar duas fraudes grosseiras que elas cometem em textos do NT.

A primeira versão dolosa apura-se em Tito 2:13 que na traduçãozinha de fancaria rotulada de "Novo Mundo, Edição Brasileira", assim consta:

"Ao passo que aguardamos a feliz esperança e a gloriosa manifestação do grande Deus e de nosso Salvador, Cristo Jesus".

Na tradução básica jeovista, em inglês, também está exatamente assim. Com um pouco de atenção, os leitores podem observar que o empenho dessa tradução errônea é forçar o texto a estabelecer duas "manifestações" distintas, separadas, estanques:

"do grande Deus", e

"de nosso Salvador, Cristo Jesus".

Por que cometeram este crime tradutório que desborda flagrantemente do sentido natural, lógico e gramatical do texto? Simplesmente, como não podia deixar de ser, para elidir dele a Divindade de Jesus, porquanto a tradução correta só aponta para *uma única* "manifestação": da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus. A referência é a uma única Pessoa, mas como isso não convém ao unitarismo enfermigo dos modernos russelitas, então, a golpes de martelo, inescrupulosamente, produziram essa grave falsificação no texto bíblico, forçando-o a dizer o que não diz.

Prova? Vamos, antes de mais nada, copiar o original, com tradição adesiva:

prosdechómenoi tén makarian **elpida** **kai epiphaneian thês**
 aguardando a bem-aventurada esperança e manifestação da
doxes tou megalou theou kai sotéros **hemon Christou Iesou.**
 glória do grande Deus e Salvador nosso Cristo Jesus.

Aí temos o sentido natural, não forjado nem desvirtuado: *Deus e Salvador*, única Entidade. Mas a "tradução" genial que os não menos geniais rutherfordistas apresentam, separando dolosamente "o grande Deus" do "nosso Salvador Cristo Jesus", além de fugir da exatidão do texto, entra em choque flagrante com reconhecida "regra de Sharp". Quantos estudam o grego sabem que esta regra gramatical estabelece: "quando a conjunção aditiva KAI (que corresponde ao "e", em português) liga dois nomes do mesmo caso, *se o artigo vem antes do primeiro nome e não é repetido antes do segundo nome*, este último SEMPRE SE REFERE À MESMA PESSOA descrita pelo primeiro nome".

Evidentemente, dentro deste cânone lingüístico do grego e para ser absolutamente correto, este versículo da carta de S. Paulo a Tito refere-se necessariamente a uma só Pessoa: "grande Deus e Salvador Jesus Cristo". É inadmissível, incabível e aberrante qualquer outra tradução!

O grande erudito helenista BRUCE M. METZGER, catedrático americano, em seu trabalho "Jehovah's Witnesses and Christ", página 86, considerando exaustivamente este caso, conclui documentalmente:

"E ainda em apoio da tradução 'Deus e Salvador Jesus Cristo' podemos citar eminentes gramáticos da grego do Novo Testamento, catre outros os seguintes:

1. P. V. Schmiedel, **Grammatik Des Neutestamentlichen Sprachidoms**, p. 158;
2. G. H. Moulton, **A Grammar of Greek New Testament**, vol. I p. 84;
3. A. T. Robertson, **A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research**, pp. 785 e 786;
4. Blass-Debrunner, **Grammatik Des Neutestamentlichen**, parágrafo 278, 3.

Estes eruditos estão de acordo em afirmar que em Tito 2:13 há referência a somente uma Pessoa e, portanto só pode ser traduzido 'nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo'."

Diante disto, o mistifório jeovista reduz-se a cinzas.

E para completar o desmascaramento desse desconchavo grosseiro e absurdo, invoquemos a tradução "Emphatic Diaglott" muitíssimo citado e propagado pelas próprias "testemunhas de Jeová", a qual assim verte Tito 2:13:

"Esperando a bendita esperança, mesmo o aparecimento da glória de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo".

E assim, com suas próprias armas se suicidam os semeadores de erros.

Mas, não param aí. O mesmo erro intencional, a mesma fraude grosseira, a mesma improbidade se repete na transposição de II S. Pedro 1:1, última parte, que assim consignam na sua "traduçãozinha" brasileira do NT:

"Pela justiça de nosso Deus e do Salvador Jesus Cristo".

E assim, de novo, ao arrepio da "regra de Sharp", os jeovistas inescrupulosamente fazem referir *duas* justiças: uma "de nosso Deus", e outra "do Salvador Jesus Cristo". Na grego, porém, está simplesmente:

dikaiousune tou Theou hemon kai Sotêros Iesou Christou.

justiça do Deus nosso e Salvador Jesus Cristo.

Tudo quanto dissemos em relação ao primeiro passo, lesado e desfigurado pelos neo-russelitas, é igualmente aplicável a este último texto, o qual, também, de modo inequívoco, proclama a Divindade ou Deidade de Jesus dizendo simplesmente:

"... de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo".

Uma única Pessoa no sentido gramatical. Um só Deus. Uma Entidade Divina. Referência a Cristo somente, como Deus, pessoa no sentido teológico, da Divindade.

Graças a Deus que é assim!

LIGEIRO ESTUDO DE PROVÉRBIOS 8:22-24

Em seu livro de Provérbios, capítulo 8, Salomão compõe interessante parábola, ou melhor, uma alegoria para descrever a excelência da sabedoria. Em linguagem figurada, descreve o *surgimento* da sabedoria, sua antigüidade inescrutável, sua participação na criação, seu valor inapreciável e seu regozijo com os homens. É o passo do Velho Testamento que as pseudo testemunhas de Jeová exploram abusivamente para tentarem demonstrar que Cristo fora criado.

A tradução feita por eles é esta ou semelhante a esta:

"Jeová me fez na começo do seu caminho, antes das suas obras da antigüidade". (verso 22).

E nisto querem seguir a Versão das LXX, ou Septuaginta, toda em grego, que consigna: "O Senhor me *criou*...", da qual os arianos tanto abusaram com o fim de defenderem seu estrambótico unitarismo. E desta forma forçam o verbo hebraico *qânâh* (que no texto aparece numa forma imperfeita e pronominal *qananî*) a ter o sentido de "criar" ou "fazer". Ora, isto é insustentável, e podemos afirmar, com absoluta segurança, serem errôneas neste ponto, tanto a versão Septuaginta como a dos jeovistas.

Os especialistas em línguas semitas, destacando-se o douto F. C. Barney, afirmam que o verbo hebraico *qânâh* tem o sentido de "gerar" (coisa bem diferente de "criar", como veremos adiante), "obter" e especialmente o sentido de "possuir"; nunca, porém, o de "fazer" ou "criar". Trata-se aí de um equívoco da versão dos Setenta, endossado pelos jeovistas.

Para maior compreensão, vamos recompor os três versículos em debate, grafando o original hebraico transliterado com a tradução colada, *ipsis verbis*:

YEHVEH QANANÎ RÊI'SHITH DARKÔ
 o Senhor (me) possuía (no) princípio (de) (seu) caminho
QÊDHÊN MIPHALAIV MÊ'AZ.
 (da) antigüidade (suas) obras desde.
MÊ'ÔLAM NISSAKTI MÊR'ISH
 Desde a eternidade fui *ungida* desde a origem
MIQQADMAI-REÇ
 antes do começo (da) Terra
Be'YN-TeHIMÔTH CHOLALTI.
 Quando (não havia) profundezas fui *gerada*.

Transpostos, logicamente, em bom português, teremos:

"O Senhor me **possuía** no início de Seu caminho, desde as suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui **ungida**, desde a origem, antes de existir a Terra. Fui gerada antes que houvesse abismos".

A chave do sentido encontra-se na exata tradução dos verbos. Analisemos os três casos que estamos considerando:

1.º No versículo 22 aparece o verbo *qânâh*, cuja tradução mais exata é *possuir*, no imperfeito. A propósito, "o Novo Comentário da Bíblia" de F. Davidson, comentando o versículo, afirma:

"**Possuiu**, tradução dada pelas versões em português, significaria que desde o princípio a sabedoria de Deus estava com Deus: Deus é chamado de o **Possuidor** (raiz *qânâh*) dos céus e da Terra, em Gênesis 14:19 e 22 . (...)

"A referência aqui não é que a Sabedoria foi o primeiro ser criado, pois a sabedoria de Deus certamente é inseparável dEle; pelo contrário, devemos entender por isso que a **Sabedoria estava com Ele desde toda a eternidade**".

2.º No versículo 23, aparece o verbo *nassak*, que alguns vertem por "estabelecer". Traduzimo-lo num particípio passado. Os melhores léxicos hebraicos lhe dão vários sentidos: (1) "derramar", (2) "fazer libações", (3) "instalar", (4) "tecer", (5) "ungir". A tradução Almeida

clássica. verteu-o por "ungir", que preferimos, embora o erudito B. Metzger admite que a raiz *sāka* significa "unir estreitamente", o que também aceitamos e valoriza a tese que defendemos. O comentário bíblico de Davidson, já citado, assim comenta o verso 23:

"Ungida pode referir-se à nomeação da Sabedoria, por Deus, para Sua tarefa. Essa palavra é usada no sentido de consagrar... **A sabedoria precedeu todos as seres criados** e até mesmo as profundezas primevas. Mas isso ainda não é tudo. A sabedoria não só esteve presente na criação, mas serviu de medianeira na mestra".

3.º No versículo 24 há o verbo *chul* a que os bons dicionários dão o sentido de "contorcer", "agitar", "tremor" e, em pouquíssimos casos, "gerar". Qualquer que seja o sentido de *chul* (*chôlalti* devido à desinência), é todavia incabível dar-lhe sentido de um nascimento físico, pelo fato de toda a passagem ser uma espécie de parábola. O sentido é metafórico, figurativo e isso é importante. Também estaria dentro da lógica do hebraico traduzir-se: "Antes de haver abismos, eu vibrei". Cremos honestamente que o que Salomão quis dizer, referindo-se à Sabedoria de Deus foi isto:

"Eu estava com Deus no princípio (e isto concorda plenamente com S. João 1:2: "Ele eslava no princípio com Deus") ou no princípio de Seus caminhos, ou de Seus planos na insondável economia divina. **Desde a eternidade fui unguida**, desde a princípio (...) Apareci antes de haver abismos".

Tudo, porém, indica incomensurabilidade de tempo, pois a linguagem metafórica do texto indica a eternidade da sabedoria, ou de Cristo: sempre presente em Deus, em qualquer tempo presente com Deus, desde a eternidade presente com Deus, fusionada com Deus.

Replicam as chamadas testemunhas de Jeová que as expressões "antes das obras antigas", "antes do começo da Terra" e semelhantes por si só indicam um tempo em que Cristo surgira e, portanto, fora criado. O argumento não colhe. No Salmo 90, por exemplo, Jeová também é referido desta forma:

"Senhor [no original: Jeová] (...) antes que os montes nascessem e se formassem a Terra e o mundo (...) tu és Deus".

E aqui os neo-russelitas não interpretam que Jeová haja sido criado em algum tempo antes da formação do mundo. Por que não o fazem?

Também em Dan. 7:9 e 13, Deus o Pai, como supremo Juiz, é descrito como o "Ancião de Deus"; contudo Ele é eterno. Ninguém admitiria que, pelo fato de ser metaforicamente descrito como uma Entidade "de dias", haja Ele tido um começo ou um nascimento. A Bíblia deve ser interpretada com bom senso e imparcialidade, distinguindo o figurativo do real. Para fugirem à evidência, os jeovistas não aceitam a interpretação correta do "Ancião de Dias".

O douto Bruce Metzger, referindo-se à pretensão dos jeovistas em relação a Prov. 8:22, aduz:

"É um caso flagrante de exegese estrábica abandonar a corrente representação neotestamentária de Jesus Cristo como Ser inciado, e lançar mão de uma interpretação contestada de um versículo do Velho Testamento como se ele fosse a única descrição satisfatória dEle. A metodologia própria é, sem dúvida, começar com o Novo Testamento, buscando neles vislumbres, tipos e profecias cumpridas em Jesus Cristo".
– *Jehovah Witnesses and Christ*, p. 87.

Aí está o caminho sensato e correto que os jeovistas deveriam seguir, para não inverterem a pirâmide.

Judiciosamente o *SDA Bible Commentary* faz a seguinte consideração sobre a passagem em lide:

"A passagem é alegórica, e deve-se exercer muito cuidado em não forçar uma alegoria além daquilo que o escritor do original tinha em mente. As interpretações extraídas dela têm que estar sempre em harmonia com a analogia das Escrituras. Alguns têm buscado aqui apoio para a idéia de que houve um tempo em que Cristo não existia, e que Ele fora criado, ou gerado pelo Pai como o princípio de Sua obra em estabelecer um Universo ordenado e habitado. **São incabíveis conclusões dogmáticas extraídas de passagens figurativas e parabólicas.** Os resultados desvirtuados desse procedimento podem ser vistos, por exemplo, na interpretação popular da parábola do rico e

Lázaro (S. Luc. 16:19-31). A comprovação de crenças doutrinárias sempre deve ser buscada nas declarações textuais, literais da Bíblia. E declarações explícitas sobre o assunto em causa acham-se em Miquéias 5:2; S. João 1:1; 8:54 e outros lugares. Conquanto haja, sem dúvida, uma referência a Cristo, Ele aí é apresentado na figura da sabedoria. Outro exemplo de aplicação figurada ver em Ezeq. 28 onde o 'rei de Tiro' é, em parte, apresentado como figura de Satanás".

O Sr. A. Neves de Mesquita, em seu livro "A Doutrina da Trindade no Velho Testamento", pp. 135 e 136, assim comenta a sentido da alegoria de Salomão, destacando cinco pontos:

"O ápice desta alegoria encontra-se no capítulo 8, versos 22-31. (1) No princípio de tudo, era a sabedoria; (2) ela estava no princípio com o Senhor, e 'foi ungida antes que a Terra tivesse seus fundamentos lançados; (3) foi gerada antes que a Terra existisse, 'e antes que os montes se elevassem' já existia; (4) quando a Senhor preparava o cosmos, lá estava ela, e antes dos fundamentos da Terra serem postos, lá a sabedoria se fazia ouvir; (5) ela era a alegria do Senhor, e, como se alegraram os anjos, pela fundação do Universo, assim se alegrava a sabedoria pelo surgimento das coisas".

Concluir que a alegoria de Provérbios 8 prove a criação ou o nascimento de Cristo é vesguice exegética, ou oposição enfermiza à Divindade do Filho de Deus!

À luz de tolas estas informações, não é difícil entender-se o sentido de Prov. 8:22-24.

Que Deus ilumine os sinceros!

CRISTO IDENTIFICADO COM JEOVÁ

JEOVÁ

CRISTO

A Crucificação

- | | |
|--|---|
| <p>1. É Jeová quem fala de Si mesmo: "Naquele dia, diz Jeová (...) olharão para Mim a quem traspassaram (...)" Zac. 12:4 e 10</p> | <p>1. Refere-se a Cristo: "(...) eles verão Aquele a quem traspassaram". S. João 19:37.</p> |
|--|---|

O Preparo do Caminho

- | | |
|---|--|
| <p>2. "Eis a voz do que clama: Preparai no deserto o Caminho de Jeová, endireitai no ermo uma estrada para o nosso Deus". Isa. 40:3.</p> | <p>2. "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor (no grego Kyrios, referindo-se a Cristo)". S. Mat. 3:3.</p> |
|---|--|

A Pedra de Tropeço

- | | |
|--|---|
| <p>3. "A Jeová dos Exércitos santificai (...) Ele vos será Pedra de tropeço e rocha de escândalo (...)" Isa. 8:13, 14.</p> | <p>3. "Chegando-vos a Ele [Cristo]. pedra viva (...) e como uma pedra de tropeço e rocha de escândalo". I S. Ped. 2:4, 8.</p> |
|--|---|

A Tardança

- | | |
|--|---|
| <p>4. "Jeová me respondeu: (...) Se tardar espera-O, porque certamente virá, não tardará". Hab. 2:2, 3.</p> | <p>4. "(...) dentro de pouco tempo, Aquele que vem, virá, e não tardará". Heb. 10:37.</p> |
|--|---|

Todo Joelho e Toda Língua

- | | |
|--|--|
| <p>5. "Por Mim mesmo [Jeová] tenho jurado (...) diante de Mim se dobrará todo o joelho, e por Mim jurará toda a língua". Isa. 45:23.</p> | <p>5. "Ao nome de JESUS se dobre todo joelho dos que estão nos Céus e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus</p> |
|--|--|

Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai". Filip. 2:10, 11.

O Esquadrinhador

6. "Eu, **Jeová**, esquadrinho o coração, provo os rins, para dar a cada um segundo as suas obras". Jer. 17:10.

6. "Isto diz o **Filho de Deus** (...) todas as igrejas conhecerão que **Eu sou** o que esquadrinha os corações e os rins, e darei a cada um segundo as suas obras". Apoc. 2:18, 23.

"Cativo o Cativo"

7. O Salmo 68 é, todo ele, uma exaltação a Jeová. "Subiste ao alto, levaste cativos os prisioneiros; recebestes dons aos homens". Sal. 68:18.

7. "(...) o dom de Cristo. Por isso diz: Quando Ele subiu ao alto, levou cativo o cativo, deu dons aos homens." Efés. 4:8.
(ver também os versos 9 e 10)

O Primeiro e o Último

8. "Assim diz **Jeová** (...) Eu sou o **primeiro** e Eu sou o **último**". Isa. 41:6 (versão Brasileira).

8. Refere-se a Cristo: "Não temas: Eu sou o **primeiro** e o **último**". Apoc. 1:17.
"Isto diz o **primeiro** e o **último**". Apoc. 2:8.
"Eu sou o Alfa e o Ômega, o **primeiro** e o **último**". Apoc. 22:13.

O Alfa e o Ômega

9. "Eu sou o Alfa e o Ômega, diz **Jeová** Deus, Aquele que é,

9. Refere-se a Jesus: "Eis que venho depressa,

e que era, e que vem, o Todo-poderoso". Apoc. 1:8. "Aquele que está sentado no trono disse (...) Eu sou o Alfa e o Ômega (...)" Apoc. 21:5, 6.

e a recompensa que dou está comigo (...) Eu sou o Alfa e o Ômega (...)" Apoc. 22:12, 13.

O "EU SOU"

10. "Disse Deus s Moisés: EU SOU O QUE SOU; e acrescentou: Assim dirão aos filhos de Israel: EU SOU enviou-me a vós". Êxo. 3:14.

10. "Respondeu-lhes Jesus: Em verdade Eu vos digo: Antes que Abraão existisse EU SOU". S. João 8:58 (também v. 54).

Os Céus – Obra de Deus

11. (Quando se ajuntarem os povos para servirem a) Jeová ... "Desde o princípio lançaste (Jeová) os fundamentos da terra; e os céus são obra das Tuas mãos (...) Tu és o mesmo, e os Teus anos nunca terão fim" Sal. 102:22, 25-28.

11. "[acerca do **Filho**, porém, diz: E Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra; e os céus são obra das Tuas mãos (...) Tu és o mesmo, e os Teus anos não terão fim." Heb. 1:8, 10-12.

Rei dos Reis, Senhor dos Senhores

12. Refere-se ao Pai: "(...) a qual [manifestação de Cristo] em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis, o senhor dos senhores". I Tim. 6:15 (ver v. 16).

12. Refere-se a Cristo: "O Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e Rei dos reis". Apoc. 17:14. "[Cristo] tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores" Apoc. 19:16.

Invocar o Nome

13. "Todo aquele que invocar o nome de **Jeová** será salvo". Joel 2:32.

13. Ler o contexto: Rom. 10:1-13, e ver que se refere a Cristo: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo". Rom. 10:13.

Provocar a Ira

14. "**Jeová** disse (...) portanto Eu os provocarei a zelos com aquele que não é povo; com louca nação os despertarei à ira". Deut. 32:19, 20 e 22.

14. "(...) o Evangelho (...) a pregação pela Palavra de Cristo (...) Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata Eu provoquei à ira". Rom. 10:16, 17 e 10.

A Mente Divina

15. "Quem conheceu a mente de **Jeová**? ou O possa instruir como seu conselheiro?" Isa. 40:13.

15. "Pois quem conheceu a mente do Senhor, que O possa instruir? Nós, no entanto, temos a mente de Cristo." I Cor. 2 :16.

Provar a Bondade

16. "Provai e vede que Jeová é bondoso". Sal. 34:8.

16. "(...) se é que já provastes que o Senhor é bondoso (...) chegando-vos para Ele [Cristo], a Pedra viva". I S. Ped. 2:3-4.

Palavras Eternas

17. As Palavras de Jeová são eternas eternas: "Seca-se a erva, e cai a flor, mas **a palavra do nosso Deus** permanece eternamente". Isa. 40:8.

17. As Palavras de Jesus são eternas: "Passará o céu e a terra, porém as **Minhas palavras** não passarão." S. Mat. 24:35.

Autoridade de Falar

18. "Assim DIZ **Jeová** (...)"
Isa. 45:18, (mais de 100 vezes).

18. "Eu, porém, vos DIGO (...)"
S. Mat. 5:21 (Ver vv. 28,34,39,44)

Poder de Perdoar Pecados

19. "(...) diz **Jeová**: Pois perdoarei a sua iniquidade, e não Me lembrarei mais de seus pecados". Jer. 31:34.
"É Ele [Jeová] quem perdoa as tuas iniquidades". Sal. 103:3.

19. "Quem pode perdoar pecados senão Deus? (...) o Filho do homem tem sobre a Terra autoridade para perdoar pecados." S. Lucas 6:21, 24.

Redentor

20. "**Jeová** (...) Redentor meu". Sal.19:14.
"Quanto ao nosso Redentor, Jeová dos Exércitos é o seu nome". Isa. 47:4.

20. "O Filho (...) no qual temos a redenção". Col. 1:14.
"(...) a redenção em Cristo Jesus". Rom. 3 :24.

Esposo, Noivo

21. "Como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus". Isa. 62:5.
"Naquele dia, diz **Jeová**, me chamareis Esposo (...) Oséias 2:16.

21. Jesus se compara a um noivo (ou esposo) em S. Mar. 2:19 e 20.
Na Parábola das Dez virgens, Cristo também o é "Eis o novo!" Mat. 25:6.

O Pastor

22. "**Jeová** é o meu Pastor". Sal. 23:1.
"Eu mesmo apascentarei as Minhas ovelhas, diz o Senhor Jeová". Ezeq. 34:15.

22. "Eu [Jesus] sou o bom Pastor". S. João 10:14.
"Logo que o supremo Pastor se manifestar receberéis a imarcescível coroa de glória". I S. Ped. 5:4.
"Agora, porém vos convertestes ao

"**Onde** estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio deles". Mat. 18:20.

Criador

33. "Jeová que criou os céus (...) e fundou a Terra (...)" Isa. 42:5. 33. "Sem Ele [Cristo] NADA do que foi feito se fez". S. João 1:3.

Onisciente

34. "Os olhos de Jeová estão em todo o lugar, vigiando aos maus e aos bons". Prov. 15:3. Ler o Salmo 139, sobre Jeová. "Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos dAquele com Quem temos de tratar". Heb. 4:13. 34. "(Jesus) sabia o que era a natureza humana". S. João 2:45. "Jesus conhecendo-lhes os pensamentos (...)" S. Mat. 3:4. "Ele sabia quem era a traidor". S. João 13:11. "(...) cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido". S. João 4:18.

O Santo

35. "Eu Jeová (...) sou Santo". Lev.19:2. Também Isa. 6:3. Deus" 35. "Tu [Cristo] és o Santo de VB, S. João 6.69. Negastes o Santo". Atos 3:14. "Possuís a unção que vem do Santo". I S.. João 2:20.

Este cotejo poderia alongar-se, porém, nosso objetivo é demonstrar que as Escrituras, sem sombra de dúvida, identificam a Cristo como Jeová, e isto prova a Deidade de Cristo.

E O "ANJO DE JEOVÁ"?

Outra importante informação escriturística acerca da Deidade de Cristo e Sua identificação como Jeová nos é dada no fato de encontrarmos uma distinção entre Jeová e o Anjo de Jeová, *Que se apresenta como Um em essência*, PORÉM DISTINTO DELE. São manifestações teofânicas, nas quais Deus assume forma de um anjo ou de um homem, com títulos divinos, aceitando adoração. Ora é "anjo", ora "Anjo de Jeová", ou "varão", "Anjo da Presença", "servo", mas que Se confunde com o próprio Deus. Não vamos citar todas as ocorrências bíblicas, porque são muitas, mas apenas algumas delas para ilustrar a tese:

a) A aparição a Agar

Gên. 16:7, 9, 10, 11 e 13: "O ANJO DE JEOVÁ achou-se junto a uma fonte. (...) Disse-lhe o ANJO DE JEOVÁ: Volta para a tua senhora. (...) Disse-lhe mais o ANJO DE JEOVÁ: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência. (...) Disse-lhe ainda mais o ANJO DE JEOVÁ: Eis que concebeste e darás à luz um filho (...) porque JEOVÁ ouviu a tua aflição. Então [ela] chamou a JEOVÁ QUE LHE FALAVA: **Tu és Deus** [Elohim] que vê".

Vemos que "Anjo de Jeová" é mencionada 4 vezes; no verso 11 chama-se "Jeová", e no verso 13 é "Jeová que lhe falava", e finalmente a mesma entidade é DEUS. Não se tratava de um anjo qualquer, pois a linguagem e os atributos não são de um mero anjo.

b) **Gên. 22:11 e 12:** "(...) bradou-lhe da céu o ANJO DE JEOVÁ: Abraão! Abraão!" A seguir o ANJO Se chama a Si mesmo Deus, ao dizer: "Agora sei que temes a DEUS e não ME negaste o teu filho.

c) **Gên. 48:15 e 16:** "(Jacó) abençoou a José, dizendo: o DEUS diante de quem andaram meus pais Abraão e Isaque (...) o ANJO que me tem livrado do mal ABENÇOE estes mancebos".

Nota: O "Deus de Abraão, Isaque e Jacó" é JEOVA. Prova: Êxo. 3:15.

d) **Êxo. 3:2, 4, 6, 14**: "Apareceu-lhe o ANJO DE JEOVÁ numa chama de fogo, no meio de uma sarça. (...) Vendo JEOVÁ que ele [Moisés] se voltou (...) Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. (...) Assim dirás aos filhos de Israel: "o EU SOU enviou-Me a vós". E em todo a capítulo 4, chama-se JEOVÁ o anjo.

e) **Juízes 6:12, 14, 16, 21, 22 e 23**: "Então lhe apareceu o ANJO DE JEOVÁ e lhe disse. (..) Virou-se para ele JEOVÁ e disse (...) Tornou-lhe JEOVÁ: 'Certamente serei contigo'. (...) (...) e o ANJO DE JEOVÁ desapareceu-lhe dos olhos. (...) vi a ANJO DE JEOVÁ face a face. (...) Disse-lhe JEOVÁ (...) Não morrerás".

f) Em **Atos 7:38**, o ANJO foi quem, no monte Sinai, deu a Moisés Os oráculos divinos contidos na Lei.

Diz L. Boettner:

"À luz do Novo Testamento, este Anjo de Jeová que apareceu nos tempos do Velho Testamento, **que falou como Jeová**, exercia o Seu poder, recebia adoração e tinha autoridade para perdoar pecados não podia ser senão o Senhor Jesus Cristo, que:

1. Veio do Pai. S. João 16:18.
2. Fala por Ele. S. João 3:34; 14:24.
3. Exerce o Seu poder. s. Mat. 28:18.
4. Perdoa pecados. S. Mat. 9:2.
5. Recebe adoração. S. Mat. 14:33; S. João 9:38.

E ainda mais essas razões:

- a) Deus, o Pai, não foi vista por alguém. S. João 1:18.
- b) Deus não podia ser enviado por nenhum outro, mas Deus o **Filho** foi visto. I s. João 1:1 e 2.
- c) o Filho foi enviado. S. João 5:36.

Se o Anjo não fosse Cristo, então a pergunta: "quem será este Personagem misterioso, 'o Anjo', não teria resposta".

Este Anjo de Jeová não era outro senão o Filho de Deus, único Mediador entre Deus e os homens!

PROVAS SUPLEMENTARES DA DEIDADE DE CRISTO

Diz a Bíblia: "Jeová é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura, e faz subir". I Sam. 2:6. Portanto, o poder de dar e tirar a vida é privativo de Jeová. A mesma Bíblia, porém, diz com relação a Cristo: "Pois assim como o Pai ressuscita e vivifica os mortos, *assim também o Filho vivifica aqueles a quem quer*". S. João 5:11. Dirão que o Pai Lhe outorgou tal poder. Isto é ver por ângulo errado a funcionalidade da Pessoa do Filho, e Sua subordinação. Ele *saiu*, foi *enviado* para exercer a função temporária na Terra, mas sem perder os requisitos inerentes à Divindade. Diz ainda o Livro: "(...) O último Adão [Cristo], porém, é o espírito QUE VIVIFICA". I Cor. 15:45.

Isto corrobora a Deidade do Filho de Deus.

Propriedades Comuns

Comparemos, com isenção de ânimo, as afirmações que seguem, perfeitamente documentadas com texto8 bíblicos:

1. Honrar ao Filho é honrar ao Pai. S. João 5:23.
2. Ver a Cristo é ver a Deus. S. João 14:7-9.
3. Conhecer a Cristo é conhecer ao Pai. S. João 14:7.
4. Crer em Cristo é crer em Deus. S. João 12 :44.
5. Cristo faz as mesmas coisas que o Pai. S. João 5:19.
6. Cristo ressuscita os mortos como o faz o Pai. S. João 5:21.
7. Cristo tem vida em si mesmo como a tem o Pai. S. João 5:26.
8. "Tudo quanto o Pai tem, é Meu". S. João 16:15.
9. "Eu e o Pai somos um". S. João 10:30.

Isto nos leva fatalmente à conclusão da Deidade de Cristo. Especialmente as duas últimas declarações somadas significam que se Cristo possui TUDO QUANTO o Pai possui, por que não pode Ele

possuir os títulos do Pai, e por eles partilhar também de Sua intrínseca Divindade?

Os Caminhos de Jeová

Revelam-nos as Escrituras que João Batista preparou o terreno para o ministério de Cristo. Foi adiante dEle, e preparou-Lhe o caminho. Pois bem, Zacarias, pai de João Batista, em seu cântico *refere-se a Jesus como Jeová*. Assim reza textualmente a tradução Novo Mundo das Escrituras Gregas Cristãs, edição brasileira, em S. Lucas 1:76:

"Mas quanto a ti, menino [refere-se a João Batista] serás chamado profeta do Altíssimo, pois irás de antemão na frente de Jeová para aprontar os Seus caminhos".

Se os caminhos de Jesus e de Jeová são OS MESMOS, segue-se que Jesus e Jeová SÃO O MESMO. Disse-me um jeovista que o sentido aí é de que Jesus era mero "procurador" de Jeová. *Se non é vero é bene trovato* ... As conclusões disparatadas são a tônica dos negadores das verdades cristalinas da Palavra de Deus!

Pai e Filho Não Podem Dissociar-Se

Com espírito desarmaria de preconceitos, pensemos no seguinte: Na sua primeira carta aos coríntios, Paulo não cessa de revelar vislumbres notáveis da misteriosa, mas real relação existente entre o eterno Deus e Seu idêntico Filho. Logo no primeiro capítulo Paulo declara que Cristo é "PODER de Deus e SABEDORIA de Deus". Por outro lado, João escreveu que Cristo "é o VERDADEIRO DEUS e a vida eterna". Estas declarações, unidas, transfundem Cristo em Deus.

Ora, se, como pretendem os jeovistas, o "poder" e a "sabedoria de Deus" (Cristo) não existiram sempre mas em algum tempo tiveram um começo, então AO PAI FALTOU EM ALGUM TEMPO plenitude, perfeição, integralidade, pois se o Filho, o Verbo, não fosse eterno,

logicamente nem o Pai possui eterna sabedoria e eterno poder, *visto que Cristo é a plenitude de ambos esses predicados*. Veja-se como isto se torna um argumento inexpugnável, cotejando-se especialmente estes versículos:

"Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus". I Cor. 1:24, ú.p.

"Ele é o verdadeiro Deus e a vida eterna". I S. João 5:20.

"Ele é a resplendor da Sua glória [de Deus], e a EXPRESSÃO EXATA DO SEU SER [de Deus], sustentando todas as coisas pela palavra do Seu [de Cristo] poder". Heb. 1:3.

"Porquanto nEle habita corporalmente TODA A PLENITUDE da Divindade". Col. 2:9.

A conclusão é fatal: Um não pode dissociar-Se do Outro, pois o esvaziamento de um seria o esvaziamento do outro.

A Mesma Glória

Lemos em Isaías 42:8: "Eu sou Jeová, este é o meu nome; *a Minha glória não darei a outrem (...)*". Esta última declaração é reiterada em Isa. 48:11. Mas em S. João 17:5 nos é revelado o seguinte: "E agora glorifica-Me Tu, ó Pai, junto de Ti mesmo, COM AQUELA GLÓRIA QUE TINHA CONTIGO ANTES QUE O MUNDO EXISTISSE".

Ressalta do primeiro texto que a glória divina é inerente e intransferível, de Sua própria substância. Não pode ser dada a outro. Não pode ser partilhada com outro. Contudo, na oração de Cristo, Ele proclama que será glorificado COM A GLÓRIA DO PAI, glória que não Lhe era nova, inédita, pois diz que já a possuía, *com* (grego *para*) o Pai, vislumbres dessa glória foram vistos em algumas ocasiões: na transfiguração (S. Mat. 17:2), ao dizer "Ego eimi" (Eu sou, ou sou Eu).

Em S. João 18:6 o que fez tombar seus capturadores, e a própria ressurreição gloriosa de Cristo foi prova de Sua glória divina.

Um jeovista "erudito" quis contornar o assunto dizendo que a palavra grega *para*, em S. João 17:5, quer dizer **através de**. Isso não tem cabimento. **Através de** em grego, seria *dia*. A palavra **para** no texto em

lide está no caso dativo e jamais se pode traduzir por "através". O próprio Thayer a traduz "com", "juntamente com". Seria então: "a glória que tive juntamente contigo (...)".

Isto reforça a verdade da Divindade de Jesus.

A Idolatria de Estêvão

Estêvão, o protomártir do cristianismo, ao ser apedrejado "invocava e dizia: *Senhor Jesus recebe o meu espírito*". Atos 7:59. Ora, é inadmissível e sobretudo pecaminoso orar a quem quer que seja senão só a Deus. Portanto, se a opinião das "testemunhas de Jeová" fosse correta, isto é, que Jesus é um espírito criado, então *Estêvão foi um idólatra quando orou a quem não era realmente Deus*, a alguém que era criatura. Daqui não há fugir. Então, amigos, Cristo é Deus, da mesma essência que o Pai.

Ainda a Glória de Cristo

A visão do profeta Isaías relatada no capítulo 6, foi de *Jeová*, no templo, na Sua glória, com o séquito de serafins. Uma cena inenarrável. Em S. João 12:41, as Escrituras nos revelam que Isaías VIU A GLÓRIA DE CRISTO, e falou dEle. A glória única presenciada por Isaías foi a relatada no capítulo 6 de seu livro: a glória de Jeová. A conclusão, portanto, é a de que Jeová é o mesmo Jesus, e a glória de ambos é *uma só glória*.

Louvor e Domínio Para Sempre

No livro do Apocalipse, principalmente 1:6 e 5:13 se associam a Pai e o Filho na fruição dos louvores, da glória, do domínio pelos séculos dos séculos, e da adoração, *em absoluta igualdade de condição*. Isto é impressionante. No entanto, o clímax dessa associação ocorre na última

visão joanina em que Deus e o Cordeiro Se acham *num ÚNICO trono*. Isto indica unidade essencial.

Meditemos Nisto

Não foi senão DEPOIS que o Evangelho fora pregado quase 300 anos, *nos exatos termos do Novo Testamento*, que "alguém" se propôs a atacar a crença dos cristãos na Deidade de Cristo. Quem o fez foi Ário. E a maneira insólita de seus ataques demonstrou que até aquela época os cristãos criam na Divindade de Jesus, sem nenhuma sombra de dúvida. Era assunto líquido e certo. Mas os argumentos arianos, da forma como foram elaborados, *eram uma objeção à crença prevalecente*, E NÃO A CORREÇÃO DE UMA HERESIA. Diante deste fato, então o unitarismo é que é heresia. E de fato o é. Heresia que distancia a homem da graça divina e o faz perder a salvação em Cristo Jesus.

A DEIDADE DO ESPÍRITO SANTO

Ensinam os jeovistas que o Espírito Santo é uma influência, a "força ativa de Deus", e nada mais. Não admitem Sua Personalidade e, conseqüentemente, Sua Divindade. As Escrituras, contudo, ensinam e revelam coisa bem diversa: que o Espírito Santo é uma Pessoa e é divino. Preferimos ficar com as Escrituras. Revelam elas que o Espírito de Deus tem as seguintes características e qualidades:

1. É volitivo, tem querer e determinação. Rom. 8:27.
2. É agente (parakletos), isto é, consolador, advogado, instrutor, guia, amparador, representante, patrão. S. João 14:16, 26; 15:26; 16:7; I S. João 2:1.
3. É tratado por pronome pessoal **Ele**. S. João 16:14; Efés. 1:14.
4. Seu nome se cita entre **outras pessoas**. Ex. Atos 11:28: "Pois pareceu bem **ao Espírito Santo e a nós**". Ler também S. Mat. 28:19, e II Cor. 13:13.
5. É um **outro** Consolador, isto é, além de Cristo que também o é em S. João 14:16. E Cristo é Pessoa. O Espírito também o é.
6. Tem conhecimento, e sabe as coisas divinas. I Cor. 2:11.
7. Ensina. S. Luc. 12:12; S. João 14:26.
8. Convence. S. João 16:8; Gên. 6:3.
9. Perscruta. I Cor. 2:10, 11.
10. Impede, põe obstáculo. Atos 16:6, 7.
11. Concede, permite. Atos 2:4.
12. Administra, distribui. I Cor. 12:11.
13. Fala. Atos 10:19; 13:2; S. João 16:13; S. Mat. 10:18-30.
14. Toma decisões. I Cor. 12:11.
15. Guia. S. João 16:13; Gál. 5:18.
16. Anuncia. S. João 16:14, 15.
17. É entristecido. Efés. 4:30.
18. Intercede. Rom. 8:26.

19. Chama. Apoc. 22:17.
20. É resistido. Atos 7:51.
21. Procura. I Cor. 2:10.
22. Agrada-Se. Atos 15:28.
23. Comissiona. Atos 13:2; 30:28.
24. É tentado pelo homem. Atos 5:9.
25. Pode ser difamado e blasfemado. S. Mat. 12:31 e 32.

Ainda outras especificações de personalidade poderiam ser acrescentadas, mas as mencionadas são suficientes para provar, de modo irreversível, a Personalidade do Espírito Santo.

Quanto à Sua Deidade, transcrevemos nove itens do excelente tratado do Prof. Elemer Hasse, "Luz Sobre o Fenômeno Pentecostal", pp. 10 e 11:

- 1) Ele é eterno como Deus – Heb. 9:14.
- 2) Ele é onipresente como Deus – Sal. 139:7-10.
- 3) Ele é onisciente como Deus – I Cor. 2:10, 11.
- 4) Ele é onipotente como Deus – Sal. 139.
- 5) Ele é Criador como Deus – Jó 33:4; Sal. 104:30.
- 6) Ele é Senhor como Deus – I Cor. 3:17, 18.
- 7) Ele é Recriador como Deus – S. João 3:6; 1 S. João 5:4.
- 8) Ele é Jeová como Deus – Compare Sal. 69 com Atos 1:16; Compare Isa. 6:3-10 com Atos 28:25-37; Jer. 31:33, 34 com Heb. 10:15, 16; S. Luc. 1:67 com Atos 3:18-21; Atos 5:3, 4.
- 9) Ele é igual a Deus – I Cor. 2:10 ('O Espírito penetra até as profundezas de Deus'. Ora, nada inferior ao próprio Deus, poderia perscrutá-Lo)".

Apesar de toda esta esmagadora evidência bíblica, teimam as "testemunhas" em dizer que o Espírito é mera força ativa, uma influência emanada.

Cristo prometeu *outro* Consolador. Mas era necessário que esperasse o retorno de Cristo ao seio do Pai, para vir. Se fosse força ativa, não precisaria esperar nada, pois estaria em toda a parte e necessariamente na Terra. A própria designação "força ativa" conspira contra a tese jeovista. Acham os leitores que teria sentido dizer-se: "Aquele que blasfemar contra a força ativa de Deus não terá perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno"? S. Mar. 3:29.

Segundo a esdrúxula dogmática jeovista, empregando-se a nomenclatura arrevesada da seita, assim registraríamos S. Mat. 28:19: "batizando-os em nome de Jeová, de um deus, e da força ativa de Deus".

Teriam nexos textos assim vertidos:

"(...) pareceu bem à força ativa (...)". Atos 15:28.

"Isto diz a força ativa (..)". Atos 21:11.

"Não entristeçais a força ativa (...)". Efés. 4:30.

"Mentistes à força ativa (...)". Atos 5:3.

"Disse a força ativa: Apartai-me a Barnabé". Atos 13:2?

Não, tudo isto é absurdo e incabível. O Espírito Santo é Deus, a Terceira Pessoa da Trindade!

QUADRO SUCINTO DA TRINDADE


Para se ter, num relance, uma idéia dos atributos das três Pessoas da Trindade, elaboramos o seguinte quadro:


	PAI	FILHO	E. SANTO
1. É Deus	Isa. 40:28; Êxo. 20:2 e outros.	Rom. 9:5; S. João 1:1;	Atos 5:3 e 4 ú.p.;
2. É eterno	Gên. 21:23; Sal. 90:2.	Miq. 5:2; Isa.9:6.	Heb. 9:14.
3. É Criador	Isa. 42:5; Atos 17:24.	João 1:3; Heb. 1:10.	Gên. 1:2; Sal. 104:30; Jó 33:4.
4. É onisciente	Prov. 15:3; Sal. 33:13.	S. Mat. 9:4; S. João 2:25.	I Cor. 2:10, 11; Isa. 40:13, 14;
5. É onipotente	Gên. 28:3; Apoc. 1:8.	S. Mat. 28:18.	Salmo 139.
6. É onipresente	Sal. 139:1, 8.	S. Mat. 18:20; S. Mat. 28:20.	Sal. 139:7-10.
7. É Senhor	Sal. 86:12; Ezeq. 13:20.27.	S. Mat. 14:22; S. Mar. 16:29.	II Cor. 3:17, 18.
8. É Recriador	Isa. 65:17.	II Cor. 5:17.	S. João 3:6.
9. Tem mente	Rom. 11:34.	I Cor. 2:16.	Rom. 8:27.
10. É Jeová	Isa. 40:28, etc.	Ver "Cristo identificado com Jeová" [pp. 66-73]	Atos 28:25 com Isa. 6:3, 9,10.
11. É santo	Isa. 6:3; 5:16; Apoc. 4:8.	Atos 3:14; S. Luc. 1:35.	II Cor. 13:13, e inúmeros.
12. É a Verdade	Jer. 10:10; Zac. 8:8.	S. João 14:6.	I S. João 5:6 ú.p.;
13. Revela	Dan. 2:28.	S. Mat. 11:27; S. João 1:28.	S. João 16:13. I Cor. 2:10; Efés. 3:5.
14. É Presciente	Isa. 46:10.	S. Mat. 24:5-41; S. Luc. 22:31.	Atos 1:16; Heb. 9:8; II S. Ped. 1:21.

Por certo que há outras identidades nas Pessoas divinas. Mas o que apresentamos é o suficiente para provar a harmonia e a unidade de atributos. Sim, a Trindade é a maravilhosa revelação das Escrituras!

O QUE SE DEVE SABER SOBRE "JEOVÁ"

Por amor dos leitores menos cultos, alinhamos aqui alguns esclarecimentos liminares, úteis para a avaliação do que pretendem os jeovistas.

O hebraico escrevia-se somente com consoantes nuas. Não havia vogais. Os sons das palavras transmitiam-se oralmente pelos rabis, e isso nos tempos bíblicos. Depois o hebraico entrou em declínio. Por muitos anos, devido a fatores históricos inelutáveis. *Somente no século VI* é que começaram a surgir os eruditos chamados "massoretas" (do hebraico , que quer dizer "tradição"), os quais instituíram um sistema de pontinhos e sinais representando as vogais, ou melhor, os sons vocálicos abertos e fechados, e por isso são chamados "sinais massoréticos". Eram colocadas embaixo, em cima e até dentro das consoantes. Convém frisar que essas anotações *não fazem parte do texto sagrado original*. Não, pois o texto é puramente consonantal.

Por essa razão, a palavra que hoje se conhece como *Jeová* constava unicamente de quatro letras, isto é, quatro consoantes hebraicas: o *iod*, o *hê*, o *vau*, e de novo o *hê*. Transliteradas, teríamos YHVH (ou JHVH). Costuma-se chamá-las de tetragrama (do grego , que quer dizer exatamente "quatro letras". *É descabido afirmar que a pronúncia do texto massorético de hoje seja exatamente a mesma dos tempos bíblicos*. Por vários motivos, avultando, como já se disse, o acentuado declínio da língua conseqüente às dispersões, redundando em longo período de quase desuso idiomático, além do afrouxamento da tradição entre os israelitas e as naturais transformações que o tempo opera na linguagem.

A confessa razão de ser da seita jeovista é essa: reabilitar o nome sagrado *Jeová*, que ela proclama ser exclusivo e específico da Divindade, nome que teria sido desprezado e alterado pelos "religionistas". À vista disso, é de bom alvitre conhecer-se os fatos que giram em torno do nome divino, e para aboná-los citaremos outra nuvem de abalizadas testemunhas.

Há, no hebraico, a palavra *querî* que significa *o que se deve ler*, e dela os massoretas se serviram, escrevendo-a na margem para indicarem correções no texto manuscrito da Bíblia.

A propósito, diz o douto Prof. Guilherme Kerr, de saudosa memória, na sua *Gramática Elementar da Língua Hebraica*, pp. 90 e 91:

"Quando o escriba encontrava uma palavra errada, marcava-o com um asterisco, colocava **sob ela as vogais da palavra certa**, e à margem escrevia **querî** (o que se deve ler) – e então as consoantes da Palavra certa...

O **querî** mais comum é o do tetragrama da nome de Deus do Pacto com Israel (JHVH) que era considerado inefável pelo escrúpulo supersticioso dos hebreus em pronunciá-la. Para evitar que alguém O profanasse pronunciando-O, colocavam sob ele as vogais a, ô, â, da palavra '**Adonay**' (Senhor). Isso se tornou tão comum que não era preciso mais colocar à margem as consoantes da leitura desejada. O tetragrama com essas vogais... obrigava o leitor a dizer logo: **Adonay**".

E a seguir, uma revelação surpreendente:

"**Jeová** não é o nome da Deus de Israel, mas **resultou de um erro de leitura do tetragrama** inefável com as vagais de Adonay, QUANDO SE RECOMEÇOU O ESTUDO DO HEBRAICO NA RENASCENÇA E NA REFORMA".

Antes dessa época, os massoretas soíam colocar os sinais vocálicos sob o tetragrama JHVH, *embora não se conhecesse a pronúncia do mesmo*. Na Renascença, contudo, reavivando-se o estudo da língua hebraica, é que se cristalizou a forma Jeová. E assim conclui o autorizado G. Kerr:

"Não se sabe mais quais eram os verdadeiros sons que davam a esse nome, supondo-se, pela etimologia, que a forma original deveria ser JAVÉ, 3.^a pessoa do incompleto da verbo שר (ser)".

Transcrevemos, a seguir, outro depoimento valioso, dos doutos Martin & Klann, como consta da obra *Jehovah of the Watchtower*, p. 146:

"Nenhum sensato estudioso da Bíblia, par certo, irá objetar contra o emprego do termo Jeová no Livro Santo. Em vista, porém, de no original somente constarem as consoantes hebraicas JHVH, sem vogais, sua pronúncia é indeterminada, dela não se tendo certeza, e fixá-la dogmaticamente como sendo Jeová é ir além dos limites da verdade lingüística. Quando as pretensas 'testemunha de Jeová' alardeiam com arrogância terem 'restaurado' o nome divino (Jeová), tornam-se ridículos. Todo o estudante do hebraico sabe que, entre as consoantes J-H-V-H **se pode inserir qualquer vogal**. Assim, teoricamente o nome divino poderia ser JeHevaH como JiHiviH sem que houvesse a menor lesão à gramática da língua. Temos aqui, pois, outra pretensão oca dos pseudo-eruditos da Torre de Vigia".

Para reforçar este fato, citemos o douto John D. Davis, clássico dicionarista bíblico, que entre outras coisas afirma o seguinte:

"JEOVÁ – Pronúncia **comum** do tetragrama hebraico YHVH, um dos nomes de Deus, Êxo. 17:15. O nome original era ocasionalmente empregado pelos escritores mais distanciados da época mosaica, como Neemias. (...) Era costume entre os hebreus, quando O liam, pronunciar a palavra **Adonay**, Senhor, em lugar de Jeová. (...) A partir do tempo em que os sinais massoréticos vieram juntar-se às consoantes do texto hebraico, as vogais da palavra **Adonay** foram ajuntadas ao tetragrama YHVH. A PONTUAÇÃO DAS VOGAIS DEU LUGAR À PRONÚNCIA JEOVÁ, que se tornou corrente desde os dias de Petrus Galatinus, confessor de Leão X, no ano 1518. (...) Crê-se geralmente que a tetragrama YHVH era pronunciada IAVÉ (...)"

Temos aqui uma informação mais precisa da época em que surgiu a pronúncia Jeová: no início da Reforma do século XVI. É um fato histórico que ninguém pode contestar.

Consultemos, ainda, o *SDA Bible Commentary*, reproduzindo valiosos trechos sobre o assunto:

"Tem havido grandes divergências entre os eruditos a respeito da origem, pronúncia e significado da palavra JHVH. Provavelmente JHVH é

uma forma do verbo hebraico 'ser', e neste caso significa 'O Eterno', ou 'O Existente por Si'". – Vol. I, p. 172.

"Não se deve, contudo, passar por alto o fato de que a pronúncia conhecida através do texto corrente da Bíblia Hebraica **é a que nos legaram os massoretas do século VII da era cristã**, a qual, como sabemos agora, difere, em certos aspectos, daquela do período do Velho Testamento". – Vol. I, P. 34.

"Os judeus consideravam o título JHVH tão sagrado que não o pronunciavam mesmo quando liam as Escrituras (...) Ao invés disso, liam '**Adonai**. (...) Consequentemente **a verdadeira pronúncia de JHVH, que hoje se ensina como sendo Jeová, se perdeu**". – Vol. I, V. 172.

"Os judeus piedosos (.) não o pronunciavam [o tetragrama]. Ao invés, quando deparavam com a palavra JHVH, diziam '**Adonai**, Senhor. (...) Todos os leitores judeus, mesmo os principiantes, ao depararem com esta palavra deviam ler '**Adonai**, embora só topasse com as vogais da palavra '**Adonai** acrescentadas às consoantes JHVH. Em vista **deste princípio não ter sido entendido pelos cristãos quando aprenderam a usar a Bíblia Hebraica nos primitivos dias da Reforma, o Divino Nome foi transliterado como 'Jeová' e dessa maneira pronunciado**". – Vol. I, p. 35.

Se os neorusselitas pretendem hoje restaurar a pronúncia "Jeová" estão construindo uma fábula, pois procuram restaurar uma coisa incerta. Se querem restaurar *um fato sobre uma usança do tetragrama*, deveriam evitar de pronunciá-lo, substituindo-o pela palavra "Senhor", o que se estabeleceu na cristandade. Se pretendem restaurar tão-somente o tetragrama, então deveriam grafar apenas as consoantes JHVH em suas "traduções da Bíblia", ficando coma uma expressão impronunciável. De qualquer maneira nunca terão garantias da exatidão do Nome que pretendem restaurar.

Sumariando o conteúdo acima, temos os seguintes fatos indesmentíveis:

1. Na Bíblia Hebraica, original, só havia o tetragrama JHVH, o qual aparece pela primeira vez em Gên. 2:4.

2. Não se sabe qual tenha sido sua pronúncia exata, e fica o desafio para que se prove o contrário.

3. Pelo menos seis séculos depois de Cristo é que surgiram os massoretas, que inventaram a grafia das vogais hebraicas, e então sob o tetragrama JHVH colocavam as mesmas vogais da palavra *Adonay*, que significa "Senhor".

4. O tetragrama passou a ser lido por *Adonay*, pelo temor da profanação entre os rabinos ou também por superstição, como assinala G. Kerr.

5. Só na época da Renascença e no começo do movimento da Reforma é que se cunhou a grafia e a pronúncia da palavra *Jeová*. Mesmo assim *não era considerado nome exclusivo de Deus*.

6. Só com a relativamente recente eclosão do arianismo russelita é que surgiu a fúria especificatória do nome *Jeová*, com que vivem a perturbar o mundo religioso.

Creemos que os rutherfordistas laboram em crasso erro ao pretenderem que o Nome Divino exclusivo e específico sempre tenha sido *Jeová*, e que agora, no século XX foram eles comissionados para a tarefa de "restaurar" esse Nome. A Bíblia atribui vários nomes à Divindade, todos válidos e solenes: JHVH, Adonai, Eloim, EI, Elyon, El-Sadday. Não cremos que haja nome privativo para Deus, o Criador dos céus e da Terra, o autor do plano de redenção. As razões que nos apresentam em defesa da exclusividade e especificidade do nome *Jeová* são débeis e insubsistentes.

Seria o nome *Jeová* o primeiro a aparecer na Bíblia? Não! No primeiro capítulo de Gênesis aparece 28 vezes o nome de Deus, mas na hebraico é *Elohim*. Gên. 1: "No principio criou *Elohim* os céus e a terra". No verso 2: "o Espírito de *Elohim* pairava sobre as águas". Verso 3: "E disse *Elohim* (...)". Verso 4: "E viu *Elohim* (...)". E assim por diante. No verso 27, *Elohim* criou o homem. Em Gên. 2:3, *Elohim* abençoou o sábado. Só em Gên. 2:4 é que, pela primeira vez aparece *Jeová*, mesmo assim associado a *Elohim*. Lá está *Jeová Elohim* mencionado como criador dos céus e da Terra. E no verso 7 se diz que *Jeová Elohim*

formou o homem. Portanto a Divindade é a mesma apesar dos nomes. Mais adiante encontramos só Jeová, em outros lugares encontramos *Adonay*, em outros *El*, e ainda *Elyon*, *El-Sadday*, *Jeová Sabbaoth* (Senhor dos Exércitos).

Citemos ao acaso Juízes13:8: "Então Manoé orou instantemente a *Jeová* (Senhor), e disse: Ah, *Adonay* (Senhor), rogo-te que o homem de *Elohim* (Deus) que enviaste ainda venha para nós (...)".

Pergunta, para encerrar o assunto: a *quantos* deuses se referem os textos acima invocados? *Quantos* seres divinos ai se acham implicados?

Respondam os sensatos. A verdade é que *Jeová*, *Elohim* e *Adonay* designam a Pessoa de Deus, o Deus único e verdadeiro, Criador e Mantenedor dos mundos, Autor do plano da redenção. A verdade é que em face do texto hebraico não se justifica nenhuma diferença de Pessoa com base na mera diferença de nomes.

A palavra Jeová parece não ter saído dos lábios de Cristo, e também desconhecida de Seus seguidores imediatos. Cristo e os escritores do NT citavam as Escrituras Hebraicas e também a versão Septuaginta (*) que verte o tetragrama por *Kurios* (grego, *Senhor*), e com muita propriedade, de vez que o tetragrama tornara-se impronunciável por temor ou superstição dos rabinos.

E caberia uma pergunta final: Se a Septuaginta, ou Versão dos LXX, foi vertida das Escrituras Hebraicas para o grego *por um grupo de eruditos judeus*, por que estes zelosos judeus não deixaram intacto o tetragrama, e em vez disso, verteram-no por *Kurios* (Senhor), como se pode ver nos exemplares disponíveis dessa famosa Versão?

* É temerário afirmar como sendo assunto liquidado, a existência do tetragrama na Septuaginta original.

Jeová não é o único nome autêntico do nosso Deus Todo-poderoso.

Há, na Bíblia, pluralidade de nomes que designam nosso Deus eterno. Pelo menos onze denominações, entre simples e compostas, são empregadas pelos autores dos livros sagrados ao se referirem a Deus, à mesma Entidade suprema, que criou e governa o mundo. Ei-las: Jeová, Jeová-Elohim, Adonai-Jeová, Jeová-Sabaoth, Jeová-Adonai, Yah, Elohim, El, Eloah, Shaddai e Adonai.

A ordem dos livros é como se encontra na Bíblia hebraica, e não na nossa. Isso não importa, porque a ordem dos fatores não altera o produto.

Note-se que o livro de **Ester** não contém o nome divino.

Também o **Cantares de Salomão**, salvo um caso duvidoso em 7:3, em que estaria *Yah*.

O livro **Eclesiastes** só emprega a palavra *Elohim*, nenhuma vez Jeová.

Em **Lamentações** há *Jeová*, mas também 14 vezes *Adonai* e uma vez *El* – todas se referindo ao Deus supremo.

Em **Jó** o nome divino aparece 175 vezes, mas Jeová apenas 32, mesmo assim só no prólogo, no epílogo e em poucos outros passas, pois Jó prefere *El* e *Eloah*.

Ezequiel tem preferência por *Adonai-Jeová* que ocorre 216 vezes.

Zacarias destaca Jeová-Sabaoth (61 vezes). As partes aramaicas da Bíblia, principalmente no livro de Daniel, não trazem *Jeová*, mas *Eloah* 78 vezes no singular e 17 vezes no plural.

Portanto, afirmar que o nome legítimo de Deus é unicamente Jeová, não encontra fundamento bíblico, e é fruto de fanatismo inconseqüente.

Apresentamos a seguir uma estatística dos Nomes divinos como aparecem na Bíblia hebraica:

LIVROS NA ORDEM DA BIBLIA HEBRAICA	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI
	JEHOVAH	JEHOVAH ELOHIM	ADONAI JEHOVAH	JEHOVAH SABAOOTH	JEHOVAH ADONAI	JAH	ELOHIM	EL	ELOHA	SHADHAI	ADONAI
Gên.	134	20	2	193	17	..	6	6
Exo.	359	1	2	129	6	..	1	6
Lev.	303	53
Num.	386	27	10	..	2	1
Deut.	233	..	2	372	13	2
Josué	170	..	1	75	4	1
Juizes	158	..	2	73	2
I Reis	289	1	..	5	99	1
II Reis	133	2	6	5	56	5
III Reis	210	..	2	1	105	3
IV Reis	252	1	..	1	94	1	2
Isaias	350	..	17	62	..	4	94	23	1	1	23
Jeremias	563	1	8	77	140	2
Ezequiel	207	..	216	36	4	..	2	5
Oseias	39	26	3
Joel	26	11	1	..
Amós	53	..	20	1	14	4
Obadias	5	..	1
Jonas	19	1	15	1
Miqueias	34	..	1	1	10	1	1
Naum	11	2	1	1
Habac.	10	1	1	..	2	..	2
Sofon.	35	..	1	2	5
Ageu	14	14	3
Zacarias	73	..	1	61	11	1
Malaq.	21	24	7	3	2
Sal. - 1. 1	267	1	50	16	1	..	13
" - 1. 2	22	1	2	4	1	2	199	16	1	1	14
" - 1. 3	31	1	1	3	..	2	61	23	..	1	14
" - 1. 4	98	3	26	8	2
" - 1. 5	222	3	12	30	10	2	..	4
Prov.	88	5	..	1
Jó	32	15	55	41	31	1
Cant.	1(?)
Rute	16	4	2	..
Lam.	32	1	14
Ecles.	40
Ester
Daniel	3	22	3	3	..	10
Esdras	23	55	1
Neemias	8	2	67	3	1	..	1
I Paral.	141	5	..	3	111
II Paral.	302	6	187	..	1

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRINDADE

Ao crermos que Jesus é Deus, fazemos profissão de fé trinitária. E a doutrina da Trindade é verdadeira, não porque passamos entendê-la, mas porque é um fato da Revelação. E isto, para nós, os que cremos, líquida o assunto. Não conseguimos entender a origem do mal, o fato de Lúcifer ter-se tornado Satanás, a miraculosa operação do Espírito Santo e tantos outros fatos. Mas constituem matéria de Revelação divina, e basta!

É infantilidade rejeitar a doutrina da Trindade sob a alegação de não existir este termo nas Escrituras. No livro divino também não se encontram palavras como Bíblia, Milênio, Teocracia e outras que igualmente não repudiamos, porque o que se busca nas Escrituras são fatos e não nomenclatura.

Outro contra-senso é rejeitar a doutrina, averbando-a de mistério. Deus é mistério (Isa. 45:15). Com Trindade ou sem ela, Deus é mistério. Cristo é mistério (Col. 1:26). Aceitemos com humildade a revelação das Escrituras sem precisarmos negar e distorcer as declarações límpidas e inequívocas da Bíblia relacionadas com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Tolice é estabelecer diferença entre "segredo" e "mistério", considerando o primeiro como algo ainda não conhecido e o último como coisa que não pode ser entendida.

Um dos mais famosos dicionaristas do mundo, T. Barnhart, assim define: "Mistério: segredo, alguma coisa oculta ou desconhecida". E também: "Segredo: alguma coisa secreta ou oculta; mistério".

A Divindade Se constitui EM três pessoas, Todas eternas, Todas iguais, Todas divinas, permanecendo UMA em essência, em propósito, em funcionalidade. Melhor dito, a Trindade é o organismo da Divindade, é o meio pelo qual Ela Se manifesta e existe em relação ao homem.

A negação da Trindade advém primeiramente de um grande erro: conceituar pessoas divinas como se conceituam pessoas humanas.

"Em Teologia, como em qualquer outra ciência, há necessidade absoluta de alguns termos técnicos. Quando dizemos que há três

pessoas distintas na Divindade, não queremos, com isso, dizer que cada uma delas é tão separada da outra, como um ser humano está separado de todas os demais. Embora se diga que Se amam, Se ouçam, orem uns aos outros, enviem uns aos outras, testemunhem uns dos outros, não são, no entanto, independentes entre si; porque como já dissemos auto-existência e independência são propriedades não das pessoal individuais, mas do Deus Triúno". – L. Boettner, **The Trinity**, p. 59.

Em segundo lugar, a negação da Trindade, vem da exploração dos textos que falam da *subordinação* do Filho ao Pai. Contudo Cristo – que é Deus – foi *homem* também. Daí o dizer-se que Sua natureza é teantrópica (divina e humana). Esta subordinação não é de essência, mas de ordem e operação. Cada uma das Pessoas divinas tem a Sua esfera de atividade, "como se fora uma sociedade bem organizada".

Outro fator da negação da doutrina é a pretensa ignorância, mas na verdade deliberada má fé de certos escritores arianos, supondo que cremos em três deuses. Por exemplo, no livro *Seja Deus Verdadeiro*, página 97 lemos o seguinte sobre a doutrina da Trindade:

"Em resumo a doutrina consiste em dizer-se que há três deuses em um".

Esta é, quando muito, uma conclusão que os jeovistas querem extrair, nunca porém a crença cristã. Nunca isto foi escrito ou admitido por um cristão. Em tempo algum. É inteiramente gratuita a acusação de triteísmo que nos é feita, ao passo que nós podemos acusar os senhores jeovistas de biteísmo. Ao afirmarem que Jeová é Deus Todo-poderoso e Cristo um deus poderoso, estão crendo em dois deuses! Um Deus maior gerando um deus menor: portanto dois deuses, não importa a categoria que procuram dar-lhes.

Na Divindade encontramos, por assim dizer, uma forma de Personalidade *sui generis*, sem termos de comparação, totalmente diferente da que se encontra no homem. A revelação nos assegura que cada uma das Pessoas da Trindade possui *in toto*, numericamente, a *mesma* substância. Eis os textos:

Col. 1:9: "Porque nEle habita corporalmente TODA A PLENITUDE da Divindade";

S. João 14:11: "Crede-Me que *Eu estou no Pai*, E o Pai EM MIM";

S. João 10:30: "Eu e o Pai SOMOS UM".

Mesmo estando na Terra, encarnado, Jesus estava como Deus na Terra e como Deus também no Céu.

S. João 1:18: "O Filho Unigênito, que *está* no seio do Pai, este o fez conhecer". Jesus falava a Nicodemos, e emprega o tempo presente do verbo. Há traduções que consignam S. João 3:13: "Ninguém subiu ao Céu, senão Aquele que desceu do Céu, o Filho do homem *que está no Céu*". (Matos Soares, Figueiredo, Almeida Antiga e outras).

É verdade que pela *razão* jamais chegaremos à compreensão integral da Trindade, mas os que "andam por fé e não por visão" aceitam o que a Revelação apresenta.

Jesus Cristo é Deus porque as Escrituras expressamente O designam *como Deus*. Enumeremos os principais textos:

- a) S. João 1:1 – "No princípio era o Verbo ... e o Verbo era DEUS".
- b) S. Mat. 1:23 – "Ele será chamado Emanuel (que quer dizer DEUS conosco".)
- c) Isa. 9:6 – "O Seu nome será (...) DEUS forte, PAI DA ETERNIDADE".
- d) Rom. 9:5 – "Cristo (...) o qual é sobre todos DEUS bendito para todo o sempre. Amém".
- e) S. Luc. 23:40 – "Nem ao menos temes a DEUS estando sob igual sentença?"
- f) S. João 20:28 – "Respondeu-Lhe Tomé: Senhor meu e DEUS meu".
- g) Tito 2:13 – "(...) a manifestação da glória do nosso grande DEUS e Salvador Cristo Jesus".
- h) Heb. 1:8 – "Acerca do Filho diz: o Teu trono Ó DEUS é para todo o sempre".
- i) I S. João 5:20 – "Seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro DEUS e a vida eterna".

- j) II S. Ped. 1:1 – "(...) na justiça do NOSSO DEUS e Salvador Jesus Cristo".
- k) S. João 1:18 – "(...) o DEUS unigênito que está no seio do Pai é quem O revelou".
- l) Tito 1:3 ú.p – "(...) a pregação que me foi confiada por mandato de DEUS, nosso salvador".
- m) S. João 10:33 – "(...) sendo tu homem, te fazes DEUS a ti mesmo".

A Fórmula Batismal

O mais citado texto trinitário é, sem dúvida, S. Mateus 28:19: "Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em NOME do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo". Há a menção clara das três *Pessoas* da Divindade, porém a palavra "nome" na forma singular. Não diz: "batizando-os *nos nomes* do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Tampouco diz: "no nome do Pai, e no nome do Filho, e no nome do Espírito Santo", para destacá-los como três Seres separados. Nada disso. Ao contrário, reúne os três *dentro de um Nome único*.

Para os discípulos que ouviram a Grande Comissão, o único sentido que apreenderam foi o de que, dali por diante, Jeová passaria a ser conhecido pelo *novo Nome*: do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

Uma Saudação Paulina

Em II Coríntios 13:13 temos o registo da bênção apostólica para uso litúrgico nas igrejas, assim redigida: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo, SEJA com todos vós!" Não diz: "A graça, o amor, e a comunhão de Deus seja com todas vós". As três Pessoas de Deus são reunidas e a elas se atribuem bênçãos redentoras.

Outros Apóstolos Mencionam a Trindade

Lemos em I S. Ped. 1:2: "Eleitos segundo a presciência de *Deus Pai*, em santificação do *Espírito*, para a obediência e aspensão no sangue de *Jesus Cristo*". As três Pessoas surgem juntas em expressões de esperança cristã, porém a referência é a de um só Deus.

Em Judas 20 e 21 lemos: "Orando no *Espírito Santo*, conservai-vos a vós mesmos no amor de *Deus*, esperando a misericórdia de nosso Senhor *Jesus Cristo* para a vida eterna".

Texto Impugnado

Há versões que em I Tim. 3:16 consignam "Deus fui manifestado em carne". Uma nota à margem no "The Emphatic Diaglott" esclarece: "Quase todos os antigos manuscritos, e todas as Versões dizem 'Aquele que foi manifestado, em lugar de 'Deus' neste versículo, isto tem sido aprovado".

Não é exato. Embora traduções e revisões recentes tenham aceitado a versão "Aquele que", não se segue que "quase todos os antigos manuscritos e todas as Versões" a registrem. A Palavra "Deus" neste texto encontra-se em quatro dos poucas manuscritos unciais ainda existentes. Encontra-se em 260 dos manuscritos cursivos, e há 262 deles. Encontra-se em 30 exemplares dos apóstolos, nas Versões Harcleana, Georgiana e Slavônica, e nos seguintes dos Santos Padres: No III século, Dionísio de Alexandria. No IV século: em Dídimo, Gregório Nazianziano, Diodoro de Tarso, Gregório de Nissa (22 vezes), Crisóstomo (3 vezes). No V século: em Cirilo de Alexandria (2 vezes, Teodoreto de Chipre (4 vezes), Eutálio, e Macedônico. No VI século em Severo de Antioquia. No VIII século: em João Damasceno, Epifâneo de Catana, Teodoro Studita, Osmênio, Teofilacto, e Eutímio. Estes dados foram extraídos do "The Revision Revised" do erudito Burgon, que escreveu exaustivo trabalho sobre o assunto.

É temerário dogmatizar sobre textos discutíveis.

O "Plural de Majestade"

Os que se recusam a admitir uma união das três Pessoas na Trindade apelam para uma fórmula cômoda denominada "plural de majestade", diante do fato de o nome divino Elohim ser plural, e de passagens bíblicas em que Deus fala no plural, como "*Façamos o homem*", "*desçamos*", "*vejamos*", "Eis que o homem é como um de nós", "quem irá por *nós*"

Ora isto é invenção humana, pois as Escrituras jantais autorizaram a invenção deste *modus loquendi* a que denominam "plural de majestade". Atribui-se esta invenção a Gesênio que de uma feita apresentou esta idéia de que o plural era apenas a maneira de Deus se apresentar em sua majestade senhoril, à moda dos monarcas antigos. Descobriu-se, no entanto, que a tese de Gesênio era falsa, porquanto ficou provado que nenhum monarca se utilizou desse sistema. Faraó, nenhum monarca persa, e de nenhum outro reino antigo jamais falaram *em nome seu e dos outros*. Mas os jeovistas aceitam esta lenda.

Em Gên. 41:44, por exemplo, diz Faraó: "EU SOU Faraó (...)" "tu estarás sobre MINHA casa". Nada de plural de majestade. A verdade é que quando a Bíblia usa o plural da primeira pessoa, quando devíamos esperar o singular, é que *alguma realidade está em jogo*. O plural envolve pluralidade de Pessoas na Divindade.

O próprio Cristo empregou o plural. Em S. João 3:11: "*Nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto*, contudo não aceitais o NOSSO testemunho". Ainda em S. Mat. 3:15, no batismo: "Assim NOS convém cumprir toda a justiça". E nos versos seguintes ouve-se a voz do Pai, e se vê o Espírito Santo em forma de pomba. As três pessoas Se manifestam. Se, como querem os jeovistas, se trata de plural de majestade, então Cristo é o mesmo Jeová, ou o Elohim, porque Eles também usaram o plural de majestade!

Mais um exemplo: "A que *assemelharemos* o reino de Deus? ou com que parábola o *apresentaremos*?" S. Mar. 4:30. Quando o apóstolo S. Paulo escreve: "(...) a tribulação que NOS sobreveio na Ásia, acima das NOSSAS forças" (II Cor, 1:8), ou "*quisermos* ir até vós (...) contudo Satanás NOS barrou o caminho" (I Tess. 2:18), estava associando consigo os companheiros de viagem, de tribulação e de trabalho. Por isso emprega o pronome "nós". Não há por onde justificar o uso na antigüidade do *pluralis majestatis*, uso que, na verdade, NÃO EXISTIA. O que há, de fato, é pluralidade de Pessoas.

E isto prova a existência da Trindade!

"PRESENÇA" OU VINDA VISÍVEL?

Outra subtilidade, consignada pela tradução jeovista denominada Novo Mundo, Edição Brasileira, aliás refletindo *ipsis verbis* a inglesa, é a maneira tendenciosa de verter S. Mat. 24:3:

"Enquanto estava sentado no Monte das Oliveiras, aproximaram-se dEle os discípulos, em particular, dizendo: 'Dize-nos: Quando sucederão estas coisas e qual será o sinal da Tua **presença** e da terminação do sistema de coisas?'. " – (Grifo nosso).

O termo ""presença" aí está para permitir a interpretação de uma manifestação *invisível* da volta de Cristo de modo a combinar com a esdrúxula escatologia jeovista. Como este trabalho se destina mais aos estudiosos de certa cultura, é de todo conveniente reproduzir o original com a tradução "colada" interlinear, para que se veja o incabimento da "tradução" dos Torre de Vigia:

katheménou dé autou epi tou orous tón Elaion
 Estando sentado pois ali em o monte das Oliveiras
Prosêlthon auto oi mathetai kat idian legontes
 aproximaram-se dEle os discípulos em particular pediram:
Eipe hemin, pote tauta estai, kai ti to semeion tês
 Dize nos, quando isto será. E qual o sinal da
sês PAROUSIAS kai sunteléias tou aionos.
 tua VINDA e fim do tempo?

Convém dizer liminarmente que um dos dogmas basilares das atuais "testemunhas de Jeová" é o de que no ano de 1914, tendo terminado os "tempos dos gentios", iniciou-se a "segunda *presença*" de Cristo, e que a partir de então Ele está preparando os verdadeiros cristãos, ou sejam, os que aceitarem o arresado sistema doutrinário jeovista, para sobreviverem à grandiosa catástrofe do Armagedom, quando então os infiéis serão varridos da Terra. É o que se depreende de suas publicações fantasiosas e anódinas. Afirmam que Cristo *já veio*

invisivelmente, e também invisivelmente dirige a organização teocrático jeovista com sede em Brooklin, Nova York. Reafirmam dogmaticamente que Cristo já veio, embora ninguém O visse, a não ser os que "buscam a sabedoria" e aplicam o "olho do entendimento".

Todo este castelo de cartas se baseia na tradução da palavra grega *parousia* por "presença" e concluem, com ares doutorais, que esta "presença" pode ser invisível.

A traduçãozinha brasileira Novo Mundo que circula por aí não procura explicar porque vertem *parousia* por "presença", mas na mesma tradução em inglês, à página 780, apresentam uma lista de 14 recorrências da Palavra *parousia* no NT, todas traduzidas por eles igualmente por "presença". E, no entanto, à página 779, elaboram a seguinte defesa, que chega a ser risível pela sua inconsistência:

"A tendência de muitos tradutores é vertê-la aqui por 'vinda' ou 'chegada'. No entanto, em todas as 24 ocorrências, a palavra grega **parousia** tem sido por nós traduzida por 'presença'. Da comparação da parousia do Filho do homem com os dias de Noé, em S. Mateus 24:37-39, **é muito evidente que o sentido da palavra é como a traduzimos**. E do contraste estabelecido entre a presença e a ausência do apóstolo, tanto em II Cor. 10:10 e 11 como em Filip. 2:12, **o sentido de parousia é tão clara que paira acima de controvérsia para outros tradutores**".

Dizer que "para outros tradutores" o sentido de parousia "paira acima de controvérsia" é uma afirmação temerária, pois pode-se afirmar, com absoluta segurança, que desde 1871, quando o "Pastor" Russell estabeleceu este estranho conceito (presença invisível), tem ele sido denunciado e confutado por todos os eruditos após acurado exame.

A legítima exegese bíblica é natural, sincera, imparcial, sem ater-se a esquemas pré-fabricados, e o contexto, em muitos casos DETERMINA o exato pensamento do escritor sacro. Dentro de uns poucos contextos talvez seja admissível que *parousia* tenha o sentido de "presença", mas nunca presença invisível. Nenhum erudito ou tradutor de renome jamais sustentou a tradução que signifique presença invisível.

Concluir que "presença", mesmo admitindo-se em certos contextos, implique necessariamente invisibilidade é crasso engano. Por exemplo:

TRADUÇÃO NOVO MUNDO

I Cor. 16:17 – "Mas eu me alegro com a **presença** de Estéfanos, e de Fortunato e Acaico, compensaram a vossa **ausência** aqui".

TRADUÇÃO CORRETA

"Alegro-me com a **vinda** de Estéfanos, e de Fortunato e de Acaico; porque porque estes suprimam o que da vossa parte faltava".

II Cor. 7:6 – "Não obstante, Deus que consola os abatidos, consolou-nos com a **presença** de Tito".

"Porém Deus que conforta os abatidos, nos consolou com a **chegada** de Tito".

As chamadas "testemunhas de Jeová" para não darem o braço a torcer, verteram para "presença" a palavra *parousia* nos passos acima, mas em pura perda. Estariam Estéfanos, Fortunato, Acaico e Tito "invisíveis" com sua "presença"? Não é mais curial traduzir-se por "vinda" e "chegada"? Seria admissível que em Filip. 1:16 e 2:12 a "presença" do próprio Paulo se deva entender como invisível?

MARTIN & KLANN, na obra "Jehovah of the Watchtower", página 157, após exaustivo estudo deste ponto, concluem:

"Se os Torre de Vigia admitissem por um momento que PAROUSIA deve ser traduzida por 'vinda' ou 'chegada' nas passagens que falam do regresso de Cristo – maneira por que todos os tradutores de gabarito a traduzem – então a 'presença invisível' de Cristo, intentada pelo 'Pastor' Russel explodiria em seus rostos".

Ainda em abono do sentida exato de PAROUSIA, podemos citar uma autoridade de que as próprias "testemunhas de Jeová" se valem *quando lhes convém*: o Dr. Josh F. Thayer, também unitariano mas não jeovista, autor de um dos melhores léxicos do grego do Novo Testamento. No aludido dicionário, página 490, comentando o termo *parousia*, diz textualmente:

"(...) um retorno (Filip. 1:26). No Novo Testamento acha-se especialmente relacionado com o Advento, isto é, a futura volta **visível** de Jesus, procedente do Céu, o Messias, que virá para ressuscitar os mortos, decidir o último julgamento e estabelecer, de maneira **aparente** e gloriosa, o Reino de Deus". – (Grifos nossos).

O sentido de *parousia* deve ser buscado nos grandes lexicógrafos, especialmente em Liddell L. Scott. Ver-se-á que o sentido predominante é mesmo "vinda", "chegada" sendo assim empregada exclusivamente pelo "koiné" ou grego do NT.

Há mais ainda: mesmo no grego clássico, seu sentido é de *presença visível*. Nos papiros comumente aparece a palavra *parousia* para designar a visita de um imperador ou rei. Mas no Novo Testamento, como foi dito, é, por assim dizer, o termo cunhado para designar o segundo advento de Cristo, *mas nem de leve sugere uma vinda secreta*.

E assim se demonstra a falácia da "tradução" jeovista Novo Mundo em mais um ponto!

FALSOS ESQUEMAS PROFÉTICOS

Russell possuía imaginação fertilíssima, e elaborou muitos esquemas proféticos que culminavam em datas definidas para certos eventos bíblico-históricos. Alguns foram retificados, e outros abandonados totalmente. Rutherford era menos imaginoso, porém mais culto e sagaz, timbrava em modernizar as teorias russelitas. Knorr pouca coisa acrescentou às bases doutrinárias da seita, e seu empenho é mais no sentido de arranjar bases científicas ou fundamento nas línguas bíblicas originais para o jeovismo.

Consideremos sucintamente as pretensas bases escriturísticas para as *três principais* linhas proféticas em que pretende basear-se o movimento russelita-rutherfordiano-knorrista.

1.º Esquema: A Data de 1874

O ano de 1874 foi, por Russell, proclamado como a data da "segunda presença de Cristo". Rutherford o confirma em seu livro "Criação" e em outros folhetos de sua lavra. Foi DOGMA INTOCÁVEL por muito tempo na seita. Agora está desacreditada a teoria entre os próprios jeovistas, pois a "segunda presença" agora se entende ocorrida em 1914, quando Cristo compareceu ao templo.

A data de 1874 foi conseguida mediante o seguinte artifício exegético de Russell:

Tomou o texto de Dan. 12:12, que diz: "Bem-aventurado o que espera e chega até 1.335 dias". Adotando o principio do **dia-ano**, calculou 1.335 anos. Agora só faltava um ponto de partida para este período, e arbitrariamente tomou o ano 539 AD como início desta linha profética, alegando o decreto de Justiniano e o início do poder temporal do Papa na Itália. Então $539 + 1.335 = 1874$. Fixou, então, esta data como a segunda presença de Cristo.

É fácil demonstrar que tudo isto se baseia em falsas premissas.

1.º Erro: – O ponto de partida do esquema é falso, pois o decreto do imperador Justiniano que reconheceu o Papa como "cabeça de todas as igrejas" foi emitido em 533 AD, e não em 539 AD. Basta consultar a História.

2.º Erro: – No ano 539 *nada* ocorreu de notável na história da Humanidade. Houve, em 538 AD a derrota dos ostrogodos que, esbarrando o poder ariano na Itália, abriu as portas para a supremacia papal. Mas nada em 539 AD.

A Verdade: – No ano 503 AD, tomem bem nota os leitores, deu-se o primeiro e importante acontecimento que foi a definição histórica do papado. Segundo abalizadas fontes históricas (*Councils*, de Hardouin, Vol. 2, p. 983; *Councils*, de Labbe and Cessart, Vol. 4, col. 1364; *History of the Popes*, de Bower – edição em três volumes – Vol. 1, pp. 304 e 305), naquele ano saiu um decreto de um concílio oficial de Roma declarando que "o Papa, como substituto de Deus, é juiz e não pode ser julgado por nenhuma pessoa". A par deste fato histórico da maior ressonância, iniciaram-se *nesse mesmo ano* os memoráveis feitos bélicos de Clóvis, rei dos Francos, os quais se estenderam até o ano de 508 AD, em defesa das pretensões papalinas. Esta data, pois, 508 AD deve necessariamente ser o ponto de partida dos esquemas proféticos de Daniel, os períodos de 1290 e 1335 anos.

Como se vê, nada de "segunda presença", e muito menos termina em 1874.

2.º Esquema: A Data de 1914

Como se disse em capítulo anterior, Russell de início profetizara para 1914 o estabelecimento visível do reino de Cristo. Passando a data, pensou noutra interpretação, aliás coroada por Rutherford: a vinda invisível de Cristo.

A data de 1914 fora fixada inicialmente por meio de cálculos cabalísticos com base nas medidas da Grande Pirâmide do Egito. Depois

para confirmá-la, o autor engendrou a seguinte raciocínio a fim de obter para ela uma escora bíblica:

1. Leu de Daniel capítulo 4, e achou que o novo sonho de Nabucodonosor ali relatado devia ter também urra interpretação profética de longo alcance;

2. Ora, Dan. 4:16 afirma que a loucura do rei devia durar "sete tempos". E como cada "tempo" deve significar um ano judaico de 360 dias, então – lá vai! – os "sete tempos" são 7 anos de 360 dias. Agora uma simples multiplicação: $7 \times 360 = 2.520$ dias. Aplicando-se no caso o princípio do dia-ano, temos então 2.520 anos. Fabuloso! Agora só resta achar um ponto de partida para esses 2.520 anos.

3. Russell filosofa com seus botões, e – Eureka! – achou a data inicial: a destruição de Jerusalém pelos babilônios em 606 AC. Agora é só diminuir 606 de 2.520 e ... pronto: 1914. Essa é a data. (Em tempo. Posteriormente verificando que, com o cômputo dos anos completos o cálculo dava falha de um ano, então a data inicial passou a ser "o outono de 607 AC terminando no outono de 1914" – *Seja Deus Verdadeiro*, pp. 245 e 246).

Também aqui há um desconchavo que peca pela base.

1.º Erro: – Este sonho de Nabucodonosor *não é passível de interpretação com vistas aos tempos finais da História*, a exemplo do que ocorre com o outro sonho registrado em Daniel capítulo 2. Naquele, Daniel fez a devida interpretação apontando *nitidamente* a sucessão dos reinos até chegar finalmente à "pedra" (Cristo). Ora, agora no sonho de Dan. 4, o mesmo Daniel diz claramente no verso 24: "Esta é a interpretação, ó rei, este é o decreto do Altíssimo (...)" e a seguir, nos versos 25 e 26 declara TODA A INTERPRETAÇÃO.

Neste passo as "sete tempos" são inequivocamente sete anos literais que se cumpriram na loucura da rei, e por mais que se procure, não há nenhuma contextualização favorável à ficção jeovista. Os mais autorizados intérpretes antigos e modernos em sua quase totalidade dão à palavra

iddan no verso 16, que se traduz por "tempo", o sentido de "ano". A própria tradução dos LXX, tão citada pelos jeovistas traduz exatamente por "sete anos". São, portanto, anos literais mesmo.

E dentre os mais antigos expositores que sustentam esta interpretação, citamos, entre muitos, Josefo (*Antiquities*, X, 10.6), Jerônimo, e os rabinos Rashi, Iben, Esdras e Jepheth.

2.º Erro: – A **data inicial do período** de sete anos não está certa. É arbitrário e fantasioso começá-la em 606 ou 607 AD, porque ela não tem nenhuma ligação com a tomada de Jerusalém, pois quando Nabucodonosor teve o sonho da árvore, Jerusalém havia sido tomada há mais de trinta anos, Qualquer começo profético com base neste fato, terá necessariamente que começar *quando começou* a loucura do rei.

Sabemos que a proclamação de Nabucodonosor, reconhecendo altissonantemente a soberania de Deus e que se acha registrada em Daniel. 4:37, ocorreu precisamente *um uno antes* da morte do desafortunado rei de Babilônia, segundo o consenso dos comentadores. Ora, os registros históricos situam esta morte em começos de 562 AC, o que nos leva a datar a recuperação do juízo do rei em começos do ano 563 AC. Necessariamente a data do início da loucura NÃO PODE SER ANTERIOR A 571 AC. Aí começa o período de "sete anos", e nunca em 606 ou 607 AC.

E para confirmação do que afirmamos, consulte-se: Adão Clarke, *Clarke's Commentary*, Vol. IV, p. 565, sobre Dan. 4:37; Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, p. 86.

Os cronologistas e historiadores de peso são unânimes em afirmar que **Nabucodonosor subiu ao trono babilônico em 605 A.C.** De ruínas arqueológicas da Mesopotâmia muita coisa se extraiu. Um importante tablete cuneiforme, denominado VAT 4956, que se acha guardado no Museu de Berlim, nos fornece os seguintes dados: 1. Foi datado do 37.º ano de Nabucodonosor; 2. Contém registros astronômicos pormenorizados sobre as posições relativas do Sol, da Lua e dos planetas

durante um ano; 3. Registra cálculos na base de um eclipse lunar ocorrido em 4 de julho de 568 A.C. (data fixada por contexto calendariano).

E as inscrições e observações estão preservadas com tal riqueza de detalhes que os astrônomos modernos podem determinar, sem qualquer sombra de dúvida, que o ano da observação foi o ano babilônico iniciado em 22/23 de abril A.C., e concluído em 11/12 de abril de 567 A.C. A autenticidade do documento é atestada pelos astrônomos e assiriologistas, principalmente J. K. Fortheringham, A. T. Olmstead, E. R. Thiele e muitíssimos outros. Donde se conclui que o **19.º ano de Nabucodonosor foi necessariamente 586 A.C.**, e nunca 607 A.C. como erroneamente pretendem as Testemunhas de Jeová.

3.º Erro: – Dizer que *assim como* Nabucodonosor; rei de Babilônia, ficou "sete tempos" ausente e depois *voltou ao trono*, também Cristo, no fim dos "sete tempos" proféticos (2.520 anos) voltou ao trono em 1914, chega a ser blasfemo.

Por quê? Porque o rei de Babilônia DE MODO ALGUM poderá identificar-se com Jesus, ou ser tipo dEle. Em nenhum sentido, pois segundo a Bíblia, o rei de Babilônia É SÍMBOLO DE SATANÁS. Prova? Isaías 14:4 e 12: "Proferirás este motejo contra o *rei de Babilônia*. (...) Como caíste, ó estrela da alva (*Lúcifer*, no original)"! Ler todo o capítulo 14. Ver também Ezeq. 18:12, onde outro rei é comparado a Satanás. Os reis ímpios são, na Bíblia, tomados como símbolo do demônio. Desafiamos que se prove que um único rei ímpio haja sido comparado a Jesus!!!

A Verdade: – O que se passou com Nabucodonosor é algo estranho; mas havia o propósito divino de abater-lhe o orgulho. Foi acometido de uma forma de demência que o fazia julgar-se um animal inferior e agir como tal. Na opinião de Davis tratava-se de licantropia. A propósito, há no Museu Britânico, um tijolo que menciona, em caracteres cuneiformes,

a existência de um homem nobre que comia relva como boi, e que muitos julgam uma referência a Nabucodonosor, na sua dura prova de sete anos. Nada, porém, sugere, que isto foi símbolo de um longo período profético que viesse a findar em 1914.

3.º Esquema: A Data de 1925

Este esquema foi engendrado por Rutherford, e acha-se pormenorizadamente descrito no livreto *Milhões dos que Agora Vivem Não Morrerão Jamais*. No ano 1925 deveriam ter ressuscitado visivelmente, entre muitos fiéis da antigüidade, Abraão, Isaque e Jacó.

E como o carrancudo "Juiz" estabeleceu esta data? Como fabricou o esquema?

Rutherford abriu a Bíblia em Lev. 25:11 e leu: "O quinquagésimo ano vos será jubileu". Então, cada 50 anos um jubileu. Leu mais em Jer. 25:11: "Estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos". Juntando ambas as passagens QUE NÃO TÊM A MAIS REMOTA RELAÇÃO ENTRE SI (uma trata do ano jubileu entre os israelitas nos tempos mosaicos, a outra do cativo babilônico), Rutherford elabora livremente a seguinte fantasia sem nenhuma norma exegética: "As Escrituras aí dizem que devem ser observadas setenta jubileus". E avança: "São setenta jubileus de 50 anos cada um, portanto $70 \times 50 = 3.500$ anos".

Agora é só arranjar um ponto de partida para estes 3.500 anos. E então? Ora, isso não é problema para Rutherford. E decidiu que **a data em que Israel entrou em Canaã** fosse o início. E assim ficou resolvido a problema, e não se discute! Segundo ele crê, isto ocorreu no ano 1575 AC. Então diminuindo-se 1575 de 3.500, temos exatamente 1925. Pronto, eis a data!

Creemos que não é preciso refutar. Simplesmente ninguém ressuscitou visivelmente nessa data, e a mesma já se desmoralizou entre os jeovistas de hoje, que evitam de falar nela. Foi uma chanchada rabínica de Rutherford. O livro *Seja Deus Verdadeiro* não a menciona mais, e não querem ouvir falar dela.

Segundo Schnell, autor do libelo *Trinta Anos Fui Escravo da Torre de Vigia*, "entre os anos de 1017 a 1928 a Sociedade Torre de Vigia mudou 148 pontos de doutrina e interpretação". Isso diz tudo.

Convém dizer que há ainda outros esquemas proféticos de menor importância, como, por exemplo, o que fixou a data de 1878 como o ano em que "os apóstolos da era evangélica ressuscitaram como seres espirituais" (Russell, *Studies in the Scripture*, Vol. III, p. 234). Hoje os jeovistas não mais aceitam isso. Também o ano de 1915 foi considerado como o tempo em que "cessaram os tempos dos gentios", e isto porque como em 1914 nada evidenciou a ocorrência dos eventos preditos, então na edição daquele ano de *Studies in the Scripture*, ALTERARAM a data de 1914 para 1915. Posteriormente decidiram restabelecer a data de 1914 com uma interpretação espiritualizada dos "acontecimentos", sendo essa data hoje o maior fundamento profético-doutrinário do jeovismo.

Qual a origem dessa barafunda toda? – indagará o leitor.

E respondemos: tudo isso decorre da maneira livre, arbitrária, *sui generis* de interpretarem a Bíblia, sem a menor consideração aos mais mezinhos princípios de exegese, juntando assuntos díspares, alheios, sem a menor analogia entre si.

A respeito disso, Bruce Metzger, no trabalho *As Testemunhas de Jeová e Jesus Cristo*, já citado, e traduzido e inserto na "Revista Teológica" do Seminário Presbiteriano do Sul, edição de dezembro de 1952, páginas 77 e 78, declara:

"Unindo livremente porções das Escrituras que não devem ser unidas é, sem dúvida, possível provar qualquer coisa pela Bíblia. Por exemplo:

'Judas (..) retirou-se e foi-se enforcar'. S. Mat. 27:5;

'Vai e faze da mesma maneira'. S. Luc 10:37;

'O que fazes, faze-o depressa'. S. João 13:27".

A Bíblia aconselha o suicídio? Salta à vista que os disparates dos risíveis esquemas proféticos do jeovismo originam-se dessas combinações impróprias de passagens bíblicas, e ainda por cima mais 95% de imaginação!!!

"O Cruzeiro", o conhecido semanário brasileiro, de 13/02/65, reportando um batismo da seita, reproduziu o que ela prega hoje: "por volta de 1975 (uma geração após 1914) a Terra Vigia verá o fim desse sistema de coisas".

Qual o *fundamento* disto? O *cérebro* da organização, a Sociedade Torre de Vigia, sediada em Nova Iorque, com sua infalibilidade Papalina dogmatizou que *tem que ser assim*, e não se discute! E ai do jeovista sensato, que tente discordar! Esta liberdade ele não tem, pois é um escravo da seita, à qual obedece cegamente como um cadáver nas mãos do anatomista!

E o que penaliza é ver-se muita gente boa e sincera, ilaqueada em sua boa fé e na sua fé, aceitando candidamente esse disparate!

O Esquema da Pirâmide

Já no volume I do *Studies in the Scripture*, Russell afirmava que a figura de Cristo como "a pedra de esquina" só podia ser entendido com justeza pela pirâmide. E no volume III então descreve sua mirabolante teoria, verdadeiro dogma que tem como centro a Pirâmide de Quéops. Russell lera em Isaías 19:19 e 20 o seguinte:

"Naquele tempo o Senhor terá um altar no meio da terra da Egito, e um monumento se erigirá ao Senhor na sua fronteira. E servirá de sinal e de testemunho ao Senhor dos Exércitos na terra do Egito, porque ao Senhor clamarão por causa dos opressores, e Ele lhes enviará um Redentor e um Protetor, que os livrará".

As expressões *monumento* e *altar* ficaram bailando e ressoando no cérebro imaginoso do "pastor", levando-o à conclusão de que a Grande Pirâmide de Gizé cumpria estas especificações, e, portanto, só podia ter sido obra do próprio Jeová. "Descobriu" que a pirâmide, pela sua disposição e construção, apresenta o plano de Deus e a Cristo como o centro deste plano. "Descobriu" mais que essa Pirâmide, através de suas medidas, revela os tempos e datas do plano divino. Ficou convicto principalmente pelo fato de dita Pirâmide ter sido construída antes de ser

escrita qualquer porção da Bíblia, e ainda numa época em que ninguém, a não ser o próprio Jeová, sabia de Seu plano e das indicações de tempo a ele pertinentes. Afirma o "pastor" que a Pirâmide, como um todo, apresenta a Cristo coma "a pedra de esquina" mencionada em Sal. 118:22; Zac. 4:7; S. Mat. 21:42; Atos 4:11; e I S. Ped. 2:7.

Vejamos apenas algumas das ilações russelitas extraídas das medidas da Pirâmide:

a) A hipotenusa da triângulo retângulo formado pelo espaço interseccionado entre a extremidade Norte da Primeira Passagem Ascendente, e o ponto de interseção da projetada linha do piso da Câmara da Rainha e a Primeira Passagem Ascendente, mede 33,5 polegadas piramidais. Isso indica as anos que Jesus viveu: 33 anos e meio.

b) A extensão que vai da Primeira Passagem Ascendente ao Tampão de Granito tem 1647 polegadas piramidais. Ora, esse é o número de anos que decorre da Outorga da Lei no Sinai à morte de nosso Senhor: 1647 anos!

c) O tempo da Segundo Advento de nossa Senhor é simbolizado pela distância que vai do Ponto de interseção entre as passagens Ascendente e Descendente até ao Fosso (Pit) ao longo da linha do Piso. Essa distância é de 3.885 polegadas piramidais. isso indica um tempo que vai de 1512 AC a outubro de 1874 AD. Portanto, 1874 é a data da "segunda presença". Mas há a considerar que a linha da Passagem Descendente prolonga-se no mesmo ângulo até alcançar o Fosso **em mais 40 polegadas**. Então acrescentam-se mais 40 anos, e chega-se à data irrecorrível de 1914, quando devia começar a angústia e a destruição deste mundo.

Há muitíssimas outras extrações proféticas das medidas da Grande Pirâmide, mas citamos o necessário para que o leitor tenha uma idéia de como o jeovismo se formou. Essa teoria foi, por muito tempo, aceita por Rutherford. Mas, com o correr dos tempos, vendo sua insustentabilidade,

abandonou-a. Na "Watchtower" de 15/11 e 01/12/1928 ele repudia abertamente sua crença no dogma da Pirâmide. E afirma textualmente:

"Lamentamos ter crido e destinado algum tempo no estudo da Pirâmide de Gizé. Não apenas abandonamos agora tal estudo como rogamos a Deus que nos perdoe o termos gasto tempo com isto, e possamos remir o tempo apressando-nos a obedecer Seus mandamentos".

E chega à conclusão diversa da de Russel: afirma que a Pirâmide de Quéopos foi, sem dúvida, *construída pelo diabo!!!*

Os leitores que façam a avaliação no sistema!

PROVAS FOTOSTÁTICAS DE ALGUMAS FRAUDES

The Finished Mystery (Mistério Consumado) é um livro escrito em 1917, amplamente divulgado pela seita, o qual tenta explicar profecias de Ezequiel e no Apocalipse, com base em datas obtidas pelos cálculos da Pirâmide de Gizé. Reproduzimos cópias fotostáticas de algumas páginas nesse livro, com tradução de partes interessantes.

PASTOR RUSSELL DEAD, BUT SPEAKING AGAIN

24:25, 26. Also, thou son of man, shall it not be in the day when I take from them their strength, the joy of their glory, the desire of their eyes, and that whereupon they set their minds, their sons and their daughters. That he that escapeth in that day shall come unto thee, to cause to hear it with thine ears? – Also, in the year 1918, when God destroys the churches wholesale and the churches members by millions, it shall be that any that escape shall come to the works of Pastor Russell to learn the meaning of the downfall of "Christianity."

24:27. In that day shall thy mouth be opened to him which is escaped, and thou shalt speak, and be no more dumb: and thou shalt be a sign unto them; and they shall know I am the Lord – Pastor Russell's voice has been stilled in death; and his voice is, comparatively speaking dumb to what it will be. In the time of revolution anarchy he shall speak, and be no more dumb to those that escape the destruction of that day. Pastor Russell shall be a sign unto them," shall tell them the truth about the Divine appointment of the trouble, as they consult his books, scattered to the number of ten million throughout Christendom. His words shall be a sign of hope unto them, enabling them to see the bright side of the cloud and to look forward with anticipation to the glorious Kingdom of God to be established. Then "they shall know the Lord."

Na pág. 485 [acima], um comentário de Ezeq. 24:25, 26 prediz a destruição de toda a cristandade em 1918. Eis a tradução da parte assinalada:

"No ano de 1918, quando Deus destrói, em grande escala, as igrejas e seus membros aos milhões, e acontecerá que qualquer que

escapar será levado às obras do Pastor Russell para aprender o significado da derrota do "cristianismo".

258

The Finished Mystery

REV. 14

To give unto her to cup of the wine of the fierceness of [His] THE wrath – the wine of the vine of the earth – Rev. 14:17-20; Jer. 8:14; Isa. 51:17-20; Jer. 25:26-28; Rev. 18:6.

16:20 – And every island fled away – Even the republics will disappear in the fall of 1920.

And the mountains were not found. – Every kingdom of earth will pass away, be swallowed up in anarchy.

16:21. And there fell upon men. – Greek "The Men," the worshipers of the beast and his image, i. e., the clergy.

A great hail of heaven – Truth, compacted, coming with (...)

Na pág. 258 se profetiza o desaparecimento de todas as repúblicas em 1920. Tradução da parte assinalada: *"Até as repúblicas desaparecerão no outono de 1920."*

That the deliverance of the saints must take place some time **before** 1914 is manifest, since the deliverance of flesh by Israel, as we shall see, is appointed to take place at that time, and the angry nations will then be to be authoritatively commanded to be still, and will be made to recognize the power of Jehovah's Anointed. Just how long **before** 1914 the last living members of the body of Christ will be glorified, we are not informed; but it certainly will not be until their work in the flesh is done; nor can we reasonably presume that they will long remain after that work is accomplished. With those two thoughts in mind, we can approximate the time of deliverance.

Nesta página 228 do volume 3.º de *Studies in the Scriptures* (Estudos nas Escrituras), escrito antes de 1914, lemos (parte assinalada): *"Quanto tempo antes de 1914 os últimos membros vivos do corpo de Cristo serão glorificados, não somos diretamente informados".*

Leia-se a legenda do quadro seguinte.

That the deliverance of the saints must take place **very soon after** 1914 is manifest, since the deliverance of flesh by Israel, as we shall see, is appointed to take place at that time, and the angry nations will then be to be authoritatively commanded to be still, and will be made to recognize the power of Jehovah's Anointed. Just how long after 1914 the last living members of the body of Christ will be glorified, we are not informed; but it certainly will not be until their work in the flesh is done; nor can we reasonably presume that they will long remain after that work is accomplished. With those two thoughts in mind, we can approximate the time of deliverance.

Contradição. Na edição do mesmo livro *Studies in the Scriptures* feita em 1923, a frase foi alterada, e sua tradução é a seguinte: "*Exatamente quanto tempo DEPOIS de 1914 os últimos membros vivos do corpo de Cristo serão glorificados, não somos diretamente informados*". Ficou pior a emenda...

144

The Finished Mystery

REV. 8

Which stood before God. – Featuring the Reformation.

And to them were given seven trumpets – Bugles with which to blow bugle-blasts of liberty from the oppressions of the papacy, leading up to and including the final blast of "Liberty throughout all the land unto all the inhabitants thereof" – Lev. 25:10.

8:3. **And another angel.** – Not the "voice of the Lord," mentioned in the precedent chapter, but the corporate body – the WATCH TOWER BIBLE TRACT SOCIETY, which Pastor Russel formed to finish his work. This verse shows that, though Pastor Russel has passed beyond the veil, he is still managing every feature of the Harvest work. The WATCH TOWER BIBLE TRACT SOCIETY is the greatest corporation in the world, because from the time of its organization until now the Lord has used it as His channel through which to make known the "Glad Tidings". – Z. '17-22; Rev. 14:18; 19:17.

Página 144 do *The Finished Mystery*. A parte sublinhada diz o seguinte: "Este versículo mostra que, embora o Pastor Russell tenha passado além do véu [falecido], ele ainda dirige todos os aspectos da obra da Colheita. A Watchtower Bible Tract Society [Sociedade de Bíblia e Tratado Torre de Vigia] é a mais elevada corporação no mundo, porque desde a época de sua organização até agora [1917] o Senhor a usou como Seu canal através do qual torna conhecidas as Alegres Novas". Isto quer dizer que em 1917, ano em que se publicou o livro, Russell, lá do Céu dirigia a Sociedade Torre de Vigia. Logo depois a mestria Torre de Vigia ensinava que a ressurreição não ocorreria antes de 1918!

ness of times he might gather in one al things in Christ, both which are in heaven, and which are on earth; even in him." – Eph. 1:9,10.

The constellation of the seven stars forming the Pleiades appears to the crowning center around which the known systems of the planets revolve even as our sun's planets obey the sun and travel in their respective orbits. It has been suggested, and with much weight, that one of the stars of that group is the dwelling-place of Jehovah and the place of the highest heavens; that it is the place to which the inspired writer referred when he said: "Hear thou from thy dwellingplace, even from heaven." (2 Chron. 6:21); and that is the place to which Job referred when under inspiration he wrote: "Canst thou bind the sweet influences of Pleiades, or loose the bands of Orion?" – Job 38:31.

The constellation of the Pleiades is a small one compared with others scientific instruments disclose to the wondering eyes of man. But the greatness in size of other stars or planets is small when compared with the Pleiades in importance, because the Pleiades is the place of the eternal throne of God. For a like reason the various groups of stars, greater in size than the planet earth, must in the eyes of

Página 14 do livro *Reconciliation*. Eis a tradução dos trechos sublinhados: "A constelação de sete estrelas que formam as Plêiades (...) uma das estrelas naquele grupo é o lugar de habitação de Jeová e o lugar dos céus mais elevados (...) A constelação das Plêiades (...) porque as Plêiades são o local do trono eterno de Deus". Este ensino foi depois repudiado por outros líderes do movimento. Revelação progressiva, ou tapeação progressiva?

afar off and they shall beat their swords into plowshares, and their spears into pruninghooks nation shall not lift up a sword against nation, neither shall they learn war any more. But they shall sit every man under his vine and under his fig tree; and none shall make afraid; for the mouth of the Lord of hosts hath spoken it." – Micah.

EARTHLY RULERS

As we have heretofore stated, the great jubilee cycle is due to begin in **1925**. At that time the earthly phase of the kingdom shall be recognized. The Apostle Paul in the eleventh chapter of Hebrews names a long list of faithful men who died before the crucifixion of the Lord and before the beginning of the selection of the church. These can never be a part of the heavenly class; they had heavenly hopes; but God has in store something good for them. They are to be resurrected as perfect men and constitute the princes or rulers in the earth, according to his promise. (Psalm 45:16; Isaiah 32:1; Matthew 8:11). Therefore we may confidently expect that **soon** will mark the return of Abraham,

Cópia da página 89 do livro em inglês "Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão", que profetizava a ressurreição de Abraão, Isaque, Jacó e outros fiéis antigos no ano de 1925. Como isto não ocorreu, que fez a Torre de Vigia? Simplesmente mandou apagar, no livro, a data 1925. Na página que reproduzimos acima, pode-se ver, na última linha, assinalada a palavra "soon" [logo] feita sobre rasura de 1925. Entretanto, na parte assinalada acima, deixaram escapar a data de 1925, única vez no livro que se esqueceram de apagar e substituir pela palavra "soon".

a fixed date to mark upon the downward passage. This measure is 1542 inches, and indicates the year B. C. 1542, as the date at that point. Then measuring *down* the "Entrance Passage" from that point, to find the distance to the entrance of the "Pit," representing the great trouble and destruction with which this age is to close, when evil will be overthrown from power, we find it to be 3416 inches; symbolizing 3416 years from the above date, B. C. 1542. This calculation shows A.D. 1874 as marking the beginning of the period of trouble; for 1542 years B. C. plus 1874 years A.D. equals 3416 years. Thus the Pyramid witnesses that the close of 1874 was the *chronological* beginning of the time of trouble such as was not since there was a nation – no, nor

Reprodução da página 342 do 3.º volume de *Studies in the Scripture*, da autoria do Pastor Russell, publicado na década de 10, bem antes de 1914. Notem as medidas em polegadas extraídas da Pirâmide de Gizê, assinaladas: 3416, e que levam ao ano de 1874.

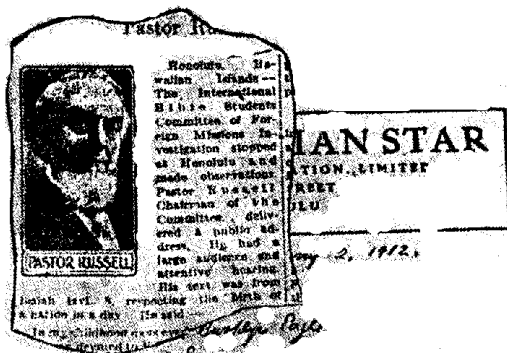
Comparem agora com a página reproduzida a seguir.

a fixed date to mark upon the downward passage. This measure is 1542 inches, and indicates the year B. C. 1542, as the date at that point. Then measuring *down* the "Entrance Passage" from that point, to find the distance to the entrance of the "Pit," representing the great trouble and destruction with which this age is to close, when evil will be overthrown from power, we find it to be 3457 inches; symbolizing 3457 years from the above date, B. C. 1542. This calculation shows A.D. 1915 as marking the beginning of the period of trouble; for 1542 years B. C. plus 1915 years A.D. equals 3457 years. Thus the Pyramid witnesses that the close of 1914 will be the beginning of the time of trouble such as was not since there was a nation – no, nor ever shall be afterward. And thus it will be noted

O mesmo livro, a mesma página da edição de 1923. Nesta nova edição o "pastor" alterou as medidas da Pirâmide, de 3.416 para 3.457 polegadas, a fim de favorecer o cálculo da nova nata que é agora 1914. Fraudes como estas são muito comuns nos livros antigos da Torre de Vigia. Sempre erraram em seus esquemas proféticos, e para os justificarem sempre apelaram para a fraude. Os imaginários sermões do "Pastor Russell" desmascarados pelo jornal. "The Brooklyn Daily Eagle", edição de 19 de fevereiro de 1912, p. 18. Ele jamais proferiu os discursos que anunciava. Eram inexistentes. Só publicidade. Leiam a tradução dos trechos da ilustração a seguir.

BROOKLYN DAILY EAGLE, NEW YORK, N

TWO VIEWS OF "PASTOR" RUSSELL'S
HONOLULU "SERMON"



In answer to your inquiry of December 19 concerning Pastor Russell, I would say that he was here for a few hours with a Bible Students Committee of Cheron. His sermons were investigated, but did not make a public address as was anticipated.

*Very truly yours,
Walter G. Smith
Boston*

BROOKLYN DAILY EAGLE, New York ...**DUAS OPINIÕES QUANTO AO "SERMÃO" DO "PASTOR"
RUSSELL EM HONOLULU**

(Tradução da parte gráfica recortada, com a foto).

Honolulu – Ilhas Havaianas – A Comissão Internacional de Estudantes da Bíblia para Investigação de Missões Estrangeiras permaneceu em Honolulu para observações. O Pastor Russell, presidente da Comissão, proferiu uma palestra pública. Teve a ouvi-la um grande e atento auditório. Seu texto foi extraído de Isaías 66:8, a respeito do nascimento de uma nação num dia. Ele disse: nos dias de minha infância...

(Tradução da carta enviada à direção do jornal "Brooklyn Daily Eagle" por um jornal de Honolulu)

Caro Senhor:

Em resposta à sua indagação de 19 de dezembro a respeito do Pastor Russell, direi que ele esteve aqui umas poucas horas com a Comissão de Estudantes da Bíblia para Investigação de Missões Estrangeiras, mas não proferiu uma palestra pública como havia antecipado.

Com estima,

a) Walter G. Smith Editor do Star

TORY

tion is

FFICE

Saying
Vio-

Attorney
by the

on that
explain-

MAAT-

MAN"

stands

in a

the

can

and

and

and

and

and

and

EASY MONEY PUZZLE.

ONION BANK

YOU'RE WASTING
TIME. COME
ON IN HERE



If Pastor Russell can get a dollar a
pound for Miracle wheat, what could he
have got for Miracle stocks and bonds
as a director in the old Union Bank?

CO

Ver

DE

Con

M

of

poli

ing

the

are

Dad

was

any

him

and

Ely

lead

repl

styl

Charge publicada no "Brooklyn Daily Eagle" sobre o "Pastor" Russell e o "Trigo Milagroso". Seguiu-se uma ação de injúria no valor de 100.000 dólares. Russell perdeu. (A seguir, a tradução da ilustração).

O ENIGMA DO DINHEIRO FÁCIL

BANCO DA CEBOLA (Em inglês "onion" que dá trocadilho com "union", que é o nome do Banco)

(Palavras do diretor do Banco): Você está desperdiçando tempo. Venha aqui dentro.

(Legenda por baixo da caricatura de Russell):

Se o Pastor Russell pode ganhar um dólar por libra do Trigo Milagroso, que poderia ele ganhar em ações e apólices, na qualidade de um diretor no velho Banco União?

A CRIAÇÃO EM 42.000 Anos

O livro *Seja Deus Verdadeiro* – título que não casa com o conteúdo arrevesado – traz às páginas 174 e 175 o dogma da cosmogonia jeovista, segundo a qual nosso mundo foi criado em 42.000 anos, ou seis dias de 7 mil anos cada um. Desta forma, o sétimo dia, o "descanso" de Deus, segundo eles, ainda está transcorrendo, acha-se em pleno exercício, pois, tendo começado em Gên. 2:2, está agora completando 6.000 anos. E os últimos 1.000 anos neste "descanso" começarão logo com o Armagedom, iniciando-se o reino milenial de Cristo, com Satanás amarrado, etc. Imaginação não lhes falta.

Em que base se assenta esta fantasia? Simplesmente no fato de ter Deus cessado a Criação no "sétimo dia". E, num rasgo de genialidade, concluem: este "sétimo" nos leva à conclusão de que cada "dia" deve ter durado "sete mil" anos! Não é mesma sensacional? Procuram buscar reforço para esta mirabolante interpretação no fato de que em Gên. 2:4, por exemplo, a palavra "dia" significa mais do que um período de 24 horas.

Vamos esbarrondar este absurdo. O "argumento" é por demais velho, surrado e puído, de tão usado pelos evolucionistas e modernistas religiosos de todos os matizes. É a velhíssima estória de a palavra *yom* (dia) ter no hebraico um sentido elástico. Concordamos. No entanto, vamos estudar o assunto em profundidade.

Antes, porém, de prosseguirmos, convém dizer que a hipótese jeovista, do "dia" criativo com duração de sete milênios, não veio assim como uma revelação indiscutível, líquida, certa, intocável. Surgiu como coisa admissível, imprecisa, razoável, verossímil, aceitável. Só na fase atual da seita é que ganhou foros de dogma.

Leio no livro "Criação", da autoria de Rutherford (não confundir com um tratado de nome idêntico publicado pelos "auroristas" ou russelitas dissidentes no qual defendem o "dia" de mil anos), edição de

1923 (quando o nome da Seita ainda era "Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia") à página 27; o seguinte:

"Desde que o Senhor dividiu os Períodos da Criação em sete, É RAZOÁVEL admitir que estes fossem de igual duração".

Ora, isto não é evidência, nem prova. É uma afirmação inteiramente livre, temerária e fantasiosa, sem a escora de um "Assim diz o Senhor". Perguntaríamos honestamente: Que *relação* podem ter os sete períodos, com sua hipotética duração? Que identidade lógica pode haver? Com tal método, pode-se afirmar livremente que o "dia" tanto pode ter 7 mil anos, como sete milhões de mas sem que se incorra em ilogismo! Notemos, sobretudo, a insegurança contido na expressão: *É razoável ...*

Em outro livro publicado ainda pela *Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia*, em 1943, denominado *A Verdade Vos Tornará Livres*, voltam ao assunto à página 58, com estas palavras túbias, vacilantes, incertas:

"Por conseguinte, este grande dia de descanso do Criador para com a terra PARECE SER de cerca de sete mil anos de duração. Sendo de tal duração este sétimo dia. **É RAZOÁVEL concluir** que os seis dias de trabalho precedentes eram cada qual da mesma duração".

Também aqui o "juiz", inseguro e vago, sem convicção e sem certeza, usa as expressões "parece ser" e "é razoável concluir" – que lhe tiram toda a autoridade de "doutrina".

Feitos estes reparos, passemos direto ao assunto:

1. Primeiramente, e para abrir nossa argumentação, convém denunciar o flagrante ilogismo hermenêutico em tentar um numeral ordinal (sétimo) para transformá-lo em cardinal (sete). Isto aberrava de todo princípio estabelecido e consagrado em exegese. Isto, na província do bom senso e da lógica, destrói a pretensão jeovista.

2. Quem invoca as línguas originais da Bíblia em abono de uma tese terá que arcar com todas as implicações válidas e comprovadas que elas encerram. Um estudo imparcial e acurado dos manuscritos hebraicos revela este fato surpreendente: em todos os casos em que a palavra *yom*

(dia) é acompanhada de um numeral ordinal, o sentido é *infallivelmente de um dia de 24 horas*. É só verificar as ocorrências no texto sagrado. Ver-se-á que este é o sentido quando a Bíblia diz "o segundo yom da festa", "o terceiro yom da jornada", "o décimo-sétimo yom do mês", e assim por diante.

Ora, esta regra aplica-se aos versículos da Criação, nos quais se verifica a existência do numeral ordinal junto destes períodos de tempo. Lemos: por exemplo. "o primeiro dia" (Gên. 1:5), "o segundo dia" (v. 8), "o terceiro yom" (v. 13), "o sexto yom" (v. 31), e assim por diante. Isto prova, sem sombra de dúvida, que, *neste registro*, os dias eram solares, de 24 horas, e nunca longos períodos de tempo, ou 7.000 anos.

3. Num assunto como este, não é de desprezar-se o testemunho dos grandes lexicógrafos hebraicos, entre os quais apontamos os abalizados, Buhl, Koenig, Brown, Driver, e Briggs, todos unânimes em afiançar que os dias mencionados em Gên. 1 são dias de 24 horas. Igualmente não é de desprezar-se a conclusão de renomados pesquisadores e estudiosos do assunto.

August Dillmann, em sua festejada obra *Die Genesis*, remata com estas palavras o comentário sobre a Criação:

"As razões desenvolvidas por escritores antigos e modernos no esforço de interpretarem estes dias como longos períodos de tempo são **INSUBSISTENTES**".

Outro estudioso desapaixonado do assunto. John Skinner, em seu conhecido tratado *International Critical Commentary*, Vol. 1, página 21, na seção Genesis, assim conclui:

"A interpretação de **yom** como significando **aeon** – recurso favorito dos que querem harmonizar a ciência com a revelação – opõe-se ao sentido clara da passagem e **não tem nenhum abano do emprego gramatical do hebraico**".

Portanto não há porque inventar-se um prolongamento de tempo indefinido ou mesmo de 7.000 anos, quando o "dia" é inequivocamente solar!

4. Os últimos três dias da Criação foram, inquestionavelmente, controlados pelo Sol, que surgiu no quarto dia. Pois bem, estes últimos dias são referidos, no texto, exatamente nos mesmos termos dos dias anteriores. E o Sol só pode demarcar dias de 24 horas. Nunca uma extensão de 7.000 anos.

5. A própria redação da narrativa, no original, indica a curteza do tempo, a rapidez da Criação, a momentaneidade dos fatos. Senão vejamos.

a) No caso da **luz**, por exemplo, há um fortíssimo imperativo do verbo hebraico **hayah** (ser, tornar-se). "**Faça-se** a luz!" Este "faça-se" não comporta delongas. "E a luz SE FEZ". Também nesta última frase, é obrigatório o sentido de instantaneidade, e não de uma demora de 7.000 anos. Não teria cabimento a luz demorar tão longo tempo para se fazer, para surgir, para brilhar. Onde fica o poder de Deus? O relato indica que houve execução **imediate** ao mandado divino.

b) Outro exemplo do forte imperativo hebraico ocorre em relação ao terceiro dia. Lemos em Gên. 1:11: "**Produza** a terra a relva (...)". No original está literalmente "Terra, **nasça**, renovos!" **Da'sba**, significa: **faça brotar agora!** E a registro indica que imediatamente a terra produziu. E as plantas **yatsá** (saíram).

c) O mesmo ocorre na verso 30: "Povoem-se as água de enxames (...)". No original está: "Água, **enxameia** enxames!" De novo o vigoroso imperativo hebraico aí está para desmentir o castelo de cartas dos jeovistas, evolucionistas e modernistas!!! E o que mais admira é eles que tanto alardeiam estribar-se nas línguas originais da Bíblia, coando mosquitos aqui e ali, engulam camelo tão volumoso, grotesco e indigesto como este!

d) O fraseado hebraico de Gên. 1 é confirmado, de modo inequívoco, em Salmo 33:9, onde referindo-se à Criação, se lê: "Pois Ele falou, e TUDO SE FEZ; Ele ordenou, e TUDO PASSOU A EXISTIR".

Esta linguagem é totalmente inadequada para longos períodos de tempo, pois o que ela diz é que tudo se concretizou imediatamente.

A conclusão é fatal: os dias da Criação foram dias solares.

e) Diz a Bíblia, em sua linguagem cristalina, que houve "tarde" e "manhã" EM CADA DIA da Criação. No hebraico, **manhã** é a parte clara, o dia propriamente dito, ao passo que **tarde** é a parte escura, noturna. Se num único dia houve tarde e manhã, então, a hipótese jeovista nos levaria fatalmente a admitir que essas 24 horas tiveram uma extensão ininterrupta correspondente a um tempo longuíssimo da 7.000 anos, sendo 3.500 anos de parte clara, e 3.500 de uma noite interminável. Isto é um contra-senso. Imagine-se o Sol ardendo num espaço de 3.500 anos! Teria queimado tudo. Ou então, se começou pelas 3.500 noites, o mundo vegetal teria perecido na escuridão.

Afirmar, por outro lado, que os 7.000 anos do "dia" da Criação não eram um só período, mas compunham-se de *dois milhões e quinhentos e vinte mil* dias literais, complica ainda mais a questão, e não honra a inteligência dos jeovistas!

6. O fato de as plantas, a relva, a *ferragem* terem surgido no terceiro dia, e continuaram, vivendo nos dias subseqüentes da Criação, *servindo de alimento* para os animais, comprova que estes dias eram de fato dias solares. Primeiro porque no dia imediato surgiu o Sol; segundo porque os animais criados no quinto e sexto dias *precisavam* da vegetação para sobreviverem.

7. Atente-se sobretudo para este fato, que é da mais alta importância. No *terceiro dia* surgiram as plantas, ao passo que os animais surgiram no *quinto dia*. Ora, as plantas que deitam flores *dependem dos insetos* para reproduzirem, pois eles lhes transferem o pólen. As plantas fanerogâmicas *só se reproduzem* pela polinização, e esta é feita pelos insetos. Como poderiam estas plantas esperar 7.000 anos (ou 2.520.000) dias pelos insetos? A verdade é que esperaram

apenas um dia, o quarto. Nada mais, pois já no quinto havia os insetos, e eles trabalharam na polinização, porque é a lei da Natureza em vigor desde a Criação, como o é a reprodução animal.

Informa-nos Clarke que mudas de trevo vermelho foram levadas, certa vez, da Inglaterra para a Austrália. Um mês depois, feneceram. Por quê? Faltou a polinização. Com outra remessa de mudas de trevo foram também as abelhas polinizadoras. O resultado foi excelente, havendo reprodução abundante.

Os dias da Criação foram de 24 horas.

8. O homem foi criado no sexto dia, dia que na concepção dos jeovistas teve a duração de 7.000 anos. Pediríamos que os amigos nos esclarecessem estes pontos:

1.º Se Adão nasceu no sexto dia, e **viveu 930 anos** segundo a Bíblia, viveu-os dentro do período dos 7.000 anos que durou o "dia", o sexto? Se foi assim, como pode a Bíblia relatar fatos da vida de Adão depois do sábado (sétimo dia), e anos posteriores?

2.º Se o "sábado da Criação", o sétimo dia dela ainda está em pleno transcurso, segundo a idéia jeovista, pois ainda faltam mais de mil anos para terminar, então logicamente Adão ainda está vivendo. Onde estará ele, que não dá notícia? Porque a Bíblia diz que ele viveu depois do sábado. Se o "sábado" não acabou, os acontecimentos posteriores ainda não se deram, nem a queda, nem nasceram os filhos de Adão, nem se formou a humanidade!

9. No mesmo livro *Seja Deus Verdadeiro*, há um capítulo intitulado "Por que a Evolução Não Pode Ser verdadeira", que bem demonstra a insegurança das afirmações doutrinárias das "testemunhas". Ali fazem pesada carga contra o evolucionismo. Combatem a chamada "seleção natural das espécies", e dizem que todas as raças provieram de um casal original. E para justificarem a argumentação neste ponto, à página 81, escrevem textualmente: "*A Geologia mostra que as formas complexas de*

vida apareceram SUBITAMENTE numa grande variedade de famílias, como seria o caso do Criação". (Versais nossos).

Se confessam que as formas de vida surgiram subitamente na Criação, então como harmonizar esta declaração com a outra declaração de que cada "dia" da Criação teve a duração de 7.000 anos? Isto em bom português chama-se contradição!

Escrevem textualmente que "todas as raças provêm de um casal original" que é Adão e Eva, casal criado no sexto dia, e esse dia, segundo a utopia jeovista, compreende sete milênios. Então a criação de nossos primeiros pais ocorreu em 7.000 anos. Foi criação ou evolução? Se a vida humana se formou num decurso de 7.000 anos, por certo não é a criação súbita da parte de Deus. E se não foi assim, então somos levados naturalmente a pensar em evolução, e devem, para ser coerentes, arrancar o capítulo VII do livro citado.

Se não aceitam esta conclusão, única cabível no caso, então ficam no dever de provar em que "dia" desses longos 7.000 anos surgiu Adão. Barafunda intrincada! Tudo por fugirem da claríssima linguagem genesíaca, e não aceitarem simplesmente o que a Bíblia diz!

10. Agora, a questão do sentido elástico de *yom* (dia). Teimam os jeovistas em afirmar e reafirmar com veemência que em Gên. 2:4, o termo *yom* é empregado para abranger todos os sete dias. E é verdade. Contudo, ocultam o fato irrefragável de que neste versículo não há o numeral ordinal junto de *yom*. Consulte-se o original. E o sentido de "dia" aí é tão irrelevante a ponto de as modernas traduções o omitirem.

Almeida Revista e Atualizada, por exemplo, traduz assim: "Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o SENHOR Deus os criou.". Como se verifica, os revisores dessa tradução não consignaram a palavra "dia" que, no caso, tem sentido meramente acidental e indeterminado, fato impossível de se dar com Gên. 1.

11. Outro fato importante: o mandamento do sábado, que insofismavelmente a ele se refere como a um dia solar de 24 horas, REPORTA-SE à *Criação*. "Porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou".

Seria ilógico, absurdo, disparatado, sem nexos guardar um dia de 24 horas como memorial de seis dias de 7.000 anos.

Notemos especialmente que em Lev. 23:32 se diz que o sábado devia ser guardado "duma *tarde* a outra *tarde*". E ali se emprega a mesma palavra hebraica usada em Gên. 1 para "tarde" *em cada dia do Criação*.

De tudo se conclui que a teoria esdrúxula da Criação em 42.000 anos é mais uma fantasia entre as tantas que constituem a *dogmática* imaginosa da seita.

"Pela fé entendemos que foi o Universo formado PELA PALAVRA de Deus, de maneira que o visível VEIO A EXISTIR das coisas que não aparecem". Heb. 11:3.

Graças a Deus que é assim!

O SÁBADO E OS "DESCANSOS" BÍBLICOS

Inventaram os jeovistas uma doutrina extravagante a respeito do sábado que tendo, segundo eles, a duração de 7.000 anos a partir do sexto dia da Criação, está em plena vigência, ainda não terminou. Pretendem que o "repouso de Deus" haja começado há mais de 4.000 anos antes de Cristo. Nos dias de Davi – afirmam – já haviam decorrido 3.000 anos. Presentemente decorreram praticamente 6.000 anos do sábado da Criação, e antes de 1984* ferir-se-á o dantesco Armagedom, e terá início o milênio de Cristo, que serão os 1.000 anos finais, engavetados nos mesmos 7.000 anos de duração do sábado.

Qual o fundamento destas ilações tão descabidas? Não há nenhum fundamento sério, a não ser que isto vem a calhar com sua esdrúxula escatologia. Mediante uma interpretação deformada de Heb. 3:13 a 4:11, assim dogmatizam:

a) que Deus jurou no ano 1.500 A.C, ao tempo de Josué, que os israelitas não entrariam no "repouso divino";

b) que Davi, no ano 1.077 AC fala do "repouso" como ainda não atingido;

c) e se Paulo diz que ainda resta um "repouso" para o povo de Deus, é porque ninguém ainda entrou nele. Isto quer dizer – argumentam – que o "repouso" está no futuro, e este futuro tem que ser o *sábado* por duas razões: primeiro porque etimologicamente significa "descanso", e segundo porque consta lá em Hebreus, cap. 4. E como o sábado semanal não calha com a interpretação, então tem que ser dado novo sentido ao sábado. Finalmente para harmonizar tudo isto, de maneira simplista e dogmática para combinar com os acontecimentos finais, *elaboraram o dogma dos dias de 7.000 anos de duração*. Eureka! O sábado da Criação transcorre em nossos dias e acabará desembocando no milênio, isto é,

* Presentemente a data é 1975. [Já estamos além do ano 2000; portanto, já passou a data deles.]

será ele nos seus últimos mil anos o sábado antitípico do Reino de Jesus!
É o sábado milenial! *Torre de Vigia locuta est, causa finita est!*

Estamos diante de uma tremenda falsidade!

Antes de entrarmos no mérito deste absurdo, convém ter em mente as razões apresentadas no capítulo anterior, em que pulverizamos a interpretação do "dia" de 7.000 anos, e isto é o bastante para fazer ruir por terra a tese do milênio sabático. Nem haveria necessidade de existir este capítulo, mas como o tema enseja interessante estudo bíblico, apresentaremos a correta interpretação de Heb. 3:13 a 4:11.

Começaremos formulando esta pergunta: *Que é descanso?* Sossego, tranqüilidade, repouso, alívio, afrouxamento de tensão, recriação emocional, refazimento da fadiga, despreocupação, paz, desopressão, calma, segurança, serenidade, um estado de beatitude, um estado de graça, um estado de bem-estar e de prazer íntimo, refrigério espiritual, e coisas análogas a estas.

Agora, outra pergunta: Quantos "descansos" ou "repousos" se mencionam na Bíblia?

1. O "descanso" do dia de sábado, instituído por Deus em benefício do homem. Não é preciso citar textos. É um descanso literal, caracterizado pela cessação dos trabalhos e preocupações da vida, e pela adoração a Deus e o exercício de atividades espirituais e benemerentes. Segundo a Bíblia é um sinal de santificação.

2. Um "descanso" acidental e histórico, de tempo indeterminado, que *consistia no estabelecimento dos israelitas em Canaã*. Descanso afinal após penosa e longa peregrinação; descanso dos embates com os inimigos; descanso das lutas indormidas através do deserto, sem um teto fixo e sem tranqüilidade. Eis os textos que o provam:

- a) Deut. 3:20 – "até que o Senhor dê **descanso** a vossos irmãos (...) para que ocupem a terra (...) além da Jordão"
- b) Deut. 12:9, 10 – "até agora **não entrastes no descanso** e na herança que vos dá o Senhor vosso Deus (...) Passareis o Jordão

(...) e vos dará **descanso** de todas os vossos inimigos, e morareis seguros".

c) Jos. 21:44 – falando da geração nascida no deserto, que entrou em Canaã: "O Senhor lhes deu **repouso** (. .)".

d) Jos. 23:1 – "passado muito tempo depois que o Senhor dera **repouso** a Israel (...) e sendo Josué já velho (...)".

Atente-se bem para o fato de que esse "repouso" é denominado "repouso (...) de Deus" em Deut. 12:9. A geração rebelde que saiu do Egito NÃO ENTROU nesse "repouso" (...) de Deus. Repouso e herança que Deus lhes daria como os deu aos outros.

Em Sal. 95:11 Davi reporta-se a *este fato* (e não a um sábado esdrúxulo de 7.000 anos que no seu tempo já estaria pela metade). Leia-se o contexto do salmo, e ver-se-á que a referência é ao repouso literal dos israelitas em Canaã. Contudo – e este é o ponto alto deste assunto – no mesmo salmo, versículos 7 e 8, Davi faz aos israelitas de seus dias um apelo para que entrem num OUTRO DESCANSO, num *descanso espiritual com Deus*. É o que veremos no item que segue:

3. Há um "descanso espiritual", especial, que Deus proveu para Seu povo. Originalmente, designara-o para os israelitas como Nação. Consistia esse *descanso* numa condição de Israel, como *povo escolhido*, integrar-se na graça divina, cumprir a missão de ser a luz para o mundo, identificar-se com Deus, levar a salvação de Jeová aos demais povos. Israel, caiu na modorra espiritual, não cumprira esta parte, desdenhara esta gloriosa missão, e assim não entrara neste "descanso" divino nos dias de Josué. Mesmo nos dias de Davi não haviam entrado neste singular descanso, e então, o salmista *reformula o convite para que o façam naquela ocasião*. É o tema do Salmo 95. Mas ao longo de sua história, Israel foi uma reiterada rebeldia e, assim como Deus impedira a geração rebelde de Cades-Barnéia de entrar na Canaã literal, também não lhes permitiu mais desempenharem o papel de povo escolhido. "O reino

de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos". S. Mat. 21:43.

Por intermédio de Davi, com a mensagem "*Hoje se ouvirdes a Sua voz não endureçais os vossos corações*". Deus renovou o convite a Seu povo. Inutilmente, porém. O povo não correspondeu, o que prova o fracasso de Israel em entrar no "descanso espiritual", tanto nos dias de Josué como posteriormente. Contudo mesmo nos dias de Davi Deus ainda *não desistira de Seu propósito com Israel COMO NAÇÃO*. Josué, é óbvio, não dera a Israel o "descanso" espiritual. Dera-lhe apenas o descanso do êxodo, ou seja o estabelecimento na terra, da geração nascida no deserto.

Deus não muda. Quando Se propõe a realizar uma coisa, ELE A REALIZA, a despeito dos fracassos humanos. O convite e a promessa divinos não deixam de estar em vigor, e uma vez que o então chamado "povo de Deus" (Israel) não entrou no Seu "descanso", logicamente "RESTA UM REPOUSO PARA O POVO DE DEUS" (Heb. 4:9), e este povo são os cristãos. A conclusão do autor da carta aos Hebreus é a de que os cristãos *podem* entrar nesse "repouso", porque podem "chegar confiantemente ao trono da graça" (Heb. 4:16) onde Cristo ministra como "o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão" (Heb. 3:1). Eles acharão Alguém que se compadece deles e lhes dá socorro em tempo oportuno. Fazendo isso, entrarão como um povo, no "descanso de Deus", tornam-se Sua propriedade particular, povo escolhido, nação eleita, sacerdócio real. É a conclusão no final do capítulo 4, e isto significa que a experiência que os israelitas deixaram de ter há séculos, torna-se hoje privilégio dos cristãos fiéis (Heb. 3:13, 15).

Esse "descanso espiritual" opera-se em pleno reino da graça, e se obtém pela fé (Heb. 4:2). É o refrigerio da alma rendida a Cristo, regozijando-se na salvação. O "descanso" no qual tanto os cristãos como os judeus conversos entram hoje é o mesmo "descanso espiritual" no qual Deus convidou o antigo Israel a entrar, como nação. É a alma integrar-se no eterno propósito de Deus. Eis os textos que o confirmam:

- a) Êxo. 34:14 – "(...) a Minha presença irá contigo, e Eu te darei **descanso**".
- b) Sal. 91:1 – "(...) à sombra do Onipotente **descansará**".
- c) Isa. 30:15 – "Em vos **converterdes** e em **terdes descanso** está a vossa salvação".
- d) Jer. 6:16 – "(...) Perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis **descanso para as vossas almas**".
- e) S. Mat. 11:29 - "(...) aprendei de Mim (...) e achareis **DESCANSO** para as vossas almas".

Bem, depois destas definições que a própria Bíblia estabelece, a que "descanso" se referem Heb. 3 e 4? A este último descanso, o "descanso espiritual de Deus". Contudo, os outros dois "descansos" são também mencionados *para uma comparação*. A esta altura, bastará ao leitor ler, com isenção de ânimo, os capítulos 3 e 4 da carta aos Hebreus, e ficará surpreendido de ver como tudo parece claro e lógico.

Segundo a Bíblia, o sábado da Criação (não os descansos festivos), de modo algum é "*sombra* de coisas futuras", nem do milênio. Segundo a Bíblia, o sábado é memorial de um fato *passado*: a Criação. O mandamento que nos *lembra* a sua observância reporta-se aos dias da Criação, e ao sétimo dia que foi o "descanso", fato consumado *no passado*.

Segundo a Bíblia, o milênio é passado no Céu, e no seu transcurso se processa o julgamento dos ímpios. Só depois desce a Nova Jerusalém.

Prova? Lemos em Apoc. 20:4: "nos tronos" "assentaram-se **os que têm autoridade de julgar**". Quem são eles? Esclarece Paulo: "os **santos** hão de julgar o mundo". (I Cor. 6:2, 3). "Viveram e **reinaram** com Cristo durante mil anos". Apoc. 20:4. Isto só pode ser no Céu, pois **para** lá Cristo levou os santos, quando de Sua segunda vinda. "Quando Eu vier **vos levarei para Mim mesmo**". (S. João 14:3). Mais claro ainda é João na sua visão: "(...) olhei, e eis a multidão (...) **estavam diante do**

trono, e perante o Cordeiro" (Apoc. 7:9), e o contexto, especialmente os versos 11 e 15 confirmam que estavam no Céu. Basta ler! O trono está no Céu. Apoc. 4:2, 5, 6. Outros tronos também lá foram vistos. Apoc. 4:4. O trono branco e o julgamento são mencionadas no Céu também em Apoc. 20:11. E só em Apoc. 21:2, depois de acabado o julgamento ocorrido durante o milênio é que se menciona a descida da Nova Jerusalém.

O "descanso" referido em Hebreus, caps. 3 e 4 não tem a mais remota ligação com o sábado, nem com um período de 7.000 anos, e muito menos com o milênio. Nada tem de escatológico.

Na verdade, o autor da carta aos Hebreus (cap. 4, verso 4 menciona o sétimo dia, o repouso da Criação, mas apenas como *uma comparação* com o "descanso" no qual Deus quer que os cristãos entrem. É aí empregado para ilustrar. O dia sétimo da Criação foi o repouso de Deus e do homem. Visava mais o refrigério espiritual do homem, pois em seu benefício fora instituído. "O sábado foi FEITO por causa do homem", para seu bem-estar, para sua restauração física e espiritual. Sábado no original significa "descanso". NADA MAIS ADEQUADO à comparação ou à ilustração de um "repouso" do que o sábado, e no caso vertente, é de fato uma ilustração. O "descanso" é um refrigério espiritual.

Alguns procuram explorar o fato de o apóstolo ter empregado duas palavras gregas diferentes para designar "descanso": "katapausis" e "sabbatismos" (essa só ocorre em Heb. 4:9), mas o argumento não colhe, pois *o que decide o sentido é a contexto*, e ambas estas palavras são aí empregadas sinonimamente. Ambas dizem apenas "descanso".

Prova? Basta a leitura corrente dos textos.

a) Visto como Josué não pôde levar Israel a entrar no "descanso" espiritual ("katapausis", v. 8), resta para os cristãos um "descanso" ("sabbatismos" v. 9). A coerência exige que O QUE RESTA seja **a mesma coisa que havia no princípio**. Como de início não se tratara da descanso sabático, também a questão do "descanso" hoje não é a do

descanso sabático. Muito menos de um sábado milenial, pois ele não estava na cogitação de Josué nem de Davi.

b) Tendo como contexto as versos 1 e 6 do cap. 4 de Hebreus, a conclusão é que o descanso que resta é um "katapausis", porque afirmar que o que resta para o "povo de Deus" é o sábado milenial, equívale a afirmar que **Josué não conseguiu introduzir Israel ao sábado milenial!!!** Absurdo! E acrescentamos: esse "descanso espiritual" ou "descanso de Deus" ao qual Josué não conseguiu levar o povo de Deus (na época os israelitas), é um "descanso" NO QUAL O POVO PODIA TER ENTRADO NAQUELE TEMPO. Não o fez por razões óbvias, por rebeldia espiritual, a ponto de o próprio Deus os impedir finamente de entrar. Nada de milenial.

c) Nos dias paulinos, o convite é ainda reformulado aos cristãos, vindos do judaísmo. Releva notar que a "Carta aos **Hebreus**" fora sem dúvida dirigida aos hebreus, aos judeus, aos israelitas nos tempos apostólicos, e seu autor não iria dizer-lhes que ainda resta um sábado para ser guardado. Ele próprio nos dá indicação clara de como entraremos no "descanso de Deus". Entramos nele:

- quando "consideramos" Jesus (3:1)
- quando "ouvimos a Sua voz" (3:7, 15; 4:7)
- quando "expressamos fé nEle" (4:2, 3)
- quando abandonamos nossos esforços para ganhar a salvação,
- descansando das obras" (v. 10)
- quando "retemos nossa confissão" (v. 14)
- quando "nos aproximamos do trono da graça" (v. 16).

Ah, o bendito "descanso de Deus"! Ele se processa aqui, em pleno reino da graça, e não no reino da glória. Lá será o gozo permanente da vida eterna. Paulo entrou nesse "descanso" e, sentindo-o, exclamou: "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim". Todas as almas que fizeram seu concerto com Deus, em sinceridade e integridade, entraram nesse descanso. Todos quantos entram nesse descanso serão arrebatados quando Jesus voltar na Sua apoteose de glória e poder!

REVELAÇÃO PROGRESSIVA

As testemunhas de Jeová, baseadas em Prov. 4:18, especialmente na expressão de que a luz vai "brilhando mais e mais até ser dia perfeito", afirmam que recebem revelação progressiva.

Entendemos por revelação progressiva a descoberta de uma verdade até então ainda não entendida. Entretanto a seita procura escorar-se nesse texto de Salomão para justificar as contradições existentes em seus livros, seus erros doutrinários, seus errôneos esquemas proféticos, alteração de datas, etc. Isto não é honesto. Apenas a título de informação reproduzimos algumas contradições facilmente verificáveis em sua literatura.

1. **AFIRMAÇÃO**: "Em 1878 todos os santos apóstolos e outros vencedores na Era do Evangelho ... foram ressuscitados (...)" – *The Finished Mystery* (O Mistério Consumado), p. 182.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "... os apóstolos e outros (...) em 1918 (...) foram levantados à glória (...)" – *Seja Deus Verdadeiro*, p. 126.

2. **AFIRMAÇÃO**: "1874 foi a data exata do retorno de nosso Senhor" – *The Time is at Hand* (O Tempo Está Próximo), p. 170.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "Esta volta de Cristo começou no ano de 1914". – *Esteja Seguro de Todas as Coisas*, p. 319.

3. **AFIRMAÇÃO**: "O tempo da segunda presença do Senhor data de 1874". – *A Harpa de Deus*, p. 236. "1874, a data da segunda presença de nosso Senhor" (...) – *Idem*, p. 240.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "Em 1914 a segunda presença de Cristo começou invisivelmente (...)" – *Watchtower* (Torre de Vigia), 1.º de abril de 1961, p. 205.

4. **AFIRMAÇÃO**: "Não há razão para pensar que Adão viverá de novo, porque foi um homem ímpio e morreu nessa condição". – *Filhos*, pp. 121, 122. "Não há promessa alguma (...) de que a ressurreição de Adão e sua salvação venham a ocorrer em algum tempo". – *Salvação*, p. 43.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "Finalmente o próprio Adão ressuscitará de seu cárcere em que jazera por tão longo tempo, e receberá de novo, se quiser, a dádiva inefável da vida eterna". – *The Finished Mystery*, p. 338. "A segunda oportunidade de Adão (...)" – *O Plano das Eras*, (ed. 1911), p. 130.

5. **AFIRMAÇÃO:** "A *Watchtower* de 15 de novembro de 1902 dizia 'o livro de Rute não é profético, mas apenas histórico'." – *Preservação*, p. 174.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "O livro de Rute (...) é uma profecia". – *Preservação*, p. 175.

6. **AFIRMAÇÃO:** "O rei da Norte é Roma". – *The New World* (O Novo Mundo), p. 92.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "O rei do Norte é a Grã-Bretanha". – *A Harpa de Deus*, p. 236. "... é O Império Germânico". – *Seja Feita a Tua Vontade*, pp. 265, 277. "É o moderno comunismo". – *Watchtower*, 15 de fevereiro de 1961, p. 104.

7. **AFIRMAÇÃO:** A besta que era e não é e está para emergir do abismo (Apoc. 17:8) "é o Império Papal Restaurado". – *The Finished Mystery*, p. 266.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: A besta que era e não é e está para emergir do abismo é "a Corte Internacional de Haia", "a Liga das Nações". – *The Light*, vol. 2, pp. 104, 105; "A Liga das Nações"; "As Nações Unidas". – *Seja Feita a Tua Vontade*, pp. 282, 283.

8. **AFIRMAÇÃO:** "... o número 666 são as Nações Unidas (...)". – *Babylon the Great is Fallen* (Caiu a Grande Babilônia), pp. 508, 500.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "... 666 é o Papado (...) ". – *The Finished Mystery*, p. 215.

9. **AFIRMAÇÃO:** "A Lei nunca se aplicou aos não judeus (...)" – *Government*, p. 64.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "... os estrangeiros (...) são gentios, quer dizer não judeus ou não israelitas (...). Os estrangeiros que jornadeavam

com os israelitas (...) deles se exigia obedecerem à lei de Deus". – *Salvação*, p. 130.

10. **AFIRMAÇÃO**: "... Os Dez Mandamentos foram abolidos (...) " – *Seja Deus Verdadeiro*, p. 185.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "... as Testemunhas de Jeová não saúdam a bandeira (...) essa recusa é baseada no segundo dos Dez Mandamentos que se encontram em Êxodo 20:3-5". – *Desperta!*, 22 de agosto de 1959, p. 12. "O mandamento dada às pessoas pelo Deus Todo-poderoso é, 'Não matarás' Êxodo 20:13". – *Salvação*, p. 276. O adultério é uma transgressão do mandamento de Deus". – *Desperta!*, 8 de abril de 1958, p. 25.

11. **AFIRMAÇÃO**: "O sábado do sétimo dia é sombra [tipo] dos 1000 anos do reinado de Cristo (...)" – *Make Sure of All Things*, p. 319. "... a observância semanal do sábado prefigurava o reinado de Cristo durante 1000 anos". – *Watchtower*, 1.º de janeiro de 1962, p. 32.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "O tipo [sombra] não pode passar sem cumprimento (...). Todos os tipos devem ser continuamente repetidos até que venha o antítipo, pois a observância de um tipo não é seu cumprimento. O cumprimento ocorre quando o tipo [sombra] cessa, sendo substituído pela realidade, o antítipo". – *The Time is at Hand*, pp. 175, 174.

(Observação: Se este princípio é verdadeiro, e o tipo precisa encontrar o antítipo para ser extinto e posto de lado, então o sábado do sétimo dia está ainda em vigor porque ainda não encontrou o antítipo dos 1000 anos. E se os sábados do sétimo dia ainda estão em vigor e devem ser observados [porque o reinado de 1000 anos AINDA NÃO se cumpriu ou os substituiu], então os adventistas do sétimo dia estão certos na observância de cada sábado do sétimo dia, na semana).

12. **AFIRMAÇÃO**. "Pessoas cheias de ódio, como o diabo, não podem ver a luz. 'Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas' I João 2: 9'." – *Watchtower*, 1.º de janeiro de 1962, p. 6. "A Bíblia lhes ordena especificamente a amarem o próximo como a si

mesmos (,,,) ". – *Watchtower*, 1.º de janeiro de 1962, p. 31. "Jeová e Cristo demonstraram amar pelos pecadores conquanto odiassem os pecados destes. Assim devemos fazer". – *Watchtower*, 15 de julho de 1958, p. 425.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "Quando uma pessoa persiste num caminho de maldade depois de conhecer o que é direito (...) então a fim de odiar o que é mau o cristão tem de odiar a pessoa à qual a maldade se acha inseparavelmente ligada". – *Watchtower*, 15 de julho de 1961, p. 420. "Não podemos amar esses inimigos odiosos. Como desprezamos os obreiros da iniquidade". – *Ibidem*.

13. **AFIRMAÇÃO:** "Os 6.000 anos a partir de Adão terminaram no ano de 1872 A. D. e o milênio começou em 1874, com o retorno de Cristo" – *Estudos nas Escrituras*, vol. 4, p. 63, e também vol. 7, p. 386 (edição 1911).

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "... Os seis mil anos desde a criação do homem terminarão em 1975, e o sétimo período de mil anos da história humana começará no outono do ano de 1975 E. C." – *Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus*, p. 29.

14. **AFIRMAÇÃO:** "Porque alguém chega ao conhecimento da verdade, não significa que deva alterar seus hábitos no comer (...) O homem pode comer ou beber o que julgar melhor para seu próprio bem-estar físico. Se alguém fizer do comer e do beber um ponto de debate estará distraído a atenção da atividade importante na vida de servir ao Criador e poderá conduzir a disputas e dificuldades". – *Watchtower*, 1.º de junho de 1961, p. 331. "Ninguém deve julgar a outrem quando vai comer e beber". – *Watchtower*, 1.º de maio de 1903, p. 273.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "... comer o sangue? É negação da fé cristã". – *Watchtower*, 1.º de janeiro de 1962, p. 31. "A transfusão de sangue é uma alimentação com sangue". – *Make Sure of all Things*, p. 47. "O recebedor de uma transfusão de sangue deve ser eliminado do povo de Deus pela excomunhão ou cancelamento de sua condição de membro". – *Watchtower*, 15 de janeiro de 1961, p. 64.

(Observação: Embora não se deva levantar controvérsia sobre o COMER, diz a Sociedade Torre de Vigia, ela procede exatamente assim em relação às transfusões de sangue, que sustenta ser COMER sangue. Entretanto, a Sociedade admitira que "a transfusão de sangue não estava em voga nos dias dos apóstolos, e (...) os doze apóstolos e seus seguidores da congregação de Jerusalém não tiveram uma tal coisa como a moderna transfusão de sangue em mente (...)" – *Watchtower*, 15 de janeiro de 1961, p. 63).

15. **AFIRMAÇÃO**: "O final dos reinos deste mundo ocorrerá pelo fim do ano 1914 de nossa era (...) a batalha do grande dia do Deus Todo-poderoso (Apoc. 16:14) terminará em 1914 A. D, com a completa destruição dos atuais governos da terra (...)" – *The Time is at Hand*, pp. 98-101.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "Assim, embora saibamos que estamos nos aproximando rapidamente da batalha do Armagedom, não sabemos quando ela começará, nem quando terminará (...)" – *Watchtower*, 1.º de novembro de 1901, p. 671.

16. **AFIRMAÇÃO**: "A organização de Satanás é formada de grandes homens que usam títulos e se deleitam neles". – *Life*, p. 250. "A si mesmos se intitulam 'doutores em divindade', 'clérigos', 'bispos' e outros títulos altissonantes". – *Salvação*, p. 231.

CONTRA-AFIRMAÇÃO: "... o Presidente Rutherford (...) o Presidente Rutherford (...) o Presidente Rutherford (...)" – *Seja Feita a Tua Vontade*, p. 338.

(Nota: Rutherford foi um dos dirigentes da Sociedade).

O DOGMA DA TRANSFUSÃO DE SANGUE

O Surgimento da Nova Revelação

A doutrina de que Deus veda e abomina uma medida efficacíssima de salvar vidas humanas, a transfusão de sangue humano, é relativamente nova na sistemática jeovista. Russell jamais pensou nela. Rutherford, idem. Mas logo após a morte do "juiz", ocorrida em janeiro de 1942, já nos corredores da sede da Sociedade Torre de Vigia se cochichava alguma coisa a respeito da transfusão de sangue. Era ainda uma coisa vaga, que só três anos mais urde assumiria definitivamente foros de doutrina a ser finalmente incorporada na dogmática da seita.

Sob a direção de Nathan Knorr, os "doutores da lei" do neorusselismo, a princípio timidamente, começaram a propalar a grande "'descoberta": a transfusão de sangue é proibida pela Bíblia. E sem levar em conta o fato indisputável de que a Bíblia nem toca neste assunto, totalmente desconhecido nos tempos bíblicos, a revista *The Watchtower* (A Torre de Vigia), em sua edição (em inglês) de 1.º de julho de 1945, PELA PRIMEIRA VEZ anunciou, num artigo intitulado "A Santidade do Sangue", que "a transfusão do sangue *humano* constitui violação do concerto de Jeová, *ainda que esteja em jogo a vida do paciente*". (Grifos nossos). Isto significa que a vida humana pouco ou nada vale para os fanáticos jeovistas.

Esta nova "revelação" provocou uma onda de veementes protestos da classe médica estadunidense, pois o médico, fiel ao juramento profissional, é levado a salvar a vida humana quando esta corre perigo, e não é lícito que se lhe oponham barreiras ao desempenho de seu mister. Certo. Rigorosamente certo.

Tenho, em recortes de jornais e publicações outras, uma dezena de fatos lamentáveis e criminosos em que as "testemunhas de Jeová" *permitted conscientemente e deliberadamente* a morte de entes queridos, cuja sobrevivência dependia apenas de uma transfusão de sangue. Em

outras casos precisou a polícia e a justiça intervirem para que se evitasse uma morte iminente. E as "testemunhas" se vangloriam disso.

A própria revista *Awake* (Desperta) de 22 de janeiro de 1952, página 160, LOUVA a atitude de certa mãe (Sra. Hazel) que se recusou a concordar com uma transfusão de sangue que afinal salvou a vida de seu filho Jônatas que se esvaía em consequência de hemorragia, agravada por um apêndice herniado. Um mandado judicial retirou-lhe o filho, e o materno poder.

Outro fato, dentre as muitos, foi o relatada pela jornal *New York Daily News*. Jovem casal impediu a transfusão de sangue no filho de nove anos. O médico protestou e chamou a autoridade para intervir, mas ... tarde demais. O menino morreu. o pai, Thomas Grzyb, declarou: "Foi a vontade divina. Cumpri a lei de Deus. Se me chamam assassino, esta é vontade de Deus".

O mesmo jornal, edição de 27 de abril de 1952, relata outro fato em que o pai e dois irmãos de uma mulher gravemente ferida foram presos por impedirem ao médico de proceder à transfusão de sangue na paciente, sendo que esta, não sendo "testemunha de Jeová" desejava a medida heróica.

Também no Brasil tem ocorrido casos desses, e as autoridades têm intervindo, como o do menino Dario Manequine.

Fundamento "Bíblico" da Heresia

O pensamento jeovista sobre este assunto baseia-se unicamente numa interpretação errônea, livre., extra-contextual e inteiramente descabida *das regras do sacerdócio levítico pertinentes ao sangue sacrificial* DOS ANIMAIS. Citam livremente os versículos, sempre isolados do contexto, sempre separados do assunto a que se prendem.

Passemos uma ligeira revista aos principais textos que costumam citar, e examiná-los honestamente dentro da contextuação em que aparecem:

Gên. 9:4 – "Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis".

Quem disse aos jeovistas que isto se refere à transfusão de sangue? Após o Dilúvio, não havendo ainda vegetação suficiente para alimento, Deus diz a Noé que, naquela contingência, podia usar alimentação cárnea, porém com o cuidado de tirar-lhe previamente o sangue. Não há aí nenhuma alusão, nem remota ao sangue humano, e muito menos se refere a transfusões. O assunto é carne de animais. O assunto é alimentação por via oral. É comer, digerir, alimentar-se.

Lev. 3:17 – "Estatuto perpétuo será durante as vossas gerações, em todas as vossas moradas: gordura nenhuma nem sangue jamais comereis".

Primeiramente o adjetivo "perpétuo", empregado no hebraico é **holam**, e significa duração enquanto durar o fato a que se junta. As festas judaicas, luas-novas, páscoa, o sacerdócio arônico, etc. também eram "estatuto perpétuo", mas não se celebram mais.

Em segundo lugar a proibição, no texto em tela, também se aplica ao consumo de gordura animal, e os jeovistas ainda não resolveram inventar um dogma sobre isso, para serem coerentes.

Em terceiro lugar, o texto acima refere-se a ofertas queimadas, e a parte dela que devia ser COMIDA, com exceção da gordura e também do sangue. Estas razões serão explicadas mais adiante, mas o assunto ainda é alimentação via oral, e pertinente à carne, gordura e sangue de ANIMAIS. Nada de humano. Nada de transfusão. Leiam-se os versículos anteriores, com isenção de ânimo, e ter-se-á o sentido exato. Para que distorcer?

Lev. 7:27 – "Toda Pessoa que comer algum sangue, será eliminada de seu povo".

Por que as "testemunhas" não apresentam o contexto? O versículo anterior dá claramente que é sangue DE ANIMAIS: "Não comereis sangue em qualquer das vossas habitações, **quer de aves, quer de gado**". (Grifos acrescentados). Não há a menor referência a sangue humano, e obrigar a significar transfusão é afirmar que minha avó é

bonde elétrico! O assunto é alimentação por via bucal, refere-se a comer e digerir, e não a sangue transfundido.

Lev. 17:10, 11, 14 – "Qualquer homem da casa de Israel, ou dos estrangeiros que peregrinam entre eles, que comer algum sangue, contra ele me voltarei e o eliminarei do seu povo". "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida". "Porquanto a vida de toda carne é o seu sangue; por isso tenho dito aos filhos de Israel: Não comereis o sangue de nenhuma carne, porque a vida de toda a carne é o seu sangue; qualquer que o comer será eliminado".

As "testemunhas" costumam disparar estes três versículos juntos, e com muita ênfase, para tentar provar a tese contra a transfusão sangüínea, mas **com deliberada má fé**, porque OMITEM o contexto. Porque saltam exatamente o versículo 13 que esclarece: "Qualquer homem que caçar ANIMAL ou AVE **que se come, derramará o seu sangue, e o cobrirá com pó**".

Aí está o sentido correto. É simplesmente o que a Bíblia diz. A Bíblia em lugar algum se refere a comer sangue humano, e isto porque não havia canibalismo entre os israelitas. A lei de Deus tem um mandamento "Não matarás", no qual incorre inclusive quem permite que outros morram quando pode salvar-lhes a vida, como no caso da transfusão de sangue.

Deus abominava e abomina a antropofagia. "Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu". Gên. 9:6. Aqui se refere ao homicídio e não às transfusões. Deus proíbe sacrificar pessoas a Moloque. Lev. 20:1-5. Portanto todos os sacrifícios abonados por Jeová eram de animais, e o sangue destes animais não devia ser ingerido como alimento.

Lev. 19:26 – "Não comereis coisa alguma com sangue".

A ordem é não COMER carne com sangue. Carne de animal. Não há referência a transfusões.

Atos 15:20, 29; 21:25 – São três versículos do Novo Testamento, idênticos na enunciação "que se abstenham (...) da carne de animais

sufocados e do sangue". "Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados (...)". "Quanto aos gentios que creram (...) que se abstenham das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, da carne das animais sufocados (...)".

Será que Tiago, na primeiro verso, estava aconselhando os cristãos que se abstivessem de comer sangue **humano**? Se foi assim, então havia canibalismo ou antropofagia na igreja primitiva. A referência, nos três versos, é à carne animal, comida como alimento. Sempre evitar de ingerir o sangue.

Por aí se verifica que tudo resulta de falsa interpretação de textos que se relacionam com carne de animais. É verdade que Deus proíbe comer o sangue, bem como a gordura dos animais. Que razão havia para isso?

Vamos dar a palavra a um cientista de renome e cristão, o douto Prof. Flamínio Fávero. Diz ele:

"1. Fundamentalmente [não se deve comer sangue] para inspirar ao homem o respeito pelo sangue. É prescrição, assim, de **caráter** moral. Pelo sangue se respeita a vida, de que o mesmo é símbolo e até sede...

"Quando se toma um animal morto violentamente, escorrendo sangue, tem-se a impressão de que a vida ainda lateja naquela carne quente, e que essa vida se extingue justamente quando se for a última gata de sangue.

"O corpo humano tem grande porção de sangue, cerca de 1/13 do seu peso, ou sejam 5 litros para um peso de 65 quilos. Quando aberto um vaso, há hemorragia, e a morte sobrevém desde que a metade desse líquido se perca. Pelo mecanismo chamada dessangramento, processa-se uma anemia aguda, de graves conseqüências, que apenas uma injeção de **outro sangue**, de TIPO ADEQUADO, pela transfusão, pode combater.

"O sangue é a vida...

"E é pela circulação desse líquido que se realizam todas as trocas vitalizadoras nos lugares mais distantes e escondidos da economia orgânica.

"Bem cabe ao sangue, pois, a sinonímia, que a Bíblia lhe empresta, de **vida**. (...)

"Enquanto tiverem [os animais] sangue têm resquílios de vida. E a vida não nos pertence, não é nossa..."

"2. Em paralelo com essa prescrição **de caráter eminentemente moral**, que apela para o respeito ao sangue, está outra de aspecto **higiênico**. (...) A quebra de preceito de higiene pode redundar em males gerais e individuais e, neste último caso, quando são capazes de atingirmos, lembramo-nos de evitá-los. (...)

"O sangue não deve servir de alimento, porque é bastante indigesto, pelas albuminas bem resistentes dos seus glóbulos vermelhos e, ainda, pelo teor elevada de pigmento ferruginoso que os mesmos contêm. É desse pigmento, a hemoglobina, que deriva a cor vermelha especia¹ que caracteriza o sangue dos mamíferos. E conforme a sua pobreza no mesmo, fala-se em maior ou menor grau de anemia, necessitando ser tratada por medicamentos contendo ferro ou que facilitem a sua fixação adequada.

"Como se não bastasse ser indigesto, o SANGUE SE CORROMPE FACILMENTE, **putrefazendo-se. Basta sair dos vasos** que o contêm, para coagular-se, dividindo-se em uma parte sólida – o coelho e outra líquida – o soro. E ENTÃO, NÃO TENDO MAIS VIDA, OS GERMES PUTREFATIVOS INVADEM, TRANSFORMANDO-O INTEIRAMENTE, DANDO-LHE ASPECTO E CHEIRO REPELENTES. Compreende-se logo o que vai de perigoso no uso de **alimento corrompido**, cheio de toxinas venenosas, que causam grave dano à saúde e até a **morte**. Daí a sabedoria da Bíblia, mandando derramá-lo na terra, que o absorve. (...)" (Os grifos e versais são nossos). – Excertos extraídos do artigo intitulado "Não Comereis o Sangue de Qualquer Carne (...) na seção "Religião e Ciência", em **Fé e Vida**, de março de 1939, pp. 16 e 17).

Falou a ciência autorizada. Uma coisa é o alimentar-se, por via oral, do sangue de animais, que não deve passar pela química digestiva, tal o perigo que oferece à vida, e outra muito diferente é renovar a corrente circulatória, com o mesmo elemento que a compõe, depois da classificação técnica do tipo sangüíneo, repondo o sangue perdido, evitando a morte do paciente.

Quando ocorre uma transfusão, não se trata de *comer* sangue humano, nem de alimento, mas de reabastecimento circulatório, uma

dádiva feita num espírito de misericórdia e caridade. As estatísticas da Cruz Vermelha, por exemplo, atestam que milhões e milhões de vidas preciosas foram salvas pela transfusão. Ao passo que, por outro lado, quantas vidas são ceifadas por falta de uma transfusão.

A Bíblia diz: "Não matarás". Negar por vontade própria a transfusão salvadora, é *matar*, é transgredir a lei de Deus! E disse Jesus: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor de seus amigos". S. João 15:13. E a vida é o sangue porque o sangue é a vida!

Quem quer que leia os Evangelhos, com espírito contrito, sem pensar nas extravagantes interpretações das "testemunhas de Jeová", ficará impressionado com a atitude de Cristo em face do sofrimento alheio. Compadecia-Se dos doentes, curava-os, confortava-os onde os encontrasse. E nós, como servos Seus, como Suas testemunhas, devemos ter o mesmo espírito para com os doentes. Lemos em I João 3:16 que "devemos dar a vida pelos irmãos".

As "testemunhas de Jeová" não mantêm NENHUM hospital, nenhuma instituição de assistência social. Dizem que a missão deles é restaurar o nome de Jeová e não fazer caridade. Que a melhor caridade é fazer prosélitos. Mas quando está em jogo a vida humana, se depender de uma transfusão de sangue, não a aceitam nem a dão, e ... que morra o paciente! Para eles a lei "Não matarás" foi abolida!

O Sr. Roger Baldwin, quando presidente da União das Liberdades Cívicas Americanas (*American Civil Liberties Union*), num trabalho publicado na revista *Collier's*, de 2 novembro de 1946, em certo ponto declara: "Procurando contestar, nos tribunais, todas as restrições que há sobre eles, estas Testemunhas de Jeová... na verdade não têm servido a causa de seus semelhantes, a quem odeiam".

A revista "Seleções", em português, ao resumir essa declaração, omitiu a expressão "a quem odeiam". Mas ela está no artigo original da *Collier's*.

O Sr. Stanley High, escritor e ex-redator do *Reader's Digest*, num artigo que escreveu no jornal *Saturday Evening Post*, edição de 14 de setembro de 1940, assim conclui: "As Testemunhas de Jeová odeiam a todos, e procuram tornar este ódio recíproco".

Em seu livreto "*Jehovah's Witnesses*" W. R. Martin, à página 14, tratando deste assunto, tem o seguinte trecho:

"Para os que desejam mais prova documental sobre este ponto, indicamos as próprias publicações deles. A **Watch Tower** de dezembro de 1951, ler bem o que se acha nas páginas 731 a 733, nas quais as "testemunhas" demonstram a pior traficância do ódio. Outro material precioso sobre isto se encontra na mesma revista, edição de outubro de 1952, páginas 596 e 594, onde se aconselha às 'testemunhas' a manifestarem 'puro' ódio aos inimigos da Teocracia!"

O próprio "Juiz" Rutherford foi quem, primeiramente, aconselhou aos membros da seita a detestarem o próximo. Falando numa cadeia radiofônica, aconselhou as "testemunhas" a odiarem.

Num livro intitulado *Riquezas*, página 216, há esta frase: "O desejo do povo de Deus é ver os inimigos de Jeová DESTRUÍDOS ..."

Que Deus Se apiade das almas sinceras e iludidas que se acham nessa Babilônia!

OUTROS PONTOS ARREVESADOS

Este sistema eivado de erros, que é o jeovismo, tem em seu bojo coisas realmente desconcertantes. Passemos sucintamente em revista algumas delas, com ligeiros comentários.

Coisinhas

As chamadas "testemunhas de Jeová", não raro, fazem tremenda carga contra coisas destituídas de importância, provocando questões que os ingleses designam como *hair-splitting* (de rachar o cabelo no sentido de seu comprimento), devido à bizantinice que as caracteriza.

Vamos mencionar apenas duas, para se ver que o sistema é mais inconstante do que a água. A primeira refere-se à afirmação de que Cristo não tinha barbas longas. Era escanhado. Isto é uma afirmação livre. Nas ilustrações a bico-de-pena de algumas obras, eles representam a Cristo sem pelos no rosto. No entanto, nos livros de Rutherford há gravuras de Cristo com longas barbas, iguais às estampas clássicas. Por exemplo, no livro *Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão*, há várias figuras de Cristo com longas barbas e bigodes. Também o livro *Criação* traz figuras de Cristo com barbas longas... Portanto a "revelação" de que Cristo era imberbe, é nova na seita!

Outra é o pavor pela palavra "cruz". Não houve cruz, mas sim a "estaca" – berram hoje. Nos livros de Rutherford encontra-se cruz. Por exemplo, em *Criação*, página 160 encontramos esta expressão: "sendo obediente até a morte de *cruz*". E mais adiante: "mais tarde, no mesmo dia, Jesus foi *crucificado*". Rutherford emprega ainda as palavras "cruz", "madeiro", "crucificar" e semelhantes.

Com a teoria de "revelação progressiva para este tempo", eles irão longe...

Sombrias Perspectivas de Salvação

A cavilosa teoria da seita dogmatiza que, na primavera de 1918, Cristo *apareceu* no templo de Jeová como Mensageiro, e iniciou-se o julgamento, o qual ainda está em processo, primeiramente designado para a "casa de Deus", e a seguir para as nações. E a execução desse juízo se fará na explosão definitiva do sanguinolento Armagedom, iniciando-se então o milênio, sendo a última data o ano de 1975.

A salvação para as "testemunhas" é coisa incerta e uma contemplação, pois para a esfera *celeste* há um número limitado de felizardos: 144.000. Muitos destes começaram a subir para o Céu, depois de ressuscitados espiritualmente, invisivelmente, a partir de 1918.

A esta altura dos acontecimentos pouca ou nenhuma esperança resta para os jeovistas militantes, pois, de um modo geral, crêem que *não têm mais possibilidades* de entrar no "Reino Celeste de Deus", porque o número dos 144.000 felizardos já se completou. Não há mais vaga. Então só lhes resta a salvação de segunda classe: esforçam-se por conseguir um lugar *na Terra*, onde poderão viver para sempre, trabalhando e procriando, tudo dentro das normas do Governo Teocrático de Jeová. Mas, mesmo para obterem esse prêmio de consolação, resta-lhes uma grande prova: terão que *sobreviver ao Armagedom*.

Muitos deles vivem amedrontados diante de tão sombria perspectiva. São pobres "retardatários", e se darão por muito felizes se tão-somente puderem ser contados entre a "Grande Multidão" terrena. E como têm dúvidas quanto a serem salvos na batalha dantesca do Armagedom, não podem necessariamente ter à certeza da vida eterna nem o gozo do Espírito Santo.

Não é esta evidentemente a salvação bíblica, de que temos a certeza ao cremos em Jesus, aceitando-O como nosso Salvador pessoal.

Em suma, o esquema do Novo Mundo jeovista é o seguinte:

1.º No Reino Celestial, o "pequeno rebanho" dos privilegiados 144.000 seres espirituais.

2.º Na "Terra Nova" estarão os seres carnis: a) os fiéis da antigüidade, ressuscitados, que serão "príncipes"; b) a "grande multidão" sobrevivente do Armagedom, as "outras ovelhas", os "Jonadabes". Casar-se-ão, terão filhos e repovoarão a Terra.

3.º Finalmente os "injustos" ressuscitam para a segunda oportunidade, e então: a) os que provarem sua integridade, passarão a enquadrar-se no Governo Teocrático; b) os que mantiverem a rebeldia, e não forem aprovados no teste, serão no final do milênio, durante a soltura de Satanás, destruídos, aniquilados.

Fica entendido que os ímpios, os "iníquos voluntários" jamais ressuscitam. A morte foi seu único quinhão. Fica entendido também que Cristo será o Rei do Novo Mundo, governando-o da esfera celeste.

Evidentemente a escatologia bíblica não é esta. Ela nos dá a certeza da vida eterna. Em pouquíssimas palavras diremos:

Aguardamos, esperançados e radiantes, a volta visível, literal e corpórea de Jesus, quando terá lugar a ressurreição dos justos, e o arrebatamento da igreja. S. João 5:28 e 29; 1 Tess. 4:13-18; Apoc. 20:5-10; S. João 14:1-3; Apoc. 1:7; S. Luc. 21:25-27; 17:26-30; Atos 1:9-11; Heb. 9:28; S. Tia. 5:1-18; II Tim. 3:1-5; S. Mat. 24:36 e 44; Joel 3:9-16; Dan. 7:27.

O milênio se segue a estes acontecimentos, e em seu transcurso, os santos de todos os tempos viverão no Céu com seu bendito Redentor. No fim do milênio, a Cidade Santa, com todos os santos, descerá para a Terra. Então ocorre a segunda ressurreição, a dos ímpios. Satanás, sendo solto, à frente dos ímpios ressuscitados e com eles subirão sobre a largura da Terra, a fim de sitiá-la a cidade dos santos, quando do Céu descerá fogo de Deus, e os devorará. E na conflagração que destrói Satanás e suas hostes, a própria Terra será regenerada e purificada dos

efeitos da maldição. Assim o Universo de Deus será purificado da horrível marcha do pecado. Apoc. 20; Zac. 14:1-4; II S. Ped. 3:7-10. E finalmente Deus renovará todas as coisas. A Terra, restaurada à sua prístina beleza, tornar-se-á para sempre a habitação dos santos do Senhor, imortais, glorificados. Cristo reinará supremo. Gên. 13:14-17; Rom. 4:13; Heb. 11:8-16; S. Mat. 5:5; Isa. 35; Apoc. 21:1-7; Dan. 7:27; Apoc. 5:13. É a salvação eterna. Gloriosa. A herança dos santos na luz.

A Expição no Sistema Jeovista

Segundo o obtuso ensino da seita, Cristo, antes de Sua vida terrena, era um espírito *criado*, chamado Miguel, a primeira das criações de Deus, e por Ele as "outras coisas" foram feitas. Na Terra, Jesus teve um nascimento carnal, mortal *mas não uma encarnação*. Foi um ser humano perfeito igual a Adão antes da queda. No batismo foi "gerado" Filho espiritual, e isto precisaram inventar a fim de combinar com a teoria segundo a qual, na ressurreição, Ele Se levantou espiritualmente, ou, como dizem, "ressuscitou em espírito".

E a fim de se livrarem das dificuldades que o relato dos evangelhos lhes põe à frente, dizem que Jesus teve de materializar-se para aparecer aos discípulos, e a seguir Se desmaterializava. Assim o fez várias vezes, mesmo na ascensão. Na morte de Jesus desapareceu Sua natureza humana e, como prêmio da obediência, Deus lhe deu uma *natureza espiritual* divina. Tendo sido na Terra nada mais que um homem, *o efeito expiatório de Sua morte* foi apenas o de um ser humano. Cristo morreu como preço de resgate em favor dos obedientes, e essa "expição", muito precária, apenas garante aos homens viverem na Terra, no Novo Mundo, sem nenhuma aspiração celestial. É uma redenção humana.

Eis o que, a respeito, escrevem no *Seja Deus Verdadeiro*, p. 111:

"Aquilo que se perdeu foi a vida **humana** perfeita, com Seus direitos e perspectivas **terrestres**. Aquilo que se redime, ou que se compra de

novo, é o que foi perdido, a saber, a vida **humana** perfeita com seus privilégios e prospectos **terrestres**". (Grifos nossos).

Quer dizer que a substituição que Cristo realizou foi totalmente humana!

A Bíblia não diz isso. O que o homem perdeu foi a glória original, a comunhão direta com Deus, a vida eterna, a imagem e semelhança divinas, a felicidade suprema. O preço pago na cruz restaura tudo isto, pois reconcilia o homem com Deus. A expiação remove os pecados, provê o perdão, torna o homem "co-participante da natureza divina" – II S. Ped. 1:4. A palavra "expiação" (Rom. 5:ii) é tradução de *katallage* que também significa reconciliação, religamento. O homem por ela é readmitido na família de Deus.

A fim de melhor compreendermos a expiação feita na cruz, é preciso ter em mente a expiação típica, sacrificial no santuário terrestre, onde se imolavam sacrifícios **diários**, mas que culminava no Dia da Expiação **anual**, no décimo dia do sétima mês – verdadeiro dia de juízo, em que se fazia a remoção total dos pecados. Era oficiado pelo sumo sacerdote, que, com sangue de animais imoladas, adentrava o Lugar Santíssimo (segunda câmara da tabernáculo), onde o **shekinah** (clarão da glória divina) aprovava a expiação. Depois simbolicamente os pecados se transferiam para o bode emissário que desaparecia no deserto. Tudo isso era típico.

O antítipo foi a expiação feita por Cristo – Vítima e Sacerdote (Cordeiro Deus e Sumo Sacerdote) que, na cruz, verteu o sangue, e como Sumo Sacerdote entrou no santuário antitípico, no Céu, para, com Seu sangue, pleitear em favor dos que se convertem e Lhe suplicam perdão.

"Cristo, como Sumo Sacerdote (...) pelo Seu próprio sangue entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção (...)". Heb. 9:11, 12.

Em Heb. 8:1, 2; 9:1, 8 se descreve o santuário antitípico, onde os benefícios da expiação na cruz são aplicados às almas sedentas da salvação e que se apegam ao Mediador.

Reiteramos: a verdadeira expiação bíblica remove o pecado, satisfaz a justiça de Deus, outorga a salvação ao pecador – pois a justiça de Cristo lhe é imputada – e tudo se opera na graça de Deus e pelo poder de Cristo através do Espírito Santo. A expiação foi completa e eficaz. Quando o pecador arrependido entra espiritualmente em contato com Jesus, Jesus lhe ministra os benefícios de Sua expiação. Os resultados da expiação finalizam na glorificação que ocorrerá quando Ele voltar: a herança dos santos na luz.

Graças a Deus que é assim.

Religião Organizada

Clamam as "testemunhas" que toda religião organizada tem a Satanás como patrono. A delas, porém, é um sistema papalino, centralista, totalitário. Senão vejamos, citando seus órgãos diretivos em ordem decrescente. A religião jeovista tem o seguinte sistema jurisdicional:

1.º – SOCIEDADE TORRE DE VIGIA – sede mundial, em Brooklyn, EE.UU. É o supremo comando da organização, órgão absoluto, infalível um presidente a dirige.

2.º – ZONA – regiões do mundo – há cerca de duzentas. São dirigidas por "servos de zona".

3.º – FILIAL – em cada país – dirigidas por "servos de filial".

4.º – DISTRITO – região do país – são dirigidos por "servos de distrito".

5.º – CIRCUITO – conjunto de congregações, aproximadamente 20 – dirigidos por "servos de circuito".

6.º – CONGREGAÇÃO – conjunto dos fiéis ou "ministros" que se reúnem em "salões do reino", e onde funcionam os "centros de serviço". Dirigidos por superintendentes. Fazem orações. Há um sistema de ofertas voluntárias, depositadas numa caixa que há no salão. Os crentes, pelo batismo, se tornam "ministros".

Há inclusive ministros de tempo integral que recebem a literatura por preço inferior ao custo e, vendendo-as têm lucro e ganham a vida. Em alguns casos, adicionalmente podem perceber uma ajuda nominal da Sociedade.

Ora, tudo isto é eufemismo, palavras que ocultam idéias. Usando outra terminologia, diríamos que o n.º 1 seria uma *associação geral*, um supremo concílio; o n.º 2 seria uma *divisão*, uma sede continental; o n.º 3 seria uma *união*, um símbolo, a igreja no país; o n.º 4 seria uma *associação*, uma *missão*, concílio regional, presbitério; o n.º 5 seria um grupamento regional de igrejas, um concílio menor; o n.º 6 seria a *igreja*, reunida em casa de adoração, de culto, de oração. O superintendente, uma espécie de pastor, embora digam não haver isso nas Escrituras. São obreiros, alguns de tempo integral que percebem *ganhos*, sustento mesmo, pelo trabalho exclusivamente missionário que realizam. Ensinam doutrinas. Reúnem-se coletivamente. Batizam em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, embora neguem a Trindade. Celebram a santa ceia uma vez por ano. Editam livros e folhetos religiosos. Editam e vendem bíblias. Realizam catequese nas ruas e nos lares. Pretendem ter a verdade e salvar a humanidade. Mas *não* são uma religião porque toda religião organizada é do diabo...

O leitor que tire as conclusões!

CRUZ OU ESTACA?

Cristo morreu pregado numa cruz ou num poste? A bem da verdade deve dizer-se que originalmente a "cruz" não era o que hoje se entende por ela, mas compunha-se de uma só peça de madeira ou poste, terminado em ponta. Denominava-se em hebraico *'es* (pau) e aparece na Bíblia, pela primeira vez em Gên. 40:19. José disse ao padeiro que ele seria pendurado num madeiro. A palavra *'es* aparece também em Jos. 8.89, onde lemos que Josué mandou retirar do madeiro o cadáver do rei de Ai. Também a forca de Mordecai (Ester 5:14) é designado como *'es*. Posteriormente os latinos ao descreverem esse madeiro, denominavam-no *acuta crux*. Temos essa designação em Sêneca, *Epístola XVII*, 1, 10, referindo-se especificamente a esse instrumento de suplício.

Há, contudo, entre os autores latinos, referências muito claras a outra espécie de instrumento de execução, designado simplesmente por *crux*, sem o modificativo *acuta*. E alguns são mais explícitos e mencionam que essa *crux* se compunha de *duas peças de madeira*. A mais sólida prova temo-la nas citações de Plauto (comediógrafo e poeta cômico latino – 254-184 A.C.) Portanto, dois séculos antes de Cristo ele descrevia a cruz como tenda duas peças. A maior era o *stipes*, o esteio, o tronco mais longo e pesado, que se fincava no solo. A menor era o *patibulum*, a travessa da cruz (também chamada *antenna*).

Um texto de Plauto acha-se em *Mostellaria*, livro I, 1, 56, que diz textualmente: *"Ita te ferabunt patibulutum per vias stimuli"*. (Deste modo carregaste teu *patibulum* pelas ruas sob açoites). Mais adiante: *"Tibi esse pereundum extra portam dispansis manibus, patibulum quom habebis"* (A ti, que hás de morrer fora da porta, de mão estendida, depois de trazeres o *patibulum*).

O mesmo autor clássico Plauto em sua obra *Carbonaria*, fragmento 2, faz outra referência à segunda peça da cruz. *"Patibulum ferat per urben deinde adfigatur cruci"* (O *patibulum* era carregado através da

cidade; em seguida pregado na cruz). Estas palavras foram escritas bem mais de um século e meio antes de Cristo.

Tertuliano, em fins do século II, em *Adversus Nationes*, livro II, afirma: "*Tota crux impatur cum antenna scilicet sua, et com illo sedilis excessu*". (Toda cruz, assim suspensa com sua verga atravessada, e nela sobressai o "assento").

Ternos, nas citações acima, primeiro o testemunho de um pagão, depois o de um pai da Igreja. Ambos viveram no tempo em que se crucificavam pessoas, e testemunharam a forma da cruz. Há também um testemunho que reputamos valioso.

Maternus Julius Firmicus, escritor latino pagão, que viveu no tempo de Constantino, afirma em sua *Mathematica*, VI, 31: "*Patibulo suffixus in crucen tollitur*". (O *patibulum* era pregado na cruz levantada).

Ainda segundo outra descrição de Plauto (*Cab. 2*) o *patibulum* ou trave da cruz era levada pelo réu simplesmente sobre o ombro, ou passando-o por detrás do pescoço, segurando a trave com as mãos, uma de cada lado.

Rehault de Fleury foi talvez o mais notável pesquisador da cruz. Consultou obras antigas, descrições, iconografias, viajou muito e, depois de longos anos de pesquisa, escreveu sua famosa *Mémoire sur les Instruments de la Passion*, que publicou em 1870, em Paris. E na página 73 dessa obra ele afirma que a cruz em que Cristo morreu era feita de uma árvore conífera – espécie de pinheiro oriental – e consistia de uma haste vertical e outra transversal. E, baseando-se em testemunhos comparativos, conclui que a cruz deveria ter o *stipes* (o tronco propriamente dito) de 4,80 m, e o *patibulum* (haste transversal) de 2,30 a 2,60 m. Seu peso era de cerca de 100 quilos.

Isto coincide com os dados de outro estudioso, Busy que, em sua nota ao Evangelho de S. Mateus (p. 371) afirma que as cruzes pesavam geralmente 100 quilos, sendo que 70 kg era o peso do *stipes*. Nesse caso, o *patibulum* deveria pesar cerca de 30 kg.

Outro paciente pesquisador da cruz foi Holzmeister. Em seu livro *Christus Dominus Spinis Coronatur*, p, 17 diz que a cruz constava de dois travessões: um vertical, chamado *stipes* ou *palus*, e outro horizontal, chamado *patibulum*. O *stipes* estava ordinariamente cravado no solo, no lugar do suplício.

A *Enciclopédia Católica* diz: "O *stipes* da cruz era erguido no local do suplício, fixado no solo antes da execução. Nenhum texto diz que a cruz era carregada inteira. Isto não seria possível no caso de Jesus, pois a cruz teria mais de 4 m e um peso tal que, não apenas um homem enfraquecido pela flagelação seria incapaz de levar, mas mesmo um homem são e robusto. Além do mais, isto exigiria muito trabalho, esforço e tempo sem nenhuma utilidade. O réu, na verdade, levava às costas somente o *patibulum* (...) A fixação do condenado na cruz era feita na cruz já montada. O condenado era fixado primeiramente no *patibulum* estendido no solo. A seguir era o condenado erguido pelos executores, o *patibulum* era encaixado ou pregado no *stipes*, e concluía-se com a cravação dos pés do condenado".

Outros testemunhos variam, afirmando que, outras vezes, o *stipes* já se achava fincado no chão. Com o auxílio de escadas os executores erguiam o réu já cravado no *patibulum*, e completavam o trabalho da execução. Esse pormenor, entretanto, é irrelevante. O que é fora de dúvida é que a cruz, desde antes da era cristã, compunha-se de duas peças, e assim o era a cruz latina.

E o "Staurós"?

Bem, os escritores gregos usam geralmente a palavra *staurós* para designar a cruz. Segundo o autorizado *International Standard Bible Encyclopaedia*, a palavra cruz tem duas designações no grego: *staurós*, "uma cruz", e *skólps*, "uma estaca", "um poste". Esta última indica especificamente uma estaca. A outra, ocasionalmente. Perto de dez dos melhores léxicos gregos são unânimes em definir *staurós* como: 1. pau;

2. paliçada; 3. estaca; 4. patíbulo; 5. instrumento de suplício; 6. cruz. Ora, é um contra-senso pretender que a palavra tenha apenas UM desses significados. Da mesma forma, o verbo *staurôô*, significa levantar uma paliçada, proteger com paus, empalar, crucificar. *Tau* é a designação grega da letra T. E o T assemelha-se à cruz. Há até um tipo de cruz exatamente com essa forma. A forma de um T ou, no grego, de um TAU. O verbo *sTAUroô*, etimologicamente significa "colocar num TAU" (isto é, num T). A palavra "tau" está dentro de *staurós* e *staurôô*. Daí o sentido de crucificar.

A cruz, pois, evoluiu, da simples estaca para o instrumento de suplicio com duas peças. O fato de Constantino ter exaltado a cruz ao ponto de tornar-se objeto de veneração, o fato de a cruz, entre os antigos povos pagãos, ter sido símbolo de fertilidade, dos órgãos de reprodução, e também das coisas ignóbeis, não invalida a veracidade histórica da forma da cruz. Prova apenas que Cristo sofreu a maior humilhação em ter de morrer sobre objeto tão indigno e infamante.

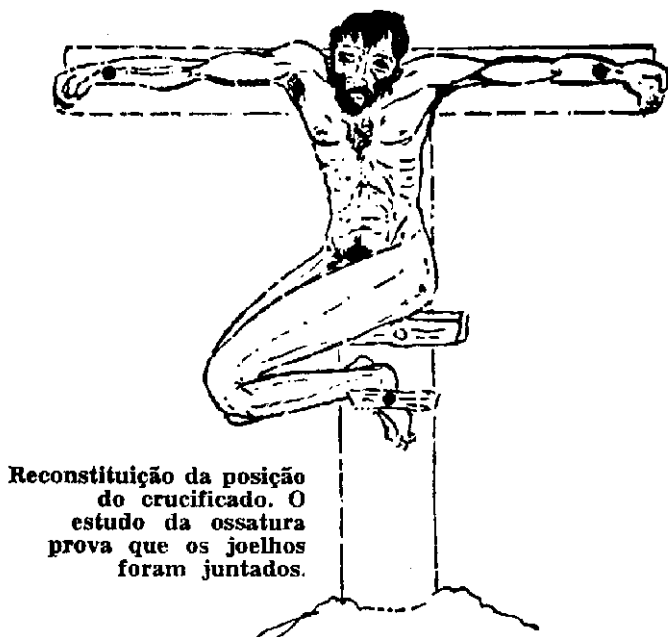
Primeiro Testemunho Arqueológico da Cruz

O mundo todo ficou emocionado com a notícia amplamente divulgada pelos meios de comunicação de massa. Em fins do ano de 1971, arqueólogos israelenses encontraram o esqueleto de um crucificado há cerca de dois mil anos. Esse achado foi minuciosamente estudado por especialistas, e trouxe muita luz sobre o suplício da cruz. Nas escavações que se faziam para uma construção civil, encontrou-se um túmulo muito antigo.

O Dr. Niqu Has, Diretor da Seção de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade Hebraica (uma das mais famosas do mundo) fez acurados estudos sobre o achado, concluindo que era de "considerável importância antropológica e histórica".

Segundo esses estudos, o crucificado tinha a estatura de 1,67m, e idade variável de 24 a 28 anos. No ossário havia inscrito o nome *Yehohanan*, forma hebraica do nome João.

Outro cientista, o Professor Vassilios Tzaferis, arqueólogo do Departamento de Antigüidades, da mesma Universidade, concluiu que a execução ocorrera no primeiro século da Era Cristã. E isto é muito importante, porque se pode estabelecer um paralelo entre esta crucificação e a de Cristo. A cruz ora descoberta tinha um minúsculo assento, ou *sedicula*, onde a vítima podia apoiar uma única nádega. Sua finalidade era evitar que o crucificado morresse mais rapidamente e, portanto, prolongar o suplício.



As observações anatômicas indicavam que o homem fora pregado na cruz na posição mais antinatural possível. Seus pés foram superpostos e pregados com um único cravo, ficando as pernas quase paralelas. *Um cravo foi pregado em cada pulso, o que contraria a suposição de alguns, de que as mãos receberam um só cravo, acima da cabeça, juntas*, como

se em vez de cruz fosse uma simples estaca ou poste, sem a travessa à altura da cabeça. Os joelhos foram dobrados, com o direito sobre o esquerdo, "os braços estendidos em sentido horizontal" e o tronco estava contorcido.

Estas palavras são reproduzidas de extenso artigo intitulado "Achado Esclarece o Suplício da Cruz" publicado em *O Estado de São Paulo*, edição de 05-01-1971. Ambas as tíbias do réu haviam sido fraturadas. Niqu Has concluiu que as pernas foram quebradas por algozes, talvez conto um golpe de misericórdia.

O grande arqueólogo **Siegfried S. Horn** também escreveu a respeito. Foi a descoberta arqueológica do século, igual em importância a do achado dos papiros do Mar Morto. Diz Horn, num trabalho sobre o acontecimento, intitulado *O Primeiro Testemunho Arqueológico da Crucifixão*, reproduzido em várias revistas especializadas:

"Verificou-se, depois de detido exame, que os cravos perfuraram não as palmas das mãos, mas sim os braços. Neste caso, o peso do corpo teria dilacerado os ligamentos de cada mão. A descoberta deste crucificado demonstrou que os braços e não as mãos foram perfurados cada um por um cravo".

Minucioso estudo dos vestígios das perfurações em ambos os antebraços da vítima, perto do pulso, revelou que ambos apresentavam o mesmo sinal de um cravo para cada antebraço. Fosse o caso de um só cravo para pregar os dois pulsos, o primeiro teria perfuração mais larga, e o segundo mais estreita, devido à forma afunilada e pontiaguda do cravo, o qual tinha 18 centímetros.

Parece que, em casos de muita robustez do réu, perfuravam-se os pulsos ou o antebraço; no geral, porém, perfuravam-se as palmas das mãos. Como ocorreu com Cristo.

ALGUMAS OBJEÇÕES CONFUTADAS

Enviar

O próprio fato de Deus ter "enviado" o Filho prova que este era outro ser, distinto do Pai, porque ninguém envia a si próprio.

Se lermos, com espírito despreconcebido, a revelação escriturística, só podemos entender que, na ocorrência incidental do plano da salvação, o Pai *enviou* o Filho para ser a propiciação pelo pecado, e o Filho *regressou para a glória* que tinha junto do Pai antes que o mundo existisse, e após esse regresso, Ele (o Filho) *enviou* também o Espírito Santo com a missão de aplicar a redenção aos homens. Contudo, este *enviar*, rigorosamente de acordo com o original é uma saída (gr. *exelthon*). Esta saída, convém acentuar bem, não foi apenas da presença de Deus (gr. *apó*, como está em S. João 16:30), ou da comunhão de Deus (gr. *pará*, como está em S. João 16:17), mas uma *saída do próprio Deus* (gr. *ek*, como está em S. João 8:42; 16:28). Afirmando que Seu lar eterno é junto de Deus, na intimidade do Ser Divino, revela que é um em substância com o Pai.

"Eu Hoje te Gerei"

Refere-se a Cristo, mas não no sentido de uma criação, ou de geração espiritual ocorrida por ocasião de Seu batismo. Notemos que as Escrituras aplicam a frase a vários eventos da vida de nosso Salvador.

1. À *Sua Encarnação*. Heb. 1:5 e 6. Leiam-se os versos juntos e o contexto.

2. À *Sua Ressurreição*. Atos 13:32 e 33. Ler junto a Rom. 1:3 e 4.

3. Ao *Seu Sacerdócio*. Heb. 5:5 e 6.

Convém notar que há expositores que vêm na expressão "Eu hoje Te gerei" uma aplicação clara ao Segundo Advento de Cristo. Por

exemplo. N. E. Vine, *Expository Dictionary of the New Testament*, vol. 4, p. 49, diz:

"[Em Heb. 1:6, a palavra **palin**, 'novamente'] é empregada corretamente no **Revised Version**, que assim verte: 'Quando Ele **novamente** introduzir o Primogênito no mundo'. Isto aponta para o Seu Segundo Advento, que é posto em contraste com o primeiro quando Deus **pela primeira vez** manifestou Seu Primogênito ao mundo".

Aliás, Rotherham, tradutor muito citado pelos jeovistas, assim transpõe Heb. 1:6: "Mas quando quer Ele introduzir novamente o Primogênito na Terra habitável".

E Weymouth assim verte o mesmo passo:

"Mas falando de um tempo em que Ele mais uma vez manifestar Seu Primogênito ao mundo".

Pensemos nisto: Se, neste texto, a palavra grega, *palin* (que quer dizer 'de novo, outra vez') está empregada em relação a *eisagage* (que quer dizer "introduzir") então não há dúvida de que a referência é mesmo à Segunda Vinda de nosso Senhor.

Mas – dirá algum leitor – e a referência ao batismo?

Sim, podemos também extrair uma inferência ao batismo. Não uma afirmação direta. Em S. Luc. 3:22 lemos: "Tu és Meu Filho amado, em Ti me tenho comprazido". A *Revised Standard Version* traz um rodapé com esta indicação: "Eu hoje te gerei". Os principais códices não trazem esta frase, exceção feita ao Códice de Beza. E alguns Pais da Igreja a ele se referem, como Justino (*Diálogo com Trifo*, cap. 103), e Clemente da Alexandria (*Instrutor*, cap. 6). Convenhamos que são bases muito precárias.

Atenção para este fato: os jeovistas rejeitam a legitimidade do texto de I S. João 5:7 pelo fato de não estar em códices antigos. A mesma precariedade ocorre com a inclusão de "Eu hoje te gerei", em S. Luc. 3:22. E ainda que a expressão se aplique ao batismo, não é exclusiva do batismo, nem prova uma "geração espiritual". Esta é a verdade!

Há autores credenciados que aplicam Heb. 1:6 também à Investidura e Coroação de Jesus, na restauração de todas as coisas

"O Primogênito de Toda a Criação"

Retornamos ao tema de Col. 1:15 para esclarecimentos suplementares. Primogênito (gr. *prototokos*) nunca significou exclusivamente o "primeiro nascido", mas, em virtude das implicações de ordem jurídica advindas do privilégio da primogenitura, passou a designar *pessoa eminente, dotada, respeitável, digna de atenção especial*, e isso já nos velhos tempos bíblicos. Exemplos:

a) Êxo. 4:22 – "Israel é Meu filho, **Meu primogênito**" Contudo Esaú nasce antes de Jacó (Israel). Referindo-se ao povo israelita o sentido é de **predileção**. Não se trata de primogenitura física.

b) Jer. 31:9 – "Efraim é **Meu primogênito**". Contudo Manassés nasceu antes de Efraim. A referência de novo é de predileção.

c) Sal. 89:20, 27 – "Encontrei Davi, Meu servo. (...) Fá-lo-ei por isso, **Meu primogênito**". No entanto, Davi era o último filho de Jessé. Houve sete antes dele. Por que, então, se tornaria **primogênito**? Evidentemente o sentido não é de descendência.

d) I Crôn. 26:10 – "Sinri, a quem o pai constituiu chefe, ainda que não era o primogênito". Por onde se vê que **prototokos** tem significado mais amplo do que descendência física. No caso de Efraim, por exemplo, que foi considerado primogênito sem sê-lo fisicamente, o sentido nos é dado, de modo irrefutável, em Jer. 31:20, onde lemos: "Efraim, meu precioso filho". Predileção, honra especial, isto é o que significa.

e) I Crôn. 5:2. José foi considerado primogênito, embora fosse o undécimo filho. Dirão que a primogenitura pode perder-se por indignidade. Então mais uma razão para não se firmar numa base precária para aplicá-la com exclusividade a Cristo.

f) Notemos que o próprio Salomão embora não fosse o primeiro filho, teve as prerrogativas da primogenitura e foi escolhido sucessor de Davi.

Estabeleçamos uma comparação da primogenitura, seus privilégios e Cristo, para melhor compreendermos a razão por que Cristo é designado como "o primogênito".

PRIMOGENITURA

1. O Primogênito gozava o direito de **dominação**, autoridade igual a do Pai sobre os irmãos. Gên. 25:23; 27:29.
2. O primogênito tinha o privilégio do **sacerdócio**. Núm. 3:12, 13; 8:18.
3. O primogênito era **herdeiro preferencial**, com porção superior aos demais. Deut. 21:17.

CRISTO

1. O **domínio** pertence ao Messias. Gên. 49:10; Rom. 8:29.
2. Cristo é **sacerdote**. Sal. 110:4; Heb. 5:6; 7:21; 4:14.
3. Cristo é **herdeiro** de todas as coisas. Heb. 1:2; Rum. 8:17.

Em Cristo se reúnem TODOS os privilégios da primogenitura. O domínio, a porção dupla da herança, respeitabilidade, sacerdócio, tudo isso foi atribuído a Jesus num sentido muito mais amplo e completo. Mas não que fosse *primeiro filho*.

Convém lembrar que a palavra "primeiro." nos veio do latim "primus", (através de "primarium") e ela mesma, além de ser um número ordinal, tem também o sentido de eminência, distinção, privilégio, favorecimento, prestígio. O primeiro aluno da classe é o mais distinto, aplicado e sábio. O chefe de gabinete nos regimes parlamentaristas é chamado Primeiro Ministro. Quantos *primeiros* ministros houve, por exemplo, na Inglaterra? E ainda hoje, se elegerem um, continuará sendo chamado *Primeiro* Ministro, porque a palavra *primeiro* indica preeminência, sua função importante, sua autoridade, sem nenhum caráter *ordinal*.

Que no latim "primus" tem sentido de importante, se comprova na expressão *primus inter pares* (o mais destacado entre os iguais).

A expressão grega de Col. 1:15: "*prototokos pares Ktiseis*", PODE SER CORRETAMENTE TRADUZIDA: "O Senhor de toda a Criação", ou ainda "O Originador de toda a Criação", como a traduziu Erasmo (original: *bringer forth*). Isto é, primeiro autor, "produtor original".

Importante: dizem as Escrituras em S. João 1:3: "Todas as coisas foram feitas por Ele [Cristo] e sem Ele NADA do que foi feito se fez". Vamos destacar esta última parte: "sem Ele [Cristo] NADA do que foi feito se fez". Vamos notar bem: "NADA se fez". "NADA FOI CRIADO sem Cristo". Então Ele mesmo NÃO FOI CRIADO, porque Ele criou tudo quanto foi criado, sem exceção de coisa alguma, de nada. Nada se fez sem Ele". A não ser que Ele Se criasse a Si próprio. Mas Deus é incriado; assim o Filho.

A Bíblia diz em vários lugares "O unigênito Filho de Deus", mas em lugar algum diz "O primogênito Filho de Deus". Isso é importante, e destrói a infeliz e sacrílega tese jeovista.

Para finalizar, em Rom. 8:29 aparece "primogênito" aplicada a Cristo, demonstrando de maneira inequívoca *Sua preeminência* e nunca, nem remotamente, a idéia de ser a primeira criatura feita por Jeová Deus. "A fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Não diz "dos irmãos", mas "entre muitos irmãos". Pode-se interpretar que Jesus é o primeiro nascido entre muitos irmãos?

Meditem nisto, os sinceros!

"O Princípio da Criação de Deus"

Diremos agora mais sobre Apoc. 3:14 que, no grego está: "**e arche tes ktiseos tou Theou**". Querem os jeovistas que "Arche" signifique um começo. No entanto, eles próprios, na primeira edição "New World Translation of the Christian Greek Scriptures", assim verteram S. João 1:1

– "Originalmente era a Palavra". "Arche" significa "origem", e o texto em lide porte ser corretamente traduzido "A origem da criação de Deus".

A palavra grega "arche" também significa "autoridade, principado" em S. Luc. 2:20; "governo" em Tito 3:1 (forma verbal); "governadores" em S. Luc. 12:11. Não estaria errada também a tradução: "O autor da criação de Deus".

Outra observação importante: a palavra grega "ktisis", traduzida por criação, tem nas Escrituras outros sentidos. Em II Cor. 5:17 e Gál. 6:15, por exemplo, refere-se à "criação espiritual", ao "novo homem" convertido, gerado pelo Espírito Santo através de Cristo. Com base neste fato, há intérpretes que afirmam que Apoc. 3:14 não se refere à criação original de todas as coisas, mas sim à *restauração da criação de Deus* pela obra redentora realizada pelo divino Filho encarnado.

De qualquer modo, nem remotamente se deve inferir ser Cristo uma criatura, a primeira. Isto é perverter as Escrituras!

Inferioridade do Filho

"Cristo é inferior ao Pai, pois disse: 'Meu Pai é maior do que Eu'. Isto prova que não podem ser iguais em essência."

O mesmo Jesus que disse: "(...) o Pai é maior do que Eu" também disse: "Eu e o Pai somos um". Se Cristo merece crédito quando faz a primeira declaração, também o merece quando faz a segunda. E o problema não se resolve pela negação de uma delas. Os jeovistas aceitam a primeira e distorcem a segunda, negando-a.

Liminarmente diremos que estamos diante de um texto que fala da *subordinação* do Filho. E antes de prosseguirmos convém acentuar que a Divindade tem, por assim dizer, Sua *economia* própria, Seu governo, e nesta economia, também por assim dizer, Deus Pai representa o "chefe". Isto em certo sentido. Ele é que *manda* ou *envia* o Filho, e *ordena* ao Espírito Santo. Ora, estas palavras, ou *ordens*, digamos, são *maneiras de*

dizer COISAS DIVINAS em *palavras humanas*. São modos de administrar que só podemos entender por comparação.

Cristo que deixara a glória do Céu, temporariamente, assumindo a forma de Servo, estava na Terra numa relação de subordinação e dependência do Pai. Disse: "O Filho por Si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer o Pai". S. João 5:19. Ora, Jesus não fazia, não porque "não podia", mas "porque *não devia*, pois não buscava Sua vontade, mas a do Pai" (S. João 5:30), e Sua comida era fazer a vontade dAquele que O *enviou* (S. João 4:34), Ainda no Getsêmani pediu que, se fosse possível, passasse dEle o cálice, mas que se fizesse a *vontade do Pai* e não a Sua (S. Mat. 26:39). Podia fazer, mas *não devia*. Foi obediente até á morte, e morte de cruz.

Considerando-se bem o estado de humilhação de Cristo, na Terra, explicam-se os textos em que Ele parece ser inferior ao Pai ou Seu subordinado, Amas, no mesmo texto que estamos considerando, S. João 5:19, Cristo remata: "Porque tudo quanto Ele [o Pai] faz, O FILHO O FAZ IGUALMENTE". E nesta última afirmação Ele Se considera *tão poderoso quanto o Pai*. Por conseqüência, quando afirma que o Filho, por Si mesmo, não pode fazer coisa alguma, não quer dizer que "não possa", mis tão-somente que "não deve", porque Sua glória depende de Sua obediência e submissão à vontade do Pai no plano da redenção do homem.

Na condição de encarnado, Cristo era subordinado ao Pai, e esta relação entre ambos se pode ilustrar com o "disco solar" e seus "raios", ambos são da mesma essência, mas, num sentido, o disco solar é *maior* do que seus raios. Assim o Pai era "maior" do que o Filho. O disco solar e os raios são, por assim dizer, coisas separadas, mas que formam uma só coisa. O sentido de "maior" é apenas aparente, resultante da situação funcional e da perspectiva do disco e seus raios.

Corretamente entendida a expressão "Meu Pai é maior do que Eu", encerra uma alta significação, pois somente coisas da mesma ordem de magnitude ou homogêneas podem ser comparadas. Nenhum homem ou

ser angelical jamais poderia dizer: "Deus é maior do que eu", porquanto os criados e os não-criados são de ordens diferentes! São heterogêneos! Somente Cristo, mesmo como servo, podia estabelecer comparação com o Pai.

Por este diapasão se aferem os demais textos relacionados com a subordinação ou humilhação do Filho, na Sua condição de homem.

Procedência do Filho

"A própria designação 'Filho DE Deus', 'Espírito DE Deus' indica procedência, derivação e, conseqüentemente, subalternidade. Por isso Filho e Espírito não podem ser Deus, porque derivam de Deus".

Isto é um argumento sibilino, baseado em postulações gramaticais *ocidentais*. As Escrituras empregam essas expressões no sentido semítico ou oriental de *identidade de natureza* ao invés de dependência ou subordinação, ou melhor, subalternidade.

O grande pesquisador, que foi Loraine Boettner, o confirma em *A Trindade*, página 64. Após exaustivas considerações de ordem filológica do espírito ocidental, conclui:

"É, sem dúvida, a consciência semítica que está por detrás da fraseologia das Escrituras, e **sempre que as Escrituras chamam a Cristo 'Filho de Deus' AFIRMAM A SUA DIVINDADE VERDADEIRA E PRÓPRIA**".

Para ser Filho de Deus é preciso que Deus seja Seu Pai. Lemos em S. João 5:18: "Por isso os judeus ainda mais procuravam matá-Lo, porque também dizia que Deus em Seu próprio Pai, FAZENDO-SE IGUAL A DEUS". Quer dizer que a "filiação" significa "igualdade". Não subalternidade.

O mesmo autor, à página 65 do citado livro, afirma:

"Os judeus, de acordo com o uso hebraico da palavra, tiveram razão ao compreenderem que à pretensão de Jesus de ser o 'Filho DE Deus' era equivalente a afirmar que era **igual a Deus**, ou, simplesmente Deus".

Invoquemos ainda a abalizada opinião do erudito Dr. Warfield, em *Bible Doctrines*, página 163:

"Em linguagem bíblica, **filiação** é simplesmente **semelhança**: tudo quanto o Pai é, o Filho o é igualmente. O termo 'Filho' afirma Sua **igualdade** com o Pai e não derivação. De igual modo, a designação 'Espírito de Deus' (...) é simplesmente o nome executivo de Deus, ou seja, a designação de Deus **do ponto de vista de Sua atividade**, o que importa em identidade com Deus. (...) Lemos em I Cor. 2:10, 11 '(...) o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus'. O Espírito é, pois, o substrato da autoconsciência de Deus. (...) Numa Palavra, Ele é o próprio Deus na essência mais íntima do Seu ser".

Poderoso e Todo-Poderoso

"Cristo era um poderoso deus, mas não o Poderoso Deus Jeová, porque em Isaías 9:6, no hebraico, não há o artigo diante na declaração "poderoso". Portanto, não se refere a Jeová".

Se isto fosse exato, o genial argumento dos jeovistas nos conduziria irremediavelmente ao biteísmo, ou seja, à existência de dois "poderosos deuses", o que seria o maior absurdo teológico. Porque:

a) Em Isaías 10:21 se lê: "Os restantes se converterão ao **Deus forte**, sim os restantes de **Jacó**". Neste texto também NÃO HÁ o artigo hebraico. E no entanto refere-se a Jeová. Sabemos que, conforme Êxo. 3:6, Jeová é o "Deus de Jacó", Portanto o Todo-poderoso. Pois bem, Isa. 10:21 é o mesmo caso de Isa. 9:6.

b) Em Jer. 32:18 se lê: "Tu és o grande, o **poderoso Deus**, cujo nome é Jeová dos Exércitos". Aqui há o artigo mas expressa a mesma idéia. Lemos em Miq. 5:2 que **as origens de Cristo são DESDE OS DIAS DA ETERNIDADE**.

e) Afirmar que Cristo era um deus poderoso e Jeová é um Deus Todo-poderoso, é puro biteísmo, pois o próprio texto vital da seita diz:

"Antes de Mim NENHUM DEUS se formou, e **depois de Mim NENHUM HAVERÁ**". Isa. 43:10. Não pode mesmo haver dois deuses. Nem um Todo-poderoso ao lado de outro apenas poderoso. Nem coisa alguma! Um Deus maior, criando outro menor. É inaceitável!

d) Observe-se que em todos os textos citados, a palavra hebraica que designa "forte" ou "poderoso" é **gibbor**. **El Gibbor**, "Deus forte". Ora com artigo, ora sem ele, mas sempre designando o Deus de Jacó. A distinção que os jeovistas pretendem fazer não tem fundamento

A União Pai-Filho

Quando Jesus disse: "Eu e o Pai somos um", deu a entender que unidade não significa um em pessoa e substância, mas que Pai e Filho trabalham unidos em harmonia e unidade, que assim também os membros da igreja devem viver em unidade, isto é, que também "seja um".

Primeiramente o texto de S. João 10:30, em que Jesus afirma, "Eu e o Pai somos um", NÃO ESTÁ na contextualização forçada pelos jeovistas, nem Jesus aí faz comparação alguma com unidade de membros de igreja. Ao contrário, ao dizer Ele estas palavras, imediatamente os judeus entenderam que Jesus Se igualava ao Pai, e tomaram em pedras para O apedrejar, e depois explicam o motivo: "pela blasfêmia, porque sendo tu homem, TE FAZES DEUS A TI MESMO". (Verso 33).

Se Jesus aí "deu a entender" alguma foi precisamente o ser da mesma substância que a do Pai. É verdade que a palavra usada para designar "um" é, no grego, neutra, o que não pode significar ser Ele e o Pai uma única Pessoa. Nem dizemos nós que Cristo e o Pai são uma única Pessoa. São o mesmo Deus, mas *duas* Pessoas distintas. É verdade que, sendo integrante da Divindade, Jesus também afirmava Sua unidade com o Pai em vontade, propósito, objetivos, mas podemos dizer com segurança que *o Pai Se achava detrás dos palavras e atos de Jesus*, ou a recíproca, que *Jesus Se achava à frente dos propósitos do Pai*, e Ele

reivindicou Sua Divindade. Pelo fato de em outra passagem das Escrituras, tratando de outro assunto, Jesus valer-Se da comparação de Sua unidade com o Pai para ilustrar a unidade dos discípulos, não se deve concluir que, no texto em tela, ocorra o mesmo. Isto é forçar as Escrituras a dizerem o que não dizem. Nem é honesta tal maneira de argumentar. A objeção, portanto, não procede.

Dagon Também é Elohim

Se os trinitaristas argumentam que o uso de Elohim com verbo singular significa que há mais de uma pessoa implicada, então a mesma coisa deve ser verdade quanto a Dagon, o deus-peixe, pois a ele também as Escrituras designam por Elohim.

Já demonstramos a inexistência do chamado "plural de majestade" na designação de Elohim, que é a forma plural de Elohá (Deus), mas a indicação de mais de uma Pessoa. A objeção acima não passa de argumento de fachada. Vamos pulverizar mais esta tolice.

1. É verdade que **elohim**, palavra hebraica, é empregada, embora raramente, em relação a ídolos – como no caso do bezerro de ouro – a deuses pagãos, ou mesmo a atribuições pessoais. Contudo é um fato irrecusável que as particularidades do emprego de uma palavra **nada tem a ver** com o seu sentido profundo e natural nas Escrituras. Por exemplo, o termo "homem" tanto se emprega em relação a um santo como a um demônio. Nem por isso perde o seu valor se a aplicarmos a Cristo que era a perfeição humana. Com relação a **Elohim**, pelo fato, de, esporadicamente, ser aplicado a coisas ou a seres inferiores, não destrói o fato de designar a Divindade.

Deus não repudiou este nome. Fica mal às "testemunhas" o quererem minimizar o termo **Elohim**, pois ele designa o próprio Jeová. Lemos em Deut. 6:4: "Jeová NOSSO ELOHIM é o único Jeová". Em outras termos, seja Elohim, seja Jeová, Deus é UM SÓ.

Pela lógica vesga das jeovistas, poderíamos devolver-lhes assim o "argumento": Se Dagon, o deus-peixe, chamado **elohim** é um ídolo, Jeová, por ser Elohim, também é um ídolo. Daqui não há fugir!

2. Embora em Gên. 1:1 se diga que "Elohim criou (bará) os céus e a Terra", lemos (v. 26) na criação do homem: "Disse Elohim: **Façamos** o homem à **nossa** imagem, à **NOSSA SEMELHANÇA**". Aqui o verbo aparece no plural, e no entanto a ação criadora **era a mesma** da do primeiro versículo do Gênesis. Ainda em Gên. 3:22, o mesmo **Elohim** diz: "Eis que o homem é como um de **NÓS**". Insistimos: por que este repetida pluralização de verbos e de pronomes?

Elohim, quando aplicado a Deus envolve pluralidade de pessoas, como plural de Elohá. É a revelação de Deus, e preferimos crer nela a aceitarmos as distorções dos jeovistas.

"No Princípio"

A expressão "no princípio", como é usada nas Escrituras, quer dizer "em um começo".

Aqui está outra tolice, que nem mereceria resposta. As "testemunhas" exploram muito a palavra "princípio". Querem que signifique um ponto de partida, e assim sendo, o Logos (Cristo) teve um começo, na época da Criação ou antes dela. Dizem que "o princípio da criação de Deus" se enquadra neste sentido. Já demonstramos o verdadeiro sentido dessa expressão, e se a analisarmos melhor veremos que o contexto apresenta *um agente*, o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira para *testemunhar* esta criação, o que dá a Cristo o sentido de Principiador ou "primeira causa" dessa Criação.

Para demonstrar a irrazoabilidade do argumento jeovista, basta atentar-se para o seguinte:

Em Apoc. 21:6 a palavra "princípio" *se aplica ao próprio Deus*, portanto é descabido concluir que "Deus teve um princípio".

Eis a comparação: Col. 1:18 "Ele [Cristo] é o princípio (...)". Apoc. 21:5. 6: "Aquele que está assentado no trono [Deus, o Pai] disse-me: Eu sou (...) o princípio (...)".

E há mais ainda: Em Apoc. 21: 6, Deus afirma ser o princípio "e o fim". E Apoc. 22:13, Cristo também afirma ser o princípio "e o fim". Seria curial concluir que tanto Cristo como Deus, o Pai tiveram um começo e terão *um fim*? Porque, para sermos coerentes, se "princípio" está em relação ao tempo, também o "fim" deverá estar.

A expressão "no princípio", de S. João 1:1, não tem o sentido limitado que as "testemunhas" querem. **En Archê** (no grego) não tem artigo definido, contudo é definido no significado. E se aqui se empregasse o artigo, o sentido implicaria determinado espaço de tempo ou um princípio. Sem o artigo definido, porém, e em contexto com os versos de 1 a 3 a frase significa, sem dúvida, o mais remoto tempo que se possa imaginar, ou melhor, um tempo mesmo inimaginável, imensurável, não sujeito a uma época de fixação, mas antes da criação de todas as coisas (verso 3), *antes de qualquer começo*, isto é, o passado da eternidade, anterior mesmo ao "princípio" de Gên. 1:1, sem limite nessa precedência.

Houve Encarnação?

Não houve encarnação, mas mero nascimento carnal de Jesus. Para encarnar-Se não teria sido necessário nascer como criança, mas simplesmente assumir um corpo como o fez depois da ressurreição.

Cristo, na verdade poderia ter vindo de várias maneiras, ou mesmo assumido um corpo adulto, mas as Escrituras revelam que ele Se encarnou. Não era mero nascimento carnal, porque se declara que fora gerado do Espírito Santo.

E sobre a encarnação, diz a Bíblia em Heb. 1:5: "Pelo que, entrando no mundo, diz (...) CORPO ME PREPARASTE".

Negar que Jesus veio em carne decorre da ignorância do verdadeiro sentido da expiação bíblica. Para redimir o *homem*, era necessário que o Filho de Deus Se tornasse *homem* no sentido completo, *passando pela completa experiência humana*, desde o nascimento até à morte. Tinha que desenvolver-Se "em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens". Tinha de enfrentar as tentações, inclusive as da infância, da juventude e da adultez. Do contrário não seria uma *Vítima humana* perfeita no plano da Expição.

A Palavra "Religião"

Não há na Bíblia a palavra "religião". A versão siríaca, em Tiago 1:26 e 27 verte "adoração" em lugar de "religião". Foi Satanás que inventou a religião.

Isto denota crassa ignorância do assunto, pois em Tiago 1:26 e 27 aparecem no original de versões mais autorizadas do que a siríaca:

a) "therskos" – adj. Ocupado com observâncias religiosas. No NT, religioso, devoto, pio. (**Harper's Analytical Greek Lexicon**).

b) "threskeia" – subs. Religião, piedade.

Também em Atos 26:5 aparece **threskeia** no mesmo sentido de religião. Imaginem os leitores, neste último texto, se faria sentido dizer-se: "... conforme a seita mais severa da nossa adoração" Portanto, não tem cabimento afirmar que "threskeia" signifique adoração.

Em sua conhecida obra didática do grego do Novo Testamento, Taylor, em acurado estudo dos vocábulos, conclui, às páginas 264, 363 e 378:

"**Threskos, threskeia** (religiosus), de culto expressa em atos de ritual, cuidado em observar prescrições religiosas. Atos 26:5; Col. 2:18 e especialmente S. Tia. 1:26 e 27".

"Serviço religioso e sem mácula diante de Deus e Pai é este: visitar órfãos e viúvas".

"**Threskeia** é o termo geral de reverência pela piedade. (...) Em Atos 26.5 o culto externo se usa como nome de todo o sistema do judaísmo".

Para indicar "adoração" o termo apropriado, no grego, seria "latreia". Tal, porém, não se dá no texto mencionado!

Deus é Um Só

Deus é um ser solitário, pois as Escrituras dizem: "Ouve, ó Israel, Jeová, nosso Deus é o ÚNICO Jeová". Deut. 6:4. Não pode haver mais de UM Deus.

Certo. Certíssimo. Não pode haver mais de UM Deus, e nós cremos que só há UM Deus, ao passo que os senhores jeovistas afirmam haver DOIS deuses, um maior (Jeová) que criou um deus interior (Jesus). São, portanto, *dois deuses*, não importa a "categoria" que inventam. A divergência, no fundo, é a seguinte: as "testemunhas" afirmam que Deus é uma *unidade solitária*, ao passo que as Escrituras revelam a Deus como uma *unidade completa*. Proclamam e a escritura hebraica diz, de fato, em Deut. 6:4: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" ou, segundo o original: "O Senhor é um", e o fazem visando a combater a Trindade.

Contudo, mais uma vez, o original desmascara a superficialidade deste recurso. No texto citado, a palavra "único, ou melhor "um' é *echod*, e NÃO INDICA uma "unidade absoluta" em muitas passagens através do Velho Testamento, e muitas vezes indica a "unidade composta", e isto constitui antes um argumento em favor da entidade da Divindade (Jeová).

Por exemplo, em, Gên. 2:24 está "deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne". No hebraico está *bosor ECHOD*. Por certo que isto não significa que no casamento os esposos se tornam *uma* pessoa, mas que se tornam *um* na unidade e, aos

olhos de Deus, são considerados *uma* pessoa. Notemos bem que isto é verdadeira unidade, contudo não uma "unidade solitária", mas uma "unidade composta".

Citemos outro exemplo. Os doze espiões que Moisés enviara a Canaã, voltaram trazendo um enorme cacho de uvas (hebr. *eschol ECHOD*). Núm. 13:23. Ora, desde que haveria centenas de grãos de uva nesta única haste, par certo não se tratava de uma *unidade solitária* ou absoluta, contudo a palavra *echod* é aí empregada para descrever o cacho. É conclusivo que as uvas eram consideradas *uma* no sentido de serem da mesma origem, o que prova tratar-se de uma *unidade composta*.

Deus é uma "unidade composta". Lemos em Gênesis cap. 18 de que três varões visitaram Abraão na tenda sob os carvalhais de Manre. Dois deles eram anjos (Gên. 19:1), mas o terceiro se apresenta como Jeová Deus, nada menos de catorze vezes. Este terceiro visitante permaneceu e conversou com Abraão, e depois partiu. Mas com relação a Sodoma e Gomorra, diz: "*Descerei e verei* se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até a Mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei". Gên. 18:21. E no verso 33, lemos: "Tendo cessado de falar a Abraão, *retirou-Se Jeová*."

Abraão esteve face a face com Jeová, mas dizem as Escrituras (S. João 1:18): "Ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito que está no seio do Pai [o Filho], é quem O revelou." Ninguém pode contemplar face a face o Pai, no seu resplendor, pois morreria fulminado, mas pode ver a Deus através da Segunda Pessoa da Trindade. Isto destrói a idéia da "unidade solitária". Com relação *ao Pai*, afirma Jesus: "Deus é espírito. (...) O adorem em *espírito* e verdade. (...) O Pai que me enviou (...) jamais tendes ouvido a Sua voz, nem vista a Sua forma". S. João 4:24; 5:37.

Quando lemos em Gên. 19:14: "Então Jeová fez chover enxofre e fogo DA PARTE DE JEOVÁ sobre Sodoma e Gomorra", a conclusão irreversível é esta: Deus, o Pai fez chover o fogo sobre as cidades, e

Deus, o Filho, foi quem falou e comeu com Abraão e Sara. Duas pessoas, sendo ambas chamadas Jeová (Gên. 18:21; 19:24; conferir com Isa. 9:6 e Miq. 5:2) e ambas as Pessoas são *UM* (echod) com o Espírito Santo na "unidade composta": um só Deus. Deut. 6:4. É o que as Escrituras revelam.

ALTERAÇÕES E INOVAÇÕES DOCTRINÁRIAS

Com o repentino falecimento de Russel, o manto pontifical da Sociedade Torre de Vigia, foi, de bom grado, aceito por José Franklin Rutherford, apesar de ter de enfrentar alguma resistência de certas áreas do movimento. O antigo advogado da entidade era conhecido por "Juiz", pelo fato de ter exercido por algum tempo o cargo de juiz da Oitava Vara Judicial do Foro de Boonville (*Eight Judicial Circuit Court of Boonville*), no Estado de Missouri. Era um tipo imponente. Bem apessoado, altivo, usando colarinho alto "à Rui Barbosa", gravata borboleta, monóculo, bengala, quase sempre enfarpelado num fato escuro, dono de uma voz potente e bem entonada, era, de fato, uma personalidade insinuante.

Contra ele, no entanto, pesam duas acusações sérias: a de uso excessivo de bebidas alcoólicas, e a de empregar linguagem dura e inconveniente, principalmente quando se encolerizava.

Dois anos depois de empossado na suprema direção do movimento jeovista, foi preso e remetido à Penitenciária Federal de Atlanta por violação da chamada "Lei da Espionagem", ou como consta do Processo, "por aconselhar a evasão ao recrutamento militar durante a Primeira Grande Guerra". Foi solto em 1919, e soube capitalizar o episódio, retornando com ares de mártir e de herói.

Rutherford não era menos enfatuado nem menos presunçoso do que Russell. Por exemplo, no livro *Why Serve Jehovah?* (Por que servir a Jeová?), página 62, ele declara, cheio de empáfia, ser o próprio "intérprete de Jeová para esta época" e que Deus designou suas palavras como "palavras que são a expressão do mandato divino". Aos que dele discordavam, ameaçava com a condenação, isto é, que "não sobreviveriam ao Armagedom".

Russell havia elaborado uma complexa tabela profética para apurar a data da volta de Cristo, baseada nas medidas da Grande Pirâmide do Egito. Rutherford sempre havia concordado com o disparate, que fora

reeditado na reimpressão do *Studies in the Scriptures* por ordem do mesmo Rutherford, mas apercebendo-se da fragilidade dessa fantasia, foi aos poucos lançando descrédito sobre ela, e em 1929, com grande alarde, anunciou que essa idéia devia ser definitivamente abandonada pelos seguidores de Jeová.

Houve tremendo rebuliço nos arraiais russelitas. Mas Rutherford não admitia divergências. Era despótico, e nessa ocasião demonstrou mais uma vez sua dominação unipessoal. Ao denunciar o esquema "piramidal" de Russell, averbando-o de "frustrada tentativa de buscar a vontade de Deus fora das Escrituras", milhares, milhares mesmo de seguidores daquela teoria abandonaram o movimento devido às explosões coléricas do "Juiz" que os ameaçou de "sofrerem a destruição caso não se arrependessem e reconhecessem a vontade de Jeová expressa mediante a Sociedade de que ele era Presidente". Há menção deste fato no livro *O Reino*, página 14, escrito por Rutherford em 1933.

Para impressionar seus adeptos com um sinal visível de que a Sociedade era autêntica representação divina na Terra, nesse mesmo ano J. F. Rutherford decide construir na Califórnia a riquíssima mansão denominada **Bet-Sarim** para ser futura morada dos fiéis da antigüidade ressuscitados, na mais desbragada exploração da credulidade pública de que se tem notícia. Para os leitores que não estejam muita propensos a crer neste absurdo, o fato é que dita mansão foi mesmo construída, e nela habitou e faleceu o "Juiz". Mas a melhor prova, achamo-la no transcrito do livro *Salvação*, páginas 275 e 276, editado pelos jeovistas:

"Em San Diego, Califórnia, Estados Unidos, há um terreno pequeno, no qual, em 1929, construiu-se uma casa, que se conhece como Bet-Sarim. As palavras hebraicas **Bet-Sarim** significam 'Casa dos Príncipes'; e o intento de adquirir essa propriedade e edificar a casa foi para que houvesse alguma prova tangível de que existem pessoas na Terra que acreditam em Cristo Jesus e em seu reino, crendo que os fiéis da antigüidade serão brevemente ressuscitados pelo Senhor, voltarão à Terra, e se encarregarão dos negócios visíveis da Terra. A escritura de Bet-Sarim está feita em nome da Watch Tower Bible & Tract Society,

para ser usada presentemente pelo presidente da Sociedade e seus adjuntos, **ficando depois disso para sempre à disposição dos Príncipes da Terra** acima mencionados (...). Ela ali permanece como um testemunho ao nome de Jeová; e quando os príncipes voltarem, se alguns deles fizerem uso dessa propriedade, isso confirmará a fé e a esperança que induziu a edificação da Bet-Sarim".

Sem comentários, a não ser dizer que os grifos são nossos.

E Rutherford viveu plácida e nababescamente naquela riquíssima mansão. Por algum tempo manteve, *in totum*, as doutrinas de Russell, mas notando que muitas delas eram insustentáveis, foi introduzindo alterações. À guisa de exemplo, citamos a seguinte:

Motivado pelo fato de, em 1914, não ter ocorrido o que Russell havia inicialmente profetizado no Vol. III de *Studies in the Scriptures*, de Russell, edição Brooklyn 1801, e reimpressa em 1910, à página 228 há a seguinte passagem:

"Torna-se manifesto que o livramento dos santos **terá de se realizar ANTES** do ano de 1914. (...) Sobre **quanto tempo ANTES** de 1914 os últimos membros vivos do corpo de Cristo serão glorificados, não temos informações precisas".

Pois bem! O mesmo trecho, no III Vol. de *Studies in the Scriptures*, de Russell, na edição de 1923, em plena era rutherfordiana, foi alterado e acha-se expressa nestes termos:

"Torna-se manifesto que o livramento dos santos **terá de se realizar logo DEPOIS** do ano de 1914. (...) Sobre **quanto tempo DEPOIS** de 1914 o último membro vivo do corpo de Cristo será glorificado, não temos informações precisas".

Não vamos comentar. Apenas devemos dizer que os grifos e versais foram por nós acrescentados para realçar o contraste.

O que Russell havia, de início, profetizado para 1914 era simplesmente o estabelecimento literal e material e visível do reino de Cristo, e a destruição deste mundo. Como nada disso ocorresse, então o próprio Russel ensaiou outra hipótese: de que em 1914 foi o fim *cronológico* do "tempo dos gentios". E assim, lançou a semente da idéia

de que a profecia devia passar de um plano material para um plano espiritual. Rutherford, hábil advogado, aproveitou a idéia, desenvolveu-a, deu-lhe novas roupagens, transformando-a em dogma da seita.

No depoimento de William J. Schnell, ex-testemunha de Jeová, que por trinta anos esteve integrado no movimento russelita, "Russell organizara um gráfico denominado 'O Plano Divino Sobre as Eras' que apontava para 1914 como a data fatal do fim do mundo e da ascensão corporal de todos os santos que pertenciam à Torre de Vigia, datando daí também o começo da batalha do Armagedom".

Ora, Rutherford resolveu modificar a interpretação dos "acontecimentos de 1914", formulando a seguinte doutrina até hoje em vigor entre os jeovistas:

"Cristo Jesus, de fato, retornou à Terra em 1914, porém de maneira invisível, e em 1918 entrou subitamente no Seu templo. Essa segunda parte da 'profecia', Rutherford baseou nas Palavras de Mal. 3:1: "(...) de repente virá ao Seu templo o Senhor (...)".

A informação é do ex-jeovista Schnell (*Another Gospel*, p. 9). Rutherford tanto ficou induzido pela idéia de que em 1914 despontara a era milenial e já era caminho para o final Armagedom que, em 1920, em seu famoso livro *Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão*, profetizou, sem a menor cerimônia, que no ano de 1925 Abraão, Isaque e Jacó e outros fiéis ressuscitariam fisicamente como representantes da nova ordem.

Se os leitores não estão propensos a crer nesse disparate, aí vai a reprodução do que se acha à página 88 do citado livro:

"A principal coisa a ser restaurada é a raça humana, restaurada à vida; e uma vez que outros textos da Escritura afirmam claramente que haverá ressurreição de Abraão, Isaque e Jacó além de outros fiéis da antigüidade, e que estes serão os primeiros favorecidos, **podemos esperar que o ano de 1925 testemunhe a volta das fiéis homens de Israel** do estado da morte, sendo **ressuscitados** e plenamente restaurados à perfeita humanidade, e tornados **visíveis**, representantes legais da nova ardem de coisas na Terra". – (Grifos nossos).

E não é só. O mesmo disparate acha-se repetida nas páginas seguintes:

"Podemos esperar confiantemente que 1925 assinale a volta de Abraão, Isaque e Jacó e as fiéis profetas da antigüidade. (...) Está a entrar a nova ordem e 1925 assinalará a ressurreição dos fiéis a dignatários de outrora e o início da reconstrução (...) é razoável concluir que milhões de pessoas agora na Terra nela ainda se acharão em 1925. Então, baseados nas promessas salientadas na Palavra divina, podemos chegar à conclusão positiva e inquestionável de que milhões dos que agora vivem jamais morrerão". – **Idem**, pp. 89, 90 e 97.

Desnecessário será dizer que tal não ocorreu.

Em 1933 houve certa onda de perseguições contra as "testemunhas" (pois a partir de 1931 passaram a adotar a denominação de "testemunhas de Jeová" numa vã tentativa de apagar o ranço russelita do movimento). Reagindo violentamente, o "Juiz" desafiou o Papa ou qualquer purpurado da Igreja Romana a debater com ele o problema das "testemunhas". (Ver *Religious Intolerance – Why?* [Por que a Intolerância Religiosa?] p. 41).

Ninguém o tomou a sério. Foi ignorado, e isso o deixava impaciente e nervoso, a proferir e gravar mensagens grosseiras e violentas. Não encontrando eco às suas pretensões, desafiou também o Concílio Federal das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos (protestante) para um debate no rádio. A resposta foi o silêncio. Era como se não existisse o "Juiz" e suas fanfarronices!

Em 1939, demitiu injustamente, por mera perseguição, o chefe do departamento legal das "testemunhas", Sr. Olin Moyle. O prejudicado, em represália, moveu ação de difamação contra Rutherford e contra vários membros da diretoria da Sociedade Torre de Vigia, e *ganhou a ação no Judiciário* em 1944 (dois anos após a morte de Rutherford, vitimado de câncer) e a Sociedade Torre de Vigia, com a pecha de caluniadora, teve de pagar a Moyle 25.000 dólares por perdas e danos.

Sucedendo a Rutherford em 1941, empossou-se como Diretor da Sociedade Torre de Vigia o Sr. Nathan Homer Knorr, responsável pela Escola de Treinamento Missionário de Gilead (South Lansing, NY).

Organizou a monumental concentração jeovista em agosto de 1958 no *Yankee Stadium*, onde se reuniram 252.000 pessoas (ver reportagem em "Seleções" de outubro de 1958).

Knorr aceitou o russelismo em 1911, esteve no movimento nas fases de Russell e de Rutherford. Era empacotador de livros na sede da Sociedade em Brooklyn. Em 1932 tornou-se gerente geral dos escritórios de publicidade de Brooklyn. Em 1934 foi eleito membro da diretoria da Sociedade, até que em 1942 foi guindado à Presidência onde se mantém.

E exatamente neste ano surgem as primeiras manifestações de uma nova doutrina, estranha ao próprio Rutherford. Cochichava-se nos corredores da sede da organização Torre de Vigia que a transfusão de sangue era proibida pela Bíblia. Pode-se afirmar, com segurança, que oficialmente a doutrina da "transfusão de sangue" entrou na teologia jeovista no dia 1.º de julho de 1945, quando pela primeira vez, o órgão da entidade, *The Watch Tower*, trata abertamente do assunto num artigo intitulado "Santidade do Sangue", afirmando entre outros disparates que "a transfusão do sangue humano constituía violação do concerto de Jeová, mesmo quando está em jogo a vida do paciente".

Isto levantou uma onda de protestos das associações médicas americanas. O noticiário dos jornais de várias partes do mundo acha-se repleto de episódios em que pacientes jeovistas morreram por não permitirem a transfusão salvadora. Preferem morrer, e também *deixar os outros morrerem*, mas não admitem a transfusão de sangue.

Para finalizar, mais duas palavras ainda sobre o segundo presidente. A eleição de Rutherford, feita na base da cabala – segundo nos informa Paul S. L. Johnson, em "Merariism" (Vol. VI de *Epiphany Studies in the Scriptures*), deu origem a uma cisão na seita, da qual resultaram várias ramificações: "The Dawn Bible Students" (os "auroristas", dos quais encontramos alguns membros no Brasil), os "Epifanistas", a "Layman Home Missionary Movement" (Movimento Missionário Doméstico de Leigos), "Standfast Movement" (Movimento da Posição Firme), "The Elijah Voice" (A Voz de Elias). Com exceção dos dois primeiros, os

demais se diluíram. Os "auroristas" exercem grande atividade nos Estados Unidos, onde mantêm famoso programa radiofônico denominando "Frank and Ernest", ouvido em mais de 300 emissoras. Editam a revista "The Dawn" (A Aurora) com perto de 30.000 assinantes. Mantêm quase intactos os ensinamentos de Russell, inclusive a teoria da "Pirâmide", e afirmam que Rutherford foi um usurpador da Sociedade Torre de Vigia, que desvirtuou a mensagem russelita, levando-a por novos e estranhos caminhos!

Ainda sobre o temperamento de Rutherford, reproduzimos duas informações de Paul S. L. Johnson, no volume *Merariism*, em polêmica com o "Juiz", e que não foram contestadas. A primeira é sobre a truculência de Rutherford, escrita em 1917, após a posse no cargo. Trechos extraídos das páginas 71, 80, 81 e 82.

"No dia 17 de Julho (...) deu-me o ultimatum: 'Daremos um jeito em você'. Disse-o tão irado, vociferando e gritando que podia ser ouvido a mais de 50 pés. (...) Os quatro irmãos que dissentiam dele por causa do controle da entidade estavam no Tabernáculo quando se chamou um soldado da polícia para expulsá-los de lá. (...)

"No dia 27 de julho, na encerramento da reunião da 'People's Pulpit Association' (...) ele [Rutherford] **extremamente irado**, levantou-se, dizendo: 'Então será a guerra', querendo dizer que dali por diante estaria disposto a tudo, até à violência. (...)

"Ficou exaltado e vociferou: 'Você ocasionou rompimento na Igreja Britânica'. Repliquei-lhe que a culpa era dele. Ainda mais irado, gritou-me que abandonasse Betel [o local onde estávamos]. (...)

"Retruquei-lhe que apelara para a Mesa (...) mas se ele exigia minha retirada, eu atenderia já. **Nesta altura, ele perdeu completamente o autodomínio. Para fazer valer sua ordem, precipitou-se sobre mim, berrando: 'Ponha-se na rua'. Agarrando-me fortemente pelo braço, sacudiu-me com violência que quase me fez cair. Tal foi a violência do aperto em meu braço que, se eu não fosse musculoso, por certo, ele me teria esfolado ou produzido marcas negras e azuis no braço.** Chamei a atenção das presentes para o fato de ele [Rutherford] estar empregando violência física contra a minha pessoa. O Sr. A. H.

Macmillan, saltando ao lado dele, **evitou que uma de suas mãos descesse sobre mim golpeando-me na cabeça, e conseguiu afastar a outra mão de Rutherford que segurava meu braço. Mas ele continuou me maltratando** (...) deixei o cômodo, magoado por este exibição de truculência".

E ainda da página 416 desse livro polêmico, escrito em plena era rutherfordiana, extraímos o seguinte sobre uma recaída espiritual do "Juiz":

"Relatarei um incidente que é a chave parcial para revelar seu estranho procedimento desde 1916 [procedimento de Rutherford]: Quando ele e eu, em 1915, estávamos andando no hotel em que nos hospedamos, depois da última assembléia da Convenção de Oakland, Califórnia, ele, segurando-me pelo braço, começou a chorar. Indaguei-lhe a razão disso, e ele declarou ser o esfriamento de sua espiritualidade, dizendo mesmo que sua espiritualidade estava reduzida a zero. Pediu que eu lhe indicasse um meio de curar sua condição. Sabendo que a Verdade é o poder de Deus que opera em nós o querer e o fazer, perguntei-lhe se estudava diariamente os Volumes [refere-se aos volumes de **Studies in the Scriptures**] como o nosso Pastor [refere-se a Russell) recomendava. Respondeu que havia tantas coisas que lhe desviavam a atenção, que raramente tinha oportunidade de estudá-los".

Apesar disso, dois anos depois, Rutherford assumia a direção mundial da Sociedade de Tratados Torre de Vigia! O livro *Seja Deus Verdadeiro*, pp. 215/6, afirma: "É verdade que (...) homens como (...) *J. F. Rutherford* participaram proeminentemente neste trabalho mundial *como testemunhas de Jeová*, assim como nos tempos antigos Jesus Cristo (...) e muitos outros participaram destacadamente no trabalho servindo por testemunha de Jeová".

Esta comparação é, a nosso ver, sacrílega!

O PRIMEIRO LÍDER

Quando se traz à baila a figura do fundador do movimento, os jeovistas procuram contornar os fatos mediante dois estratagemas: a) afirmar que os fatos imputados a Russell são invenções dos "religionistas", ou b) que não se sentem hoje ligados a Russell e a seus ensinamentos.

Ora, no presente trabalho evitaremos ao máximo os comentários. Deixaremos os documentos falarem por si. E o leitor que tire as conclusões.

1.º Fato: O Divórcio do Corifeu Russelita

Charles Taze Russell faleceu no dia 31 de outubro de 1916, em plena viagem num trem transcontinental, no Texas. Conforme seus últimos desejos, foi sepultado envolto num lençol que lembrava uma toga romana. A edição do dia seguinte (1.º de novembro de 1916) do jornal *The Brooklyn Daily Eagle*, publicou na seção de óbitos o noticiário do falecimento do líder, e uma biografia muito franca, contendo inclusive os fatos desabonadores.

Citaremos literalmente os seguintes trechos alusivos ao seu divórcio. Após seis anos de separação, devido ao temperamento insuportável de Russell, a esposa pediu e obteve o divórcio.

"Um ano depois de ter sido fundada a publicação **The Watchtower**, Russell consorciou-se com Maria Ackley em Pittsburgh. Ela se interessou por ele através de seus ensinamentos, e o ajudou a dirigir a Torre de Vigia. (...)

"A Sociedade [Torre de Vigia] prosperou extraordinariamente sob a administração conjunta do marido e da esposa, mas em 1887 a senhora Russell abandonou o esposo. Seis anos depois, em 1903 ela propôs em juízo a separação. Foi obtida a sentença em 1906 depois de sensacional depoimento, e o 'pastor' Russell foi repreendido pelos tribunais.

"Houve muito litígio desfavorável à pretensão do 'pastor', concernente à ação de alimentos contra ele intentada pela esposa, até que em 1909 foi fixado o pagamento de US\$ 6.036 para a senhora Russell".

O tribunal, condenando o 'pastor', aceitou os motivos apresentados contra ele, a saber, "orgulho, egotismo, prepotência e conduta imprópria para com outras mulheres".

Quando, em 1913, Russell fora outra vez condenado pelos tribunais como "perjuro", na ação contra Ross, um dos fatos que contribuíram para isso foi ter jurado ao promotor público Staunton que jamais a esposa se divorciara dele, e nem fora condenado na ação de alimentos. Contudo uma fácil devassa no foro pôs à calva sua mentira, e foi forçado a confessar o divórcio e os alimentos que teve de pagar à ex-esposa. Tudo isto se encontra na parte final do processo de difamação que Russell moveu a Ross, arquivado na Alta Corte de Ontário.

2.º Fato: As Pregações Fantasmas

Em 1912, Russell decide empreender uma viagem missionária ao redor do mundo, precedido de grandes alardes publicitários. Um jornal secular que jamais o poupava, investigou a excursão do líder em terras além-mar. E na edição de 19 de fevereiro de 1912, o The Daily Brooklyn Daily Eagle, à página 18, publica extensa reportagem com os seguintes títulos e subtítulos:

"OS IMAGINÁRIOS SERMÕES DO 'PASTOR' RUSSELL – RELATÓRIOS IMPRESSOS DE DISCURSOS EM TERRAS ESTRANGEIRAS, QUE JAMAIS FORAM PROFERIDOS – CITAMOS COMO EXEMPLO O DISCURSO 'PROFERIDO' EM HAVAI".

Reproduzimos os seguintes trechos:

"[Russell] está pregando sermões a auditórios imaginários nas ilhas tropicais, e completando suas 'acuradas pesquisas' em termos missionários na China e no Japão, detendo-se poucas horas em cada país. (...)

"Pôs sua tipografia a trabalhar a fim de imprimir, com antecipação, sua literatura que, em grandes quantidades, são enviadas a todos os lugares onde o pregador tenciona visitar. A seguir, comprou espaço em muitos jornais americanos para, como matéria paga, serem divulgados seus sermões imaginários.

"Deixando a Costa do Pacífico, sua primeira parada foi em Honolulu. E lá – coisa prodigiosa! – os jornais cujo espaço havia sido comprado para publicarem matéria paga, estamparam longos despachos que apresentavam os discursos do 'pastor'.

"O jornal local publicou, como matéria paga, um artigo que assim começava: 'A Comissão de Estudantes Internacionais da Bíblia' (Investigação de Missão Estrangeira) fez alto em Honolulu para observações. O Pastor Russell, Presidente da Comissão, proferiu um discurso público, diante de um grande auditório que o ouvia atentamente. Num trecho da sermão, o 'pastor' alude à ilha como sendo o 'Paraíso do Pacífico'. **Disse** textualmente: 'Observo vosso clima maravilhoso e tudo o mais que contribui para formar essa semelhança de Paraíso'.

"A verdade é que o 'pastor' Russell jamais falou na ilha de Honolulu durante as poucas horas que o navio ali se deteve para abastecer-se de carvão. (...)

"O diretor deste jornal escreveu ao redator do **Hawaiian Star** que circula em Honolulu, interessado em apurar a veracidade dos fatos, e eis literalmente a resposta:

'Em resposta à sua indagação de 19 de dezembro a respeito do Pastor Russell, cumpre-me informar que ele esteve aqui por algumas horas juntamente com a Comissão de Estudantes da Bíblia (...) mas não proferiu nenhum sermão como fora anunciado. – Walter G. Smith, redator do **Star**.'

Diga-se, de passagem, que a carta final foi estampada em clichê. A publicação prossegue, referindo-se à estada de Russell em Tóquio. Um jornal local, cujo título traduzido é "Crônica Semanal do Japão" (*Japan Weekly Chronicle*), na edição de 11 de janeiro, reclama que a redação do jornal, por semanas a fio, fora assediada pelos agentes de Russell e sua literatura "como se aquele reverendo e seus asseclas constituíssem uma companhia teatral secular".

Depois de publicar a chegada de Russell a Tóquio, a pregação de um sermão sobre o destino dos mortos, e a volta para a China, tudo escrito em tom de *blague*, conclui seriamente: "A verdade é que toda essa expedição não passou de tremendo artil publicitário". Nada houve de real!

E no famoso processo do chamado "trigo milagroso", que Russell perdeu nos tribunais, também "foi provado que, em muitos casos, os sermões nunca foram proferidos nos lugares referidos".

3.º Fato: A Fraude do Chamado "Trigo Milagroso"

Em 1913 ocorre o escândalo do "trigo milagroso". Do jornal *The Brooklyn Daily Eagle*, de 1.º de novembro de 1916, extraímos o seguinte:

"A publicação de Russell, **The Watchtower** anunciava sementes de trigo à venda por um dólar a libra-peso. Foi denominado 'O Trigo Milagroso', e garantia-se que produzia dez vezes mais do que qualquer outra espécie de trigo. Havia outras pretensões em favor desse trigo, e os adeptos eram aconselhados a comprar as sementes, de vez que o resultado financeiro seria revertido para a Torre de Vigia e aplicado na publicação dos sermões do 'pastor'.

"Por ter este jornal publicado os fatos acerca dessa nova aventura russelita, inclusive estampando uma **charge** a respeito do 'pastor' e seu 'trigo milagroso', o senhor Russell nos moveu uma ação de calúnia, exigindo uma indenização de cem mil dólares.

"No processo, os peritos do Governo examinaram o trigo pelo qual se cobrava um dólar a libra-peso, e eles foram arrolados como testemunhas principais na sessão de instrução e julgamento, o que ocorreu em janeiro de 1913. Ficou patenteado que o chamado 'Trigo Milagroso', nos testes realizados, era de padrão ordinário. Assim o afirmou o laudo dos peritos. Este jornal ganhou a questão nos tribunais".

4.º Fato: O Controle Financeiro da Organização

No decorrer do processo do "trigo milagroso", foi levantada a questão do controle financeiro do império russelita. O citado jornal *Eagle* que acompanhava a tramitação do processo, sendo ele uma das partes em juízo, publica em sua edição de 25 de janeiro de 1913, à p. 16, relatórios financeiros da Sociedade Torre de Vigia, elaborados pelo secretário-tesoureiro Van Amberg. Por eles fica evidenciado que Russell manejava os fundos da organização sem ter que prestar contas a quem quer que fosse. Pressionado em juízo, Van Amberg declarou: "A ninguém temos que dar conta de nossos gastos. Somos responsáveis somente para com Deus".

Ainda quando da ação de divórcio de sua esposa ficou comprovado que as atividades religiosas de Russell se espalhavam através de sociedades subsidiárias. Afirmava o *Eagle*, o jornal processado por Russell:

"Toda a riqueza que fluía para ele, provinda dessas sociedades, estavam sob o controle único de uma original **sociedade por ações** e na qual o 'pastor' mantinha US\$ 990 dos US\$ 1.000 de capital. Os US\$ 10 restantes figuravam como pertencendo a dois adeptos seus".

Isto quer dizer que Russell controlava a Sociedade Torre de Vigia possuindo 99% das ações, e portanto qualquer contribuição à Sociedade era na verdade praticamente para ele.

5.º Fato: O Conhecimento da Língua Grega

Em 1912, um pastor batista de nome J. J. Ross publicou um folheto denunciando as heresias russelitas, dando ênfase no despreparo e à falta de idoneidade de Russell. Este contratou o "juiz" J. F. Rutherford (que depois seria seu sucessor na direção do russelismo), como seu advogado e moveu uma ação de calúnia contra Ross. Russell foi desafiado pelo advogado de Ross a provar que tinha credenciais de ministro religioso

bem como conhecimentos humanísticos. Russell jurara sobre a Bíblia dizer a verdade, só a verdade e nada senão a verdade, conforme a tradicional praxe dos tribunais estadunidenses. Afirmou que era pastor ordenado, e conhecia o Grego.

Perdeu a ação em juízo e foi condenado oficialmente como *perjuro*. (Réu por falsidade à fé jurada). Na memorável sessão de março de 1913, o Supremo Tribunal de Ontário deu ganho de causa a Ross. Nos arquivos daquela Suprema Corte há o processo em cuja capa se pode ler: "C. T. Russell contra J. J. Ross" – Ação: Calúnia – Julgado 17 de março de 1913. "No Bill" –

Uma das peças dos autos registra o interrogatório a que o Promotor Staunton submeteu Russell, no que tange ao alardeado e jurado conhecimento de Grego. Ei-lo transcrito *ipsis literis*:

Pergunta (Promotor Staunton) – "O senhor conhece o alfabeto grego?"

Resposta (Russel) – "Sim".

Pergunta (Staunton) – "O senhor pode me dizer os nomes destas letras que o senhor vê?"

Resposta (Russell), hesitante - "Algumas delas (...) talvez eu possa me enganar em algumas delas".

Pergunta (Staunton) – "O senhor quer me dizer os nomes destas letras no alto da página, da página 447 que tenho aqui?"

Resposta (Russell) – "Bem, não sei se serei capaz".

Pergunta (Staunton) – "O senhor pode me dizer que letras são estas? Olhe bem para elas, e veja se pode dizer".

Resposta (Russell) – "Estou em dificuldade (...) (neste ponto foi interrompido)".

Pergunta (Staunton) – "O senhor está familiarizado com a língua grega?"

Resposta (Russell) – "Não".

Dispensa comentários!

6.º Fato: A Questão da Ordenação Pastoral

Tendo jurado perante a autoridade judiciária que era pastor, passou por maus bocados durante o julgamento. Do mesmo processo, extraímos o seguinte tópico de interrogatório:

Pergunta (o advogado de Ross) – "É verdade que o senhor nunca foi ordenado Pastor?"

Resposta (Russell) – "Não é verdade".

A esta altura, o promotor Staunton solicita do magistrado permissão para formular uma pergunta direta ao interrogado, e faz a seguinte:

Pergunta (Promotor Staunton) – "Veja bem: o senhor nunca foi ordenado por um bispo, um clérigo, um presbitério, um concílio, ou por uma corporação de homens vivos?"

Resposta (Russell), depois de longa pausa) – "Nunca fui".

Perdeu em juízo, com a pecha de "perjuro". Interessante é notar que o homem cuja doutrina fulmina os governos constituídos como organização de Satanás, tenha em sua vida pedido abrigo nas cortes de justiça, movendo processos contra todo o mundo, e sempre perdendo!

Para finalizar, reproduzamos uma declaração que se encontra no livro *Seja Deus Verdadeiro*, pp. 215 e 216:

"É verdade que, desde o século dezanove, homens coma C. T. Russell (...) participaram proeminentemente neste trabalho mundial COMO TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, assim como nos tempos antigos, Cristo Jesus, Paulo, João o Batista, Moisés, Abraão, Noé, Abel e muitos outros participaram destacadamente no trabalho servindo POR TESTEMUNHAS DE JEOVÁ". – (Grifos e versais acrescentados, para darem ênfase).

As conclusões ficam a cargo dos leitores.

A CARGA INCÔMODA

O trêfego C. T. Russell escreveu seis volumes doutrinários denominados *Studies in the Scriptures* [Estudos nas Escrituras], que deviam ser considerados como oráculo divino. Que o autor arrogantemente colocou sua produção humana acima da Bíblia é um fato que os atuais seguidores da seita procuram negar categoricamente. No entanto aqui está a prova irrefragável: um artigo da autoria do próprio Russell publicado em *The Watchtower* [A Torre de Vigia] de 15 de setembro de 1910, à p. 208, do qual destacamos e reproduzimos o seguinte tópico:

"Se os seis volumes de **Studies in the Scriptures** constituem praticamente a Bíblia arranjada em tópicos comprovados com textos bíblicas, poderíamos com propriedade denominar os volumes "A Bíblia Numa Forma Lógica". Ou seja, não são comentários da Bíblia, mas **são praticamente a própria Bíblia**. Além disso, vimos não só que **as pessoas não podem compreender o plano de Deus estudando a Bíblia de ver si**, mas também que se alguém deixar de lado o **Studies in the Scriptures** mesmo depois de os ter usado, depois de ter-se familiarizado com eles, depois de os ter lido por dez anos – se essa pessoa os deixa de lado ou os passa por alto, e vai à Bíblia somente, embora a tenha entendido por dez anos, a nossa experiência mostra que dentro de dois anos **ele cai em trevas**. Por outro lado, se ele apenas leu o **Studies in the Scriptures** e suas referências, **e não tenha lido sequer uma página da Bíblia**, ELE ESTARÁ NA LUZ no fim de dois anos, Porque terá a luz das Escrituras". (Grifos e versais acrescentados para darem ênfase).

Sem comentários!

Tão gritantes são os aspectos negativos do pioneiro russelita, que as atuais "testemunhas de Jeová", não podendo fugir à *evidência*

esmagadora das fatos, enveredam por outro caminho: procuram negar sua relação com Russell. Dizem hoje:

"Não somos 'russelitas', pois não seguimos a Charles T. Russell ou qualquer outro homem imperfeito. Um exame sincero de nossa literatura atual logo revelará que ela difere daquela de Russell, apesar de ter sido ele o primeiro presidente da nossa sociedade". – (Trecho de uma carta enviada por Nathan H. Knorr, atual presidente da Sociedade Torre de Vigia ao Sr. Norman H. Klann, co-autor do livro **Jehovah of the Watch Tower**).

Uma declaração mais explícita temo-la na revista *AWAKE* (Desperta), de 8 de maio de 1961, página 26:

"(...) mas quem está pregando o ensina do Pastor Russell? Certamente não as Testemunhas de Jeová! Elas não podem ser acusadas de o seguir, pois **NEM O CITAM COMO AUTORIDADE nem publicam nem distribuem os escritos dele**".

Tudo isto nada mais é do que um esforço desesperado para se desembaraçarem de uma carga incômoda e comprometedora, como veremos. É como tapar o Sol com a peneira. Com este expediente querem enganar seus semelhantes. E vamos mostrar que assim é, alinhando alguns fatos indesmentíveis:

1. A obra fundamental dos jeovistas *Seja Deus Verdadeiro*, diz à página 214 que, na fase moderna, as "testemunhas" começaram em 1872 com a classe bíblica instituída por Russell. E à página 215 e 216 afirmam categoricamente que Russell era "'testemunha de Jeová".

2. J. F. Rutherford, o sucessor de Russell na chefia da seita, fora por este contratado como procurador da Sociedade Torre de Vigia.

3. A atual revista que eles editam "Torre de Vigia, Anunciando o Reino de Jeová" (nome em português) é mera sucessora da "Revista Torre de Vigia de Sião" (nome em português) fundada em 1870 por Russell.

4. A própria organização, a Sociedade Torre de Vigia (em inglês *Watchtower Bible and Tract Society*) é simples sucessora da *Zion's Watchtower Tract Society* (antigo nome da mesma sociedade) fundada por Russell em 1884.

5. As doutrinas ensinadas por Russell sobre a Trindade, a Pessoa de Cristo, a Ressurreição de Cristo, a Volta de Cristo, o Inferno, especialmente a famosa Cronologia profética de 1914, e outras são exatamente as mesmas hoje ensinadas pelos jeovistas.

6. A sede da organização em Brooklyn é ainda do tempo de Russell que para lá a transferiu em 1908.

7. Os volumes escritos por Russell denominados *Studies in the Scriptures*, após sua morte foram reeditadas em 1923 por ordem de Rutherford apenas oito anos antes de a seita sentir necessidade de mudar sua denominação para "testemunhas de Jeová".

8. Nos funerais de Russell, o "Juiz" Rutherford fez inflamado discurso diante do cadáver do pioneiro, com frases elogiosas ao "caro irmão Russell, fiel até à morte". Disse textualmente:

"Nosso irmão não dorme na morte, mas foi instantaneamente transformado da natureza humana para a divina".

Com isso quis dizer que Russell era dos 144.000 do reino celestial.

9. Quando Russell morreu não houve legado, nem alteração, nem dissolução no que tange à Sociedade, mas apenas mudança de chefia, o que ocorreu em 1916. Rutherford, o novo chefe, vendo que o movimento se comprometia com a má repercussão da vida de Russell decide, em convenção, quinze anos depois, mudar o nome da seita para "testemunhas de Jeová", visando desfazer a pecha de russelitas.

10. Em 1923, Rutherford escreveu um folheto de 50 páginas, intitulado *World Distress – Way and Remedy* (Angústia do Mundo – Por quê, e o Remédio). Nesse trabalho O 'PASTOR' RUSSELL É CITADO nada menos que *dezesseis vezes*; há doze referências elogiosas no livro *Studies in the Scriptures*, de autoria de Russell, e as seis páginas finais

fazem propaganda daqueles volumes que ainda eram considerados oráculo divino.

11. O mesmo Rutherford em outro folheto publicado em 1925, intitulado *Comfort for the People*. Ali cita a cronologia profética de 1914 concebida por Russell, como válida e correta. Nas quatro páginas finais desse panfleto, *recomenda os livros de Russell e faz propaganda deles*.

12. Em 1927 (apenas 4 anos antes de decidirem mudar o nome da seita para "testemunhas de Jeová") a Sociedade Torre de Vigia publicou o célebre livreto "Criação", da autoria de Rutherford, do qual difundiram milhões de exemplares. Dele reproduzimos o seguinte trecho:

"A segunda presença de Cristo data de cerca de 1874.

"A partir dessa época, muitas das verdades por muito tempo obscurecidas pelo inimigo, começaram a ser restauradas para os cristãos sinceros.

"Como Guilherme Tyndale foi usado para chamar a atenção do povo para a Bíblia, assim o Senhor usou Charles T. Russell para chamar a atenção da povo para uma compreensão da Bíblia, especialmente daquelas verdades que foram subtraídas pelas maquinações do diabo e seus agentes. Visto então ser a tempo exato de o Senhor restaurar estas verdades, Ele usou Charles T. Russell para escrever e publicar livros conhecidos como **Studies in the Scriptures** pelas quais as grandes e fundamentais verdades do plano divino são esclarecidas. Satanás tem-se esforçado ao máximo para destruir estes livros porque eles **explicam** as Escrituras. Assim como a versão da Bíblia feita Por Tyndale foi destruída pelo clero, assim o clero em várias partes da terra tem recolhido milhares de volumes de **Studies in the Scriptures**, queimando-os publicamente. Esta impiedade, porém, apenas serviu para anunciar a verdade do plano divino".

13. Na edição de 15 de julho de 195U, *The Watchtower*, p. 216, cita o "pastor" Russell como uma autoridade no que refere à sua cronologia dos 2.520 anos da dominação dos gentios, os quais, segundo os cálculos de Russell, terminariam em 1914. E citam, nesse artigo, reprodução do texto da mesma revista datada de 1880, quando o redator-chefe da publicação era o próprio Russell.

14. A Sociedade Torre de Vigia publicou em 1953 um panfleto intitulado "Testemunhas de Jeová – Comunistas ou Cristãos?" Citam *cinco vezes* os escritos do pastor Russell, mencionando inclusive dois livros dele.

15. *The Watchtower* de 1.º de outubro de 1953 cita o volume IV, página 554 do livro *Studies in the Scriptures* de Russell como argumento válido.

Certamente há outras fontes de informação de que não podemos nos valer, devido às limitações de nossas pesquisas. Mas a que aí está é mais do que suficiente para provar, acima de qualquer controvérsia, os elos indissolúveis RUSSELL-RUTHERFORD no movimento jeovista. E estes se ligam a KNORR (atual papa do jeovismo) numa sucessão ininterrupta.

Os sucessores apenas acrescentaram novas aspectos doutrinários ao arcabouço de Russell. Nada mais! Mas são todos vinho da mesma pipa, e *o movimento é um só*. Todos se fundem no mesmo ideário religioso ariano. Par mais que tentem jamais se livrarão da marca do russelismo, pois a ela se acham umbilicalmente ligados. Uma herança irremovível!

BIBLIOGRAFIA

- The New World Translation of the Christian Greek Scriptures** (Watch Tower Bible and Tract Society), Edição de 1951.
- The New World Translation of the Hebrew Scriptures** (Watch Tower Bible and Tract Society), Vol. 1, 1953.
- Tradução Novo Mundo das Escrituras Gregas Cristãs** (Edição Brasileira), 1863.
- Seja Deus Verdadeiro** (Edição de 1952).
- A Verdade Vos Tornará Livres**, Edição de 1946 (International Bible Students Association).
- Studies in the Scriptures**, volumes I, II e III (o primeiro em castelhano "El Plan de Las Eras", Biblioteca Municipal de São Paulo, o segundo e terceiro volumes em inglês, sendo o II propriedade do Professor Elemer Hasse e a III do missionário E. H. Harris, gentilmente cedidos). Estes livros são da autoria de Russell. As demais citações (dos volumes IV-VIII) foram de segunda mão.
- Criação**, J. F. Rutherford, edição de 1837 (Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia).
- Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão**, J. F. Rutherford, edição de 1923.
- Thirty Years a Watch Tower Slave**, William J. Schnell.
- Outro Evangelho** (opúsculo) W. J. Schnell (I. B. Regular).
- Vida Eterna na Liberdade dos Filhos de Deus** – 1986.
- You May Survive Armageddon into God's New World** (Watch Tower) – 1955.
- Eis que Faço Novas Todas as Coisas** (Torre de Vigia), opúsculo, 1959.
- Vivendo em Esperança de um Justo Novo Mundo** (Torre de Vigia), opúsculo, 1963.
- Awake** (revista) diversos números.

The Brooklyn Daily Eagle (fotocópias de edições de 1913, Jan. 1, pp. 1 e 2; Jan. 22, p. 2; jan. 23, 24, p. 3; jan. 25, p. 16; jan. 27, p. 3; jan. 28, p. 2; jan. 29, p. 16. Também do suo 1912, fev. 19, p. 18; 1916, nov. 1, coluna "obituário".) Emprestadas gentilmente pelo missionário E. H. Harris.

Religious Intolerance – Why?, I. F. Rutherford, 1932.

World Distress – Why and Remedy, J. F. Rutherford, 1823.

Comfort for the People, opúsculo, I. F. Rutherford, 1935.

The Watchtower (Announcing Jehovah's Kingdom), revista, vários exemplares, e algumas fotocópias.

Jehovah of the Watchtower, Martin & Klann, 5.º edição, 1959.

Jehovah's Witnesses. Walter R. Martin, edição de 1957.

The Emphatic Diaglott, Interlinear Greek-English Translation of the New Testament, edição da Watchtower Bible and Tract Society.

A Torre de Vigia, revista, vários números.

A Sentinela, exemplares antigos.

Desperta!, vários números.

A Bíblia Sagrada, várias traduções.

Velho Testamento, em hebraico, duas edições, uma de Norman Henry Snaith, Londres, e outra editada por Rudolf Kittel, Stutgart, Alemanha.

Gramática Elementar da Língua Hebraica, Guilherme Kerr, 1948.

Dicionário Hebraico-Português, Sábado Dinotos.

An Introduction to the Hebrew Grammar, A. B. Davidson, 1927.

Beginners of the Greek New Testament, William H. Davis.

Beginner's Greek Book, Benner and Smith.

Gramática Grega, A. Freire.

Noções da Língua Grega, Arnaldo de Souza Pereira.

First Greek Book, J. W. White.

Introdução ao Estudo do Grego do Novo Testamento Grego, W. C. Taylor.

- Dicionário Grego-Português**, Isidro Pereira S. J.
Analytical Greek Lexicon, Harper.
An English Greek Lexicon, C. D. Young.
The Septuagint LXX Translation, em dois volumes, Stuttgart, Alemanha, edição de 1949.
Thayer's Greek English Lexicon of the New Testament, N. York, 1889 (editado por American Book Company).
A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel of St. John, J. H. Bernard.
A Grammar of the Greek New Testament on the Light of History, Dr. A. T. Robertson, 3.^a edição (N. York).
The New Testament in Greek, D. E. Nestle.
The New Testament in the Original Greek, Wescott and Hort (Macmillan), edição de 1943.
Why Serve Jehovah?, opúsculo, J. F. Rutherford, 1933.
O Logos Eterno, Sabatini Lalli, Confederação Evangélica do Brasil, edição de 1960.
The Seventh-Day Adventist Bible Commentary, (em 7 volumes).
Systematic Theology, A. H. Strong (em 3 volumes).
Greek English Lexicon, Lidell and Scott.
The Epistles of St. Paul, Arthur S. Way, edição de 1931.
Epistles to New Churches, G. B. Phillips, edição de 1948.
Russellism Unveiled, W. Edward Biederwolf.
A Pessoa de Cristo, G. C. Berkouwer (Aste, São Paulo), 1964.
Merariism (Epiphany Studies in the Scriptures). Paul S. L. Johnson, edição de 1938.
Estudando a Bíblia com os Originais Hebreus e Gregos, Bernardo Castex C., edição de 1965.
The Triune God, Dr. C. Normam Bartlett.
The Trinity, L. Boettner.
A Doutrina da Trindade (enfeixando os trabalhos de L. Boettner, e Benjamim Warfield), edição portuguesa.

A Doutrina da Trindade no Velho Testamento, Antônio Neves Mesquita, edição de 1956.

Beyond the Personality, C. S. Lewis.

Dicionários Bíblicos, diversos.

Concordâncias, diversas.

O Reino, I. F. Rutherford, 1933.

International Critical Commentary, John Skinner.

Luz Sobre os Fenômenos Pentecostais, E. Hasse, edição de 1964 (sobre a natureza e obra da Espírito Santo).

Artigos: "Religião e Ciência", Prof. Flamínio Fávero, em **Fé e Vida**, edição de março de 1939; "Os Caixeiros-Viajantes de Jeová", Bill Davidson, em **Seleções**, 1947; "As Testemunhas de Jeová e Jesus Cristo", Bruce M. Metzger, em **Revista Teológica**, Campinas, 1952; "Sistema Doutrinário das "Testemunhas de Jeová", Júlio Andrade Ferreira, em **Revista Teológica**, (Campinas), dezembro de 1860; "Cristo Nosso Senhor" (série de 4), em **O Ministério Adventista**, números 3, 4 (1964), e 5 e 6 (1965) de W. E. Read.

Some Facts and More Facts About the Self-styled Pastor – Charles T. Russell, J. J. Ross, edição de 1913.

Os Ensinamentos das "Testemunhas de Jeová" à Luz da Palavra de Deus, opúsculo, L. H. Olson, CPB.

SDA Answer Questions on Doctrine, Review and Herald, edição de 1957.

Armagedom, opúsculo, J. F. Rutherford, 1937.

Livros publicados pela "Dawn Bible Student Association" (ramo dissidente do Russelismo): **Creation** (opúsculo), "When Pastor Russell Died" (opúsculo).